

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
VARIANTE DE ESTUDOS DE MÉDIA E
JORNALISMO

O jornalismo de proximidade nos programas «Territórios» e «Mundo Local»

Luís Alberto Bandeira Vigário

M

2016



Luís Alberto Bandeira Vigário

**“O jornalismo de proximidade nos programas «Territórios» e
«Mundo Local»”**

Relatório de estágio realizado no âmbito do Mestrado em Ciências da Comunicação,
orientado pelo Professor Doutor Paulo Frias da Costa

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

setembro de 2016

O jornalismo de proximidade nos programas «Territórios» e «Mundo Local»

Nome do Estudante

Relatório de estágio realizado no âmbito do Mestrado em Ciências da Comunicação,
orientado pelo Professor Doutor Paulo Frias da Costa

Membros do Júri

Professor Doutor Paulo Frias da Costa
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professora Doutora Ana Isabel Crispim Mendes Reis
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professor Doutor Luís António Martins Santos
Instituto de Ciências Sociais - Universidade do Minho

Classificação obtida: 17 valores

Sumário

Agradecimentos	7
Resumo	8
Abstract.....	9
Índice de Tabelas	10
Índice de Imagens	11
Introdução	13
I - Jornalismo de Proximidade.....	15
II - Televisões Regionais	21
II.I – História das Televisões Regionais na Europa e em Portugal	21
II.I – Noticiabilidade no cerne das televisões regionais	29
III - O Porto Canal	32
III.I – Apresentação da empresa	32
III.II – Experiência Pessoal	43
III.II.I – Departamento Online.....	43
III.II.II – Agenda / Produção de informação	44
III.II.III – Jornalismo Televisivo	48
IV - Programa “Territórios” / “Mundo Local”	49
IV.I – Proximidade no Porto Canal	49
IV.II – Metodologia.....	52
IV.III - Análise de dados	53
Conclusão	71
Bibliografia.....	74
Recursos Eletrónicos	76
Anexos.....	79

Entrevistas	79
Notícias Online	101

Agradecimentos

Antes de mais quero agradecer à minha família, em especial, aos meus pais, por me terem dado sempre liberdade nas minhas escolhas, e nunca as terem questionado, apenas me apoiaram durante todo o meu percurso académico. E por terem ficado sempre na bancada a torcer pelas minhas vitórias, a vibrarem com as minhas conquistas e a darem-me a mão durante as minhas derrotas.

Em segundo lugar, devo agradecer a todos os que fizeram parte deste percurso de 17 anos. Aos amigos, às gargalhas que demos, às frustrações que partilhamos, às pequenas lições de altruísmo e de tolerância que foram criando as personalidades de cada um de nós. Também, um agradecimento aos professores, cuja profissão é ingrata, pois nem sempre o seu trabalho é imediatamente reconhecido, mas a verdade é que todos percebemos a importância destes nas nossas vidas, nem que seja porque nos ajudaram a moldar as nossas personalidades. Mas obrigado a todos estes (amigos e professores), especialmente, àqueles que acreditaram mais em mim do que eu próprio, e muitas vezes, era exatamente dessa força adicional que eu precisava para ‘lá chegar’, fico-vos eternamente grato.

À minha segunda família, à família Porto Canal, por tudo: pela paciência, pela preocupação, pela disponibilidade total, pelas palavras de encorajamento e por acreditarem em mim e nas minhas capacidades. Obrigado por me fazerem sentir em casa, desde o primeiro dia de estágio, e por tudo o que me ensinaram.

Finalmente e não menos importante, quero agradecer ao prof. Paulo Frias, por toda a dedicação, disponibilidade e preocupação, durante todo o processo de elaboração deste trabalho. Obrigado por todas as sugestões, críticas e comentários que me permitiram ir melhorando a qualidade deste relatório de estágio.

Resumo

Desde o início que uma das principais características do Porto Canal é a proximidade. É algo que surge muito explícito na sua grelha de programação, com diversos programas direcionados para o Norte do país, que surge com a vontade de demonstrar o que de melhor se faz nessa zona de Portugal. Nesse âmbito, em 2013 surge o “Territórios”, um programa que confirma a vontade do canal de fazer jornalismo de proximidade, que vai ao encontro das pessoas e lhes dá voz.

Este trabalho surge com o objetivo de compreender se, de facto, este cariz de proximidade que o Porto Canal e mais especificamente, o programa “Territórios” – que, entretanto, terminou e deu lugar ao “Mundo Local” [que é basicamente uma atualização do formato anterior] – se compromete a fazer, é realmente cumprido. Para tal, fiz uma análise entre as diversas variáveis que fazem parte de um bloco informativo (editoria, local, género, etc...) e através dessas perceber, por exemplo, se o número de notícias durante 2 semanas (submetidas a estudo) é distribuído uniformemente entre as diversas regiões do Norte do país.

Os resultados demonstram que o cariz de proximidade continua a ser uma das missões do canal e que de facto, o cuidado em ‘chegar às pessoas’ está ainda bem presente na redação do canal, que se pretende apresentar como alternativa às demais generalistas.

Palavras-chave: Porto Canal, Mundo Local, Territórios, Jornalismo de Proximidade, Jornalismo

Abstract

Since the beginning of Porto Canal, that one of its main characteristics was the proximity. That's rather explicit in its TV guide, which is filled with shows targeted to the North side of the country, and that has a strong will to demonstrate what the best is done in that specific area of Portugal. So, in this context, in 2013 it debuts "Territórios", a brand new show that confirms Porto Canal's will to accomplish proximity in journalism, to make it closer to the people and to give them a voice.

This paperwork has the goal to understand if, in reality, this Porto Canal's will of proximity and more specifically, in the TV show "Territórios" – which, however, has ended and gave place to a brand new show called "Mundo Local" [which is basically an upgrade of the former show] – that it commits to do, it's actually fulfilled. In order to accomplish that, I did an analysis that gathers the different variants that forms a TV news show (editorial, local, genre, etc...) and through those understand, for instance, if the number of news during the 2 weeks (that I've studied) is uniformly distributed between the various regions of the North of Portugal.

The results show that the will to do proximity in journalism is still one of the missions of the channels and in fact, the attention to be 'closer to the people' is still very present in the newsroom of the channel, who wants to present itself as an alternative to the others TV channels.

Keywords: Porto Canal, Mundo Local, Territórios, Journalism, Proximity

Índice de Tabelas

Tabela 1- Estudo de Cristina Rebelo sobre o consumo do Porto Canal nas diferentes operadoras.....	42
Tabela 2 - Crosstabulation entre as variáveis programa e local	54
Tabela 3 - Crosstabulation entre as variáveis programa, parte e local	57
Tabela 4 - Crosstabulation entre as variáveis programa, editorial e local	63
Tabela 5 - Crosstabulation entre as variáveis programa, género e local	67

Índice de Imagens

Figura 1- Grelhas de Programação de julho de 2011 e janeiro de 2012.....	36
Figura 2 - Logótipos do Porto Canal de 2006-2008 // 2008-2011 // 2011- 2016 // 2016 - ?	38
Figura 3 - Novos logótipos do Porto Canal	38
Figura 4 - Antigos estúdios do Porto Canal.....	39
Figura 5 - Novos estúdios do Porto Canal.....	40
Figura 6 - Mapa da área de cobertura do Porto Canal	47
Figura 7- Gráfico da comparação entre as variáveis programa e local	54
Figura 8- Comparação entre as variáveis programa, parte e local [Tâmega e Sousa]....	58
Figura 9 - Comparação entre as variáveis programa, parte e local [Grande Porto]	59
Figura 10 - Comparação entre as variáveis programa, parte e local [Guimarães].....	59
Figura 11 - Comparação entre as variáveis programa, parte e local [Aveiro].....	59
Figura 12 - Comparação entre as variáveis programa, parte e local [País]	60
Figura 13 - Comparação entre as variáveis programa, parte e local [Internacional].....	60
Figura 14 - Comparação entre as variáveis programa, parte e local [Douro].....	60
Figura 15 - Comparação entre as variáveis programa, parte e local [Trás-os-Montes]..	61
Figura 16 - Comparação entre as variáveis programa, parte e local [Entre Douro e Vouga]	61
Figura 17 - Comparação entre as variáveis programa, parte e local [Alto Minho]	61
Figura 18 - Comparação entre as variáveis programa, parte e local [Braga]	62
Figura 19 - Comparação entre as variáveis programa, editorial e local [Territórios]	65

Figura 20 - Comparação entre as variáveis programa, editorial e local [Jornal Diário I]	65
Figura 21 - Comparação entre as variáveis programa, editorial e local [Mundo Local]	66
Figura 22 - Comparação entre as variáveis programa, editorial e local [Jornal Diário II]	66
Figura 23 - Comparação entre as variáveis programa, género e local [Territórios]	67
Figura 24 - Comparação entre as variáveis programa, género e local [Jornal Diário I].	68
Figura 25 - Comparação entre as variáveis programa, género e local [Mundo Local] ..	68
Figura 26 - Comparação entre as variáveis programa, género e local [Jornal Diário II]	69

Introdução

Este trabalho surge no âmbito de um estágio curricular realizado na empresa Porto Canal, entre setembro de 2015 e janeiro de 2016. Durante cinco meses, integramos a equipa da estação televisiva, tendo passado pelas várias das fases que qualquer estagiário curricular passa quando integra a equipa do Porto Canal: produção de informação, jornalismo online e jornalismo televisivo.

Durante a passagem tivemos a oportunidade de observar (na “primeira fila”) como o Porto Canal tratou alguns dos grandes momentos que fizeram parte desses cinco meses: os atentados de Paris, a libertação de José Sócrates, assim como presenciamos toda a cobertura das eleições legislativas e presidenciais.

Desde o surgimento do Porto Canal que a estação televisiva se orgulha de fazer televisão de “proximidade”, onde o importante são as pessoas e são estas que têm um papel central nas notícias divulgadas pelo canal. Aliás o programa “Mundo Local” (anteriormente designado por “Territórios”), tem como grande bandeira o “jornalismo de proximidade”, pois tal como é possível ler-se na sinopse oficial do programa, este oferece “as notícias de que os outros não falam, mas que são parte da vida de cada um. Este é o espaço informativo, para o que acontece na sua terra”. E como tal a grande questão do trabalho – que revelo no parágrafo seguinte – prende-se exatamente pelo facto do jornalismo de proximidade ser uma das bandeiras do canal, daí que seja importante perceber se de facto isso se confirma.

O trabalho está dividido em 4 partes: Jornalismo de Proximidade, Televisões Regionais, O Porto Canal e finalmente, Programa “Territórios” /” Mundo Local”. Na primeira parte do trabalho – “Jornalismo de Proximidade” – caracterizámos este género jornalístico e de que forma este influencia a comunidade e se pode tornar num impulsionador das várias atividades que dizem respeito a cada região/comunidade, sendo responsável-mor pelo seu desenvolvimento. Relativamente à parte “Televisões Regionais”, fizemos primeiramente um levantamento da história das televisões regionais, desde os tempos em que apenas através de pirataria este tipo de televisão era difundido até à oferta atual, assim como abordo a noticiabilidade neste género de televisão. Na terceira parte do trabalho debruçámo-nos sobre a empresa onde estivemos a estagiar durante cinco meses, o Porto Canal: como tal, apresentámos a empresa e a sua história ao

longo dos anos, como forma de contextualização para o enfoque deste trabalho que é o jornalismo de proximidade, nomeadamente, o que é praticado no programa “Mundo Local” e “Territórios”. Também na mesma parte, falámos da experiência pessoal durante o tempo em que estagiámos e explicámos a dinâmica dos diversos departamentos por onde passámos: o departamento online, a produção de conteúdos de informação e finalmente o jornalismo televisivo. Na última parte do desenvolvimento do trabalho é destinada ao estudo de caso: explico o cariz de proximidade no Porto Canal, tendo em vista responder à questão: "Será que o programa "Territórios"/"Mundo Local", pratica o jornalismo de proximidade a que se comprometeu?". Também nesta parte apresentámos os resultados do estudo que realizei para conseguir responder à questão que formulámos para o trabalho em causa.

Em anexo, encontram-se entrevistas realizadas a alguns dos profissionais do Porto Canal, para conseguir completarmos a análise sobre o canal, assim como, para complementar alguns dados específicos sobre a empresa. Para além disso, também seguem em anexo, algumas das notícias que redigimos durante o período do tempo que estivemos no departamento online do Porto Canal.

I - Jornalismo de Proximidade

Os conceitos de jornalismo local e jornalismo regional são aparentemente semelhantes, mas importam, dentro de si, grandes diferenças. Ao nível televisivo, que é o meio de comunicação que me debruço neste trabalho, Francisco Vacas (1999 *apud* Coelho, 2005, p.178) distingue três critérios que permitem melhor compreender as principais diferenças entre ambos os tipos de jornalismo: área de difusão, propriedade e origem. No que diz à área de difusão, as televisões locais destinam-se essencialmente à difusão no município correspondente à cadeia de televisão, por sua vez, as regionais têm uma maior difusão, ficando num “ponto intermédio entre o nacional e o local” (Dias, 2012, p. 9). Quanto à propriedade, Vacas (1999 *apud* Coelho, 2005, p. 178) afirma que ambas podem ser públicas ou privadas, ainda que “o setor público seja o motor da maior parte das regionais”. Finalmente, no que diz respeito à origem, as televisões regionais surgem maioritariamente de movimentos de descentralização de grandes canais de televisão nacionais, já as locais nascem junto da área em que irão ser difundidas.

Apesar das diferenças anteriormente anunciadas, há algo que é comum (ou deve ser comum) a todos os meios de comunicação regionais ou locais: a proximidade. Moragas (2000 *apud* Coelho, 2005, p.154) apresenta como definição de meios de comunicação social de proximidade: “todos os que se dirigem a uma comunidade humana de tamanho médio ou pequeno, delimitada territorialmente, com conteúdos relativos à sua experiência quotidiana, às suas preocupações e aos seus problemas, ao seu património linguístico, artístico e cultural e à sua memória históricas”. Acrescentando também que entre estes meios e os seus destinatários devem existir também “um conjunto de experiências partilhadas”. Camponez (2002, p. 113) afirma que a proximidade “está longe de ser o apanágio da imprensa regional”, pois de acordo com o autor, esta característica é transversal a todos os tipos de jornalismo, que devem “comunicar conteúdos considerados pertinentes aos seus leitores e, particularmente, na definição de estratégias empresariais com o objetivo de conseguirem a fidelização dos públicos”. Mas a verdade é que é neste tipo de jornalismo – o de proximidade – que esta característica ganha maior força e importância, daí que Coelho (2005, p.154) afirme que a televisão de proximidade se caracteriza por se colocar “ao serviço da comunidade, a televisão cúmplice do processo de desenvolvimento dessa comunidade, que produz e emite conteúdos de proximidade”. Tal como confirma Peruzzo (2005, p. 78), que garante que o jornalismo local é “aquele que retrata a realidade regional ou local, trabalhando, portanto,

a informação de proximidade”. Daí que a proximidade no jornalismo permite uma acentuação das diferenças regionais, tendo em conta o reforço da identidade regional (Coelho, 2005, p. 155). O jornalismo torna-se por isso, uma espécie de ‘montra’ para a região “abrindo-a ao universo exterior, promovendo também dessa forma, o desenvolvimento, uma vez que nenhuma comunidade poderá evoluir fechada sobre si própria” (idem, ibidem).

Lisboa enquanto capital do país acaba por monopolizar os meandros das notícias, sendo maioritariamente o epicentro da génese das notícias. Sendo esta informação fácil de compreender visto que os principais órgãos políticos e de gestão do país encontram-se na capital, tal é confirmado pelo docente de Comunicação da Universidade de Salamanca, Artur Merayo (1997 *apud* Coelho, 2005, p. 188) que afirma que as televisões que transmitem a partir de Lisboa “têm uma visão metropolitana do país, reservando os acontecimentos locais para segundo plano, a não ser que sejam tragédias. Neste sentido, tudo o que não é Lisboa aparece, quase sempre, com um sentido negativo”. E se pensarmos rapidamente todas as televisões generalistas se concentram em Lisboa, apesar de todas terem diversas delegações, mas a verdade é que a capital, tal como disse anteriormente, é o pólo centralizador da agenda noticiosa nacional. Ou seja, este tipo de jornalismo – o de proximidade - é um jornalismo descentralizado, que apresenta uma alternativa às generalistas e às agendas noticiosas previstas pelas mesmas, pois irá dar destaque a certas comunidades que não têm um lugar central nos medias nacionais. O que não quer dizer que estas sejam apenas comunidades/regiões rurais, mas também regiões urbanas, que com esta forma de jornalismo descentralizado conhecem uma “nova força”. Como iremos ver mais à frente, o Porto Canal, que é um canal generalista, mas com uma inclinação regional, deu uma nova dimensão e difusão à região Norte do país que não é toda ruralizada, por exemplo.

A verdade é que quanto mais remota for a localização de uma comunidade, menor será a possibilidade de esta dispor de meios de comunicação que “amplifiquem a sua voz” (Coelho, 2005, p. 156), por isso, e tal como afirma Alberto Pena Rodriguez (2000 *apud* Coelho, 2005, p. 156) só um meio de comunicação regional forte “pode evitar um maior desequilíbrio informativo” nas “regiões que não tenham capacidade para criarem a sua própria comunicação poderá por em causa a sua cultura e a sua identidade”. Aliás como questionou Cristina Rebelo (2011, p. 316): “Como pode uma comunidade expressar-se, se não existe um meio de comunicação social que divulgue com frequência, oportunidade

e relevância questões e problemas relativos ao seu espaço? Como pode uma comunidade evidenciar as suas emergências, as suas aspirações à afirmação e projeção, quando as instituições falham e o sistema não lhe dá voz, se não se cria um meio de comunicação social realmente capacitado em aglutinar os seus objetivos e interesses e que chegue em efetivo, a todos os cidadãos da mesma em termos de qualidade, entendimento e empatia?”. De acordo com Ramirez (2000 *apud* Coelho, 2005, p. 153) uma região ou o território que a forma é “sobretudo uma relação entre pessoas, um espaço de apropriação e de identificação, uma construção social permanente”. E a verdade é que estes meios de comunicação de proximidade vêm permitir uma progressão da região e acabam por fomentar a discussão e a opinião pública, isto porque estes funcionam como “instrumentos de mediação que, num ato de cumplicidade com os destinatários, amplificam a discussão” (Coelho, 2005, p. 154). Peruzzo (2005, p.4) afirma que no espaço onde coabitam os meios de comunicação locais/regionais e o seu público “há elos de proximidade e familiaridade, os quais ocorrem por relacionamentos (económicos, políticos, vizinhança, etc.) e laços de identidades os mais diversos, desde uma história em comum, até a partilha de costumes, condições de existência e conteúdos simbólicos, e não simplesmente em decorrência de demarcações geográficas”. Xosé Lopez García (2004, p. 51) afirma que cabe aos meios de comunicação de proximidade “a defesa de um sentido de pertença, a defesa da identidade e a incorporação de conteúdos úteis para a comunidade”. Tendo em conta este último ponto levantado por García (2004), conseguimos perceber o porquê de António Fidalgo (2000 *apud* Coelho, 2005, p. 188) afirmar que se colocarmos uma televisão de proximidade ao serviço de uma região, esta poderá funcionar como um “instrumento social, cultural e económico de altíssimo valor”, basta que seja entendida como uma “atividade económica e empresarial cada vez mais importante com consequências enormes no desenvolvimento regional”. João Carlos Correia (1998, *apud* Coelho, 2005, p. 154) corrobora com este ponto de vista, destacando a possibilidade dos meios de comunicação de proximidade se transformarem no “elemento estruturador desse espaço público regional entendido como esfera crítica de debate e de interação dos cidadãos em torno dos problemas que lhes são mais próximos”. Ou seja, a este tipo específico de meios de comunicação cabe não só a função de denunciar os problemas que afetam a comunidade, mas precisam também de criar um envolvimento no “esforço coletivo de promoverem o debate e a discussão racionais”, com a finalidade de permitir à comunidade encontrar soluções para os mesmos problemas (Coelho, 2005, p.154 - 155). Daí que Coelho (2005, p.154) defenda que os blocos informativos dos canais regionais

têm uma extrema importância no que diz respeito à formação de “uma verdadeira esfera pública política”. Pois tal como vimos anteriormente, o jornalismo (não só o de proximidade) é responsável pela criação de opinião pública e do debate dentro das comunidades, cabendo-lhe a missão de ‘esclarecer’ a comunidade, suscitando-lhes a capacidade de questionar. Ou seja, acabam por funcionar um pouco como “*watchdogs*” – conceito jornalístico que surgiu com a exposição do escândalo Watergate, pelos jornalistas Bob Woodward e Carl Bernstein, que resultou no pedido de demissão do presidente norte-americano Richard Nixon – ou seja são uma espécie de vigilantes que têm como responsabilidade dotar o cidadão “de instrumentos que não só lhes permitam questionar a política e os políticos, mas que favorecem a sua participação no processo político” (Coelho, 2005, p. 155), contudo cabe também às forças políticas terem a sensibilidade de criarem condições para que haja “diálogo aberto entre o topo e a base da pirâmide”. Frost (2006 *apud* Dias, 2012, p. 15) descreve que os tipos de histórias que mais interesse no Reino Unido e que devem ocupar um papel central nos media locais e regionais: “expor o comportamento criminoso ou antissocial; evitar que induzam as pessoas em erro; expor possíveis perigos para a saúde e segurança pública; expor incompetência significativa nos cargos públicos”. O que vai ao encontro do que foi anteriormente dito relativamente ao jornalismo “*watchdog*” desempenhado pelo género jornalístico de proximidade.

A influência que a televisão tem numa região será maior quanto maior for a proximidade (Coelho, 2005, p. 156). E “é essa proximidade que justifica um canal regional local (...) e é sobretudo a proximidade que justifica, inclusive, o empenho financeiro do Estado na criação e consolidação destas televisões”. García (2004, p. 61) apresenta cinco fatores que se deve ter em conta na hora de se definir o que é um media local, sendo que todos estes fatores também se aplicam nos media regionais. Eles são: a territorialidade, a identidade, a produção de conteúdos, os utilizadores e respetivas práticas comunicativas e sociais e finalmente, a capacidade para enfrentar desafios no âmbito da proximidade. Uma ‘proximidade demasiadamente próxima’, como designou Coelho (2005, p. 157), pode ser um dos desafios ligados à proximidade, visto que esta pode acabar por destruir uma ‘comunicação racional’, isto porque nas ‘pequenas’ comunidades cria-se entre os poderes locais e a população, uma “relação clientelar”. Este tipo de relação acaba por dificultar a missão do jornalismo, no que diz respeito à criação de opinião pública política (levando a população a questionar as decisões políticas dos

seus autarcas, por exemplo), uma vez que a população já se tornou leal aos poderes políticos do seu local. Até porque, é “tradição do poder local democrático em Portugal a manutenção do presidente de Câmara vários mandatos sucessivos”, o que acaba por permitir a criação de laços mais estreitos entre o poder político local e a comunidade (Coelho, 2005, p. 158). Mas esta ‘proximidade demasiadamente próxima’ não acontece unicamente com a comunidade, visto que a comunicação social local pode acabar por se submeter também à máxima de algumas elites políticas “quem não está comigo, está contra mim”, acabando por “silenciar-se a contra-argumentação” e enaltece-se o trabalho da elite através de uma “mensagem única”. Para Lopes (2004 *apud* Dias, 2012, p. 25) a perda dos cânones jornalísticos pode ser inevitável no jornalismo regional, tem em conta a já referida proximidade. De acordo com Le Guern e Leroux (2000, p. 166), “o município exerce um controlo editorial suficientemente subtil que não é entendido como uma ingerência permanente. Esta tutela está também presente na mente dos jornalistas e é ela que os leva a agirem sob a ordem instituída”, por exemplo, muitas vezes vemos políticos a recusarem-se a responder aos jornalistas o que vai tornar “impossível qualquer debate contraditório ou diferentes pontos de vista” (idem, *ibidem*¹). Por isso, o principal desafio do jornalismo de proximidade é “sobreviver às tentações que essa proximidade suscita” (Coelho, 2005, p. 165), ou seja, ao jornalista cabe a missão de exercer a sua profissão de forma racional: pode contribuir e ser cúmplice do desenvolvimento da região, mas sem colocar em questão o rigor do seu exercício. Correia (1998, *apud* Dias, 2012, p. 25) acrescenta que os media regionais estabelecem uma forte relação com as elites políticas, culturais e associativas locais, mas isso não significa obrigatoriamente que se misturem numa “teia de quezílias paroquiais”. Por isso, Coelho (2007, p. 321) defende que na televisão de proximidade, e no jornalismo nela praticado, deve “servir de orientação os princípios básicos do discurso jornalístico, nomeadamente a obrigação de dar a voz a todos os implicados no acontecimento”, ou seja, independentemente da pressão que os poderes políticos locais possam fazer nos jornalistas, estes devem fazer o seu trabalho de forma esmerada.

Camponez (2007, p.120) designa este tipo de jornalismo – o de ‘proximidade demasiadamente próxima’, tal como foi designado por Coelho - de ‘proximidade muito próxima’, que funciona como um ‘jornalismo de apelidos e nomes’ e contém “informação

¹ - Tradução livre do autor

microscópica”. Esta, traz um desafio adicional aos profissionais que se debruçam sobre este tipo de jornalismo: uma maior facilidade na captação de erros, por parte da comunidade que conhece a região e se identifica com ela. Como de resto é fácil de se perceber, este problema afeta qualquer tipo de jornalismo, não é algo exclusivo dos que se debruçam sobre “a proximidade”, contudo a exatidão exigida no rigor dos factos apresentados, isto porque erros relativos a assuntos que estão mais afastados não afetam nem a rotina, nem as suas decisões, “mas o que está perto mais facilmente tem implicações práticas, quanto mais não seja pela maior facilidade de comprovação dos factos” (Labella, 2010 *apud* Dias, 2012, p. 10).

Apesar de tudo o que foi abordado anteriormente, a verdade é que o jornalismo de proximidade embora se debruce essencialmente sobre a região/ comunidade, não deve apenas difundir notícias relativas à região, apesar desta ocupar uma maior ‘fatia’ no meio de comunicação regional. O público também quer ter conhecimento de notícias que não lhes sejam tão próximas, mas que possam eventualmente condicionar o seu quotidiano. Exemplo disso, são as notícias ligadas às decisões tomadas na Assembleia da República, que apesar de não ser um espaço geograficamente próximo do Sul e Norte do país [por exemplo], todas as decisões em Belém vão inevitavelmente condicionar a vida de todas as regiões. Labella (2010 *apud* Dias, 2012, p. 18) garante que a audiência quer sentir-se “parte de um todo globalizado” e por isso, quer receber informação para além das relativas à sua região.

Para Sanz (2007 *apud* Dias, 2012, p. 32) muitas vezes o título de televisão regional ou local não significa sempre que irá existir “proximidade” – embora esta característica deva estar inerente a esse tipo de meio de comunicação -, uma vez que este afirma que “se numa televisão de proximidade se perde a comunicação direta com o vizinho, estamos a falar de outra coisa, talvez de televisão de difusão local, mas não de proximidade”. Ou seja, uma vez mais é comprovada a importância da proximidade para garantir a génese de um meio de comunicação regional, que desta forma se irá desmarcar dos meios de comunicação nacionais.

II - Televisões Regionais

II.1 – História das Televisões Regionais na Europa e em Portugal

As televisões regionais, como vimos anteriormente, assentam no conceito de proximidade. De acordo com Moragas e Garintanandía (1995 *apud* Coelho, 2005, p. 170-171) existem sete tipos de televisão regional e local na Europa, sendo elas: centros de produção regionais de uma televisão central, que não têm emissão própria, apenas produzem conteúdos para a grelha nacional; centros regionais que dependem de uma estação central, e que emitem entre 15 a 30 minutos de produção própria, normalmente noticiários, para as regiões, produzindo, ao mesmo tempo, conteúdos para a casa-mãe; centros regionais com uma ou duas horas de produção própria exibida diariamente. Produzem e emitem blocos informativos, mas também programação cultural, entretenimento e publicidade regional; televisões regionais independentes, do ponto de vista legal, da estação central mas que produzem conteúdos específicos para a estação central e participam, inclusive, na gestão do canal nacional; canais regionais independentes que produzem e exibem uma programação competitiva com a dos canais nacionais; as televisões regionais independentes que emitem via satélite para a região, mas também para as áreas geográficas maiores e finalmente, as televisões locais cuja área geográfica de emissão chega a toda a região. O levantamento destes sete tipos de televisões regionais e locais foi feito em 1995. Nesta altura, seria importante acrescentar, pelo menos mais um tipo, televisões regionais que encontraram na Internet uma forma de difusão global, ou seja, não emitem simplesmente para a sua região/comunidade, mas para todo o mundo que a quiser ver. Esta foi uma solução muito adotada pela maioria das televisões regionais nacionais, como iremos compreender mais à frente.

Pedro Coelho (2005, p. 172) afirma que em Portugal a televisão regional sempre foi encarada como um luxo tanto “para as regiões que gastam nela o dinheiro que têm a mais, e que apenas a utilizam enquanto instrumento de afirmação de diferenciação perante regiões rivais ou perante o Estado central” assim como “para as regiões pobres, incapazes de perceberem que é possível assumi-la como indústria cultural socialmente rentável, mergulhada no processo de desenvolvimento”. A verdade é que, e tal como acrescenta Coelho (2005, p. 172) ao contemplarmos a televisão como um luxo estamos a desvirtuar as vantagens que esta pode trazer para o progresso e evolução das regiões e das

comunidades que esta abrange. Vacas Aguilar (1999 *apud* Coelho, 2005, p. 172) salienta a importância das televisões regionais. Para o autor, cada região deve ter uma televisão à sua medida “que se adapte não só à cultura, mas também à estrutura económica”, uma vez que defende que “a televisão deve articular-se com os restantes setores regionais, daí virá a sua viabilidade económica e a sua aceitação social”, até porque como completa Pierre Musso (1999 *apud* Coelho, 2005, p.173) “é a região quem faz os media, não são os media que fazem a região”.

As primeiras experiências de televisão regional na Europa, surgiram em meados dos anos 70, na Grã-Bretanha e na Alemanha, numa altura em que as televisões públicas já haviam conquistado a cobertura total desses países (Coelho, 2005, p. 173). Desde então muitas mudanças já aconteceram e denota-se também a adoção de tipologias distintas nas televisões regionais espalhadas pela Europa, como vimos na lista de Moragas e Garintanandía. Nestas primeiras experiências de televisão descentralizada europeias - que se começaram a expandir por mais pontos da Europa a partir dos anos 80 – manifestavam-se diferenças notórias, sendo que cada televisão tinha a sua identidade distinta e existiam diferenças até ao nível do idioma (*idem, ibidem*). Numa primeira fase, as televisões regionais europeias tinham apoio público, contudo, a partir da década de 90, muitos foram os privados que começaram a perceber a força que as televisões podiam ter a nível regional. Na mesma altura (anos 90), várias foram as emissoras públicas, espalhadas pela Europa, que reforçaram o seu processo de descentralização de emissões. De acordo com dados de Moragas (2000 *apud* Coelho, 2005, p. 174), no início deste milénio existiam cerca de 300 televisões regionais por toda a Europa. Hoje em dia, o número terá inquestionavelmente subido. Até porque – como iremos ver mais à frente – as televisões regionais encontraram um refúgio na Internet.

Vamos, brevemente, analisar o caso do Reino Unido e da Espanha. Se pensarmos no caso do Reino Unido, que foi um dos países pioneiros no que diz respeito à televisão regional, há mais de 40 anos que as televisões regionais/locais funcionam em perfeita articulação com a BBC – estação pública e como tal, a primeira a acolher este tipo de articulação. Dados de Abril de 2015 (Kevin, 2015), demonstram que o país detém 39 estações de televisão regional e 28 estações de televisão local, sendo que todas elas variam quanto à sua tipologia, há canais que exibem conteúdo exclusivo para determinada região durante toda a sua emissão e outros apenas dedicam pequenos espaços da grelha de programação – essencialmente blocos de informação –, sendo que a restante é transmitida

a nível nacional. Por exemplo, a BBC ALBA, surgiu em 2008 e é a primeira estação televisiva multigénero com origem na Escócia, essencialmente toda a sua programação é criada no país. Dentro da BBC existem outros casos como a BBC1 South e a BBC Oxford, que são transmitidas para as regiões mais a sul do Reino Unido, que têm o bloco informativo South Today, que é exibido 3 vezes por dia na BBC1 South e apenas uma na BBC Oxford, pois nesta última é também exibido o bloco informativo BBC Oxford News duas vezes por dia. Ambos os blocos informativos têm a duração de 30 minutos e são exibidos após o bloco de notícias que é emitido para toda a nação. Agora que analisamos o caso da estação pública – que tem uma forte tradição nesta articulação – vamos agora analisar algumas das estações privadas. A ITV é outras das estações britânicas que hoje é emitida a nível nacional, mas que surgiu através de uma licença de 15 regiões, por isso, há também uma forte tradição ao nível das televisões locais/regionais. Tradição essa que ainda nos dias de hoje é cumprida. Nos 18 canais que detém atualmente, adotou-se a tipologia também usada na BBC, pequenos blocos de informação que dão contas das principais notícias de cada região. Se analisarmos, por exemplo, o caso da ITV Anglia – que emite para as regiões de Cambridge, Norwich, Luton e Northampton – a principal diferença na sua grelha de programação (em relação aos outros canais da ITV) é o bloco informativo ITV News Anglia, que é emitido três vezes por dia, com diferentes durações – de manhã dura apenas 5 minutos, à tarde dura 30 minutos e à noite 15 minutos -, sendo sempre emitido após o bloco de notícias que é transmitido por todo o Reino Unido. Depois existem também casos específicos como a London Live que exhibe unicamente em Londres e tem uma programação exclusiva e original para a comunidade londrina. Esta estação televisiva surge através da intenção do governo britânico de criar 28 estações televisivas com cariz local na televisão digital terrestre. A London Live foi uma das estações pioneiras ao lado da Estuary TV (que é transmitida em Grimsby), a Mustard (que é transmitida em Norwich), a Notts TV (que é transmitida em Nottingham) e a STV Glasgow (que tal como o nome indica é transmitida em Glasgow). No final de março de 2015, o Governo já havia cumprido com mais de metade do seu desejo inicial, sendo que já estão estabelecidas 16 estações televisivas sob este regime.

No caso de Espanha, durante o período franquismo, de acordo com Coelho (2005, p. 175), existia a tentativa de eliminar todas as línguas indígenas e dar exclusividade ao castelhano na estação pública TVE. Na segunda metade dos anos 70, já o país era governado por Adolfo Suarez, deu-se o primeiro passo para a descentralização da

televisão com a criação de centros regionais, que iriam ter programações autónomas para cada região, contudo as comunidades dessas regiões não se reviam nesses canais. A partir de 1983, o surgimento do primeiro canal regional público com distribuição hertziana funcionou como uma alavanca para que mais canais com esse cariz surgissem. Atualmente, a distribuição e as tipologias das televisões locais/regionais são mais complexas. Tudo começa pelo número de estações que é ligeiramente superior ao registado no Reino Unido. Em abril de 2015 (Kevin, 2015), o país detinha 64 estações de televisão com este cariz e 17 televisões locais. Dentro dos vários exemplos de televisões regionais em Espanha é possível compreender-se uma panóplia de idiomas e dialetos distintos que garantem o fator identidade à estação, exemplo disso são os canais públicos ETB1 e TV3, por exemplo. O primeiro canal (ETB1) é exibido no País Basco e conta com uma programação original e inédita, tendo o espanhol e o basco como línguas oficiais. Por sua vez, a TV3 é emitida para a região da Catalunha, contando também como uma grelha de programação exclusiva e tem o espanhol, o catalão e a língua occitana como idiomas oficiais. Mas tal como existem canais públicos de cariz regional, também existem canais privadas, apesar de se ter registado um decréscimo destes fenómenos com o encerramento de 32 estações entre 2008 e 2014 – algo que também aconteceu nas estações regionais públicas, mas não com tanta expressão. Exemplos disso são a 8TV da Catalunha e a V Television da Galiza. Também em Espanha é adotado o regime que se utiliza na BBC, ou seja, a estação pública espanhola TVE, conta também com 17 ‘*regional windows*’, termo que significa que estas emitem diariamente blocos informativos a partir do local onde se encontram e pode ter uma programação exclusiva. A grelha de programação vai se alterando entre elas, por exemplo, a TVE Catalunha conta com 7 formatos originais (L’Informatiu ; Vespera la 2; Especials en català; Opera Oberta; Entre Vinyes; La Missa; Moments) e por exemplo, a TVE do País Basco conta só com um bloco informativo original, o Telenorte País Vasco. Finalmente, o ‘país vizinho’ conta também com 17 televisões locais que tem uma programação exclusiva sua e é emitida unicamente para o local e a comunidade que nele habita. A 8Madrid, a BTV (BarcelonaTV) e a ZTV da Saragoça são alguns dos exemplos.

No caso de Portugal tornou-se evidente que ao longo dos anos, os sucessivos governos portugueses “não têm estabelecido, no plano da ação política, qualquer relação entre o audiovisual e o desenvolvimento regional.” (Coelho, 2005, p. 187), alegadamente por “falta de espectro” (Cádima, 2008, p. 100), mas a realidade é que “a falta de uma

vontade política forte que associe o país às televisões de proximidade tem sido, ao longo da história, amparada pela inexistência de uma pressão social reivindicativa, por parte das comunidades regionais, de televisões próprias” (Coelho, 2005, p. 187). Numa primeira fase e como não existiam apoios, mas exista vontade, por parte da sociedade civil de se estabelecer televisões regionais, estas encontraram refúgio sobre a forma de televisões piratas, que despontaram nos anos 80. Embora pouco se fale deste tipo de televisões, a verdade é que existiram em Portugal e não se pode dizer que passaram despercebidas, uma vez que frequentemente os responsáveis políticos foram protagonistas ao conceder entrevistas e a participar em debates nesses canais (Mota, 2005, p. 120). Vários foram os canais piratas que emergiram pelo esforço de colaboradores, que não recebiam nenhum apoio monetário, apenas o fazia pelo gosto pela televisão. Os projetos surgiam sem qualquer tipo de legalização e todos tiveram uma curta duração. Exemplos como a TV do Algarve (1980); emissões em Évora, Porto e Espinho na frequência da RTP após o fecho da emissão do canal público (em 1983); a Televisão Regional do Norte que emitiu a partir do terraço do edifício do Jornal de Notícias no Porto, usando também a frequência da RTP após o término da sua emissão (em 1985); a Sul TV que durou cinco meses (em 1985); a Televisão Regional de Loures (em 1986) e ainda em 1986 estreava-se a TV Abrantes, que resultou de um movimento cívico, liderado por António Colaço, que havia feito parte do movimento das rádios locais – que conduziu à legalização das rádios piratas (Coelho, 2005, p. 188).

Quando a SIC, em 1992 e a TVI, em 1993 se juntaram à equação do mundo televisivo nacional, a RTP Madeira e a RTP Açores eram já uma realidade. A RTP Madeira, o primeiro canal regional em Portugal, iniciou as suas emissões regulares a 6 de agosto de 1972, sendo que a RTP Açores chegou a 10 de agosto de 1975 (Cádima, 2002, p. 127). As primeiras *‘regional windows’* da estação pública contam, atualmente, com formatos de entretenimento e blocos de informação exclusivos como o Telejornal Madeira e Notícias RTP – Madeira na RTP Madeira ou então o Telejornal Açores e Açores 24 na RTP Açores.

O centro de produção do Porto da RTP surgiu em 1959 (Lopes, 1999, p. 137), sendo que com este arranque, asseguraram-se dois novos formatos na RTP: o “Bom Dia”, um formato de informação e o “Às Dez”, um formato de entretenimento, que estrearam em 1987. Embora este centro de produção não tenha produzido conteúdo exclusivo para a sua região, tem tido um importante papel na descentralização da televisão portuguesa,

porque muitos dos formatos de entretenimento e alguns de informações da grelha da RTP1 (e RTP2) foram ou ainda são transmitidos diretamente dos estúdios do Porto, no Monte da Virgem em Vila Nova da Gaia.

A partir de 1996, a RTP foi acolhendo outras delegações em diversas cidades: Bragança, Castelo Branco, Coimbra, Évora e Faro. Estas funcionavam de forma distinta do centro de produção da RTP Porto, pois não produziam conteúdos originais para a grelha de programação, apenas criavam conteúdo para os formatos de informação do canal público nacional.

Em 1995, durante o Governo de António Guterres “é criada uma Comissão de Reflexão sobre o Futuro da Televisão, que se suporia ser a entidade que daria parecer sobre as grandes opções estratégicas da RTP” (Cádima, 2002, p. 4). A questão das televisões regionais é um dos temas fraturantes desta comissão, sendo que se dividiu em duas opiniões distintas: “a tese nº1 reconhecia a existência de uma dinâmica favorável por parte de alguns cidadãos no sentido da criação de televisões locais e regionais. No entanto, este passo não deverá ser considerado objetivo prioritário propondo ao invés, a implementação do serviço público dado não estarem criadas as condições jurídicas, técnicas e económicas”, por sua vez, a tese nº2 defendia “a ideia de Televisão Regional associada à participação cívica – o fenómeno TV de proximidade ganha cor como instrumento alternativo de participação popular em prol da defesa da singularidade” (Rebelo, 2010, p. 194).

Em 1998, surgiu em Portugal um referendo sobre a regionalização, que colocava “em votação quer a divisão do país em regiões, quer uma proposta de divisão concreta” (Dias, 2012, p. 43). Caso este referendo foi aceite, poderia funcionar como uma alavanca para a criação de televisões regionais. Contudo, o resultado obtido pelo referendo obrigou a travagem do processo de regionalização do país e mais uma vez, a possibilidade de se estabelecerem mais televisões regionais em Portugal foi adiada.

Os canais de televisão regional encontraram então na TV por cabo um espaço de oportunidade para se desenvolverem. Portanto, a 15 de setembro de 1999 nasce o Canal de Notícias de Lisboa (CNL), no âmbito de um projeto da PT Multimédia (atual NOS), que pretendia criar dois canais ‘regionais’ um em Lisboa e outro no Porto, sendo que a empresa deixava claro, no final de 2000, “que a estratégia passa(va) efetivamente por

criar conteúdos temáticos em português para o seu pacote básico e não propriamente pelo mecenato à causa da televisão regional” (Mota, 2005, p. 124). Tendo em conta que o canal acabou por não singrar junto do público, a SIC acabou por o adquirir em 2000, tornando-o no primeiro canal especializado em informação do nosso país, a SIC Notícias, que começaria as suas emissões regulares em 2001. Apesar do projeto do canal lisboeta não ter singrado, isso não fez com que a PT Multimédia abandonasse a ideia da criação de um canal regional no Porto, como tal, a 15 de outubro de 2001, surge a Norte TV (NTV). Juntamente com a PT Multimédia, a Porto TV também estava envolvida na criação do projeto, esta última era detida minoritariamente pela RTP, e por isso o canal era sediado no centro de produção da RTP no Porto, no Monte da Virgem (Dias, 2012, p. 45). A estruturação do canal pretendia ser inovadora, através da tentativa de se “criar a primeira redação polivalente do país, com jornalistas capazes de recolher som e imagem e de editar na quase totalidade as suas peças” (Mota, 2005, p. 125). Em 2004, a RTP acabou por adquirir a totalidade do canal acabando por torná-lo na RTPN, que começou as emissões regulares a 31 de maio (Malainho, 2010, p. 29). Esta aquisição foi muito criticada, principalmente pela Lisboa TV que acusou a RTP de “promover concorrência desleal ao explorar um canal comercial na sua qualidade de serviço” público. No seu entender, a Autoridade da Concorrência defendeu a RTP quanto à aquisição do canal, pois enquanto sociedade privada de capitais públicos, esta pode deter outros canais, desde que as verbas destinadas ao serviço público não sejam usadas para financiar esses canais (Mota, 2005, p. 127). Com o tempo, este canal foi perdendo o componente regional e acabou por se tornar num canal cada vez mais nacional, sendo que deu lugar à RTP Informação (atual RTP3) no dia 19 de setembro de 2011 (Telesatélite, 31 de maio de 2004 e 14 de setembro de 2011 *apud* Dias, 2012, p. 47).

Com a extinção do CNL e da NTV, o panorama das televisões regionais ficou praticamente abandonado até ao dia 18 de abril de 2006, quando foi lançado o canal Invicta TV. A exclusividade do canal era detida pela operadora de cabo TvTel, cuja área de operações se concentrava essencialmente na área metropolitana do Porto, sendo esta a área de cobertura dos blocos noticiosos do canal (JPN, 18 de abril de 2006 *apud* Dias, 2012, p. 47). O canal levantou muitas dúvidas quanto à sua legislação, visto existirem suspeitas da sua emissão estar a decorrer sem habilitação legal, acabando por levar à extinção do canal, que foi posteriormente adquirido pela operadora TvTel. Em 2007, já com o licenciamento para o arranque das emissões, surge com uma nova identidade: o

RNTV (Regiões Norte TV), que atualmente se designa por Regiões TV (Malainho, 2010, p. 30).

Numa fase mais tardia, a internet apresentou-se como um novo espaço de oportunidades para as televisões regionais, com o surgimento de “um conjunto de projetos WebTV”, sendo que os pioneiros datam ao final do ano de 2005 (Cádima, 2008, p. 101). O projeto TVNET arrancou nessa altura, a partir dos Açores, tendo depois encontrado uma sede em Lisboa, um ano mais tarde. Este projeto tinha uma emissão exclusiva online, algo inovador em Portugal. Também pela mesma altura surgiu o Famalicão TV, à época o Diário de Notícias titulava o seu artigo sobre este projeto com uma frase que serviria perfeitamente por explicar o contexto da proximidade na ‘nova’ plataforma: “As televisões que vão ao ‘final da rua’ na Internet” (Diário de Notícias, 23 de maio de 2006). Ao longo de 2006, o número de projetos de televisões regionais via online foram-se multiplicando: “TV Viana, FamalicãoTV, AveiroTV, MaltaTV (Guarda), Vale do Sousa TV, Espinho TV, OesteTV, TVBeja, TVAlentejo, PortiTV (Portimão) e ZipTV (Castelo Branco)” (Cádima, 2008, p. 103).

De acordo com uma base de dados recolhida pelo investigador Jorge Costa (2008, *apud* Cádima, 2008, p. 103), aquando fazia a sua tese de mestrado, em 2008, já se contavam mais de uma centena de projetos de WebTV. Muitos foram os projetos que foram surgindo, outros desaparecendo com a mesma velocidade com que apareceram. Para perceber qual é o estado atual dos projetos WebTV nacionais analisei 36 casos e verifiquei três situações distintas: a extinção dos canais, a emissão online diária dos canais e os canais online que disponibilizam apenas reportagens em portais de notícias. No caso da extinção dos canais, uma grande margem dos projetos que analisei, principalmente os pioneiros já não existem. Sendo estes: TAM (TV Albergaria Mix), TV Caldas, Invicta TV - Televisão do Grande Porto, Canal Guimarães, TV Beja, TV Évora, TV Elvas, Sintra Canal TV, Cascais Canal TV, Lisboa Net TV, Oeiras Canal TV, ZipTV, PortiTV, TVNET, TV Alentejo, Oeste TV, TV Viana, Aveiro TV e Malta TV; por sua vez no caso das emissões online diárias, de todos os projetos analisados apenas um conta com este regime: o Águeda TV, sendo que a programação são apenas as reportagens executadas pelo canal; finalmente no que diz respeito aos canais online que disponibilizam reportagens, na grande maioria, estas inserem-se em portal de notícias, como é o caso do Amarante TV, Beira TV, GMRTV (Guimarães TV), FamaTV (Famalicão TV), Fafe TV, Minho Atual, Valsousa TV, TV Almada, TV Amadora, Espinho TV, TV Guadiana, Santo

Tirso TV, Setúbal TV, Saloia TV, OdivelasTV e Norte Litoral TV (que contempla também o Varzim TV).

Alguns dos canais presentes no último ponto conta com a opção de assistir em direto. Contudo, numa grande maioria dos casos, a funcionalidade não estava disponível, pois deve apenas transmitir eventos especiais ligados à região/local em causa, como é o caso dos projetos Fafe TV e do Espinho TV, por exemplo. Uma parte dos canais também têm um MEO Kanal, que é uma funcionalidade disponibilizada pela operação de TV Cabo a partir de fevereiro de 2012, que permite aos utilizadores criar um canal, sendo que para isso, estes têm de transferir os seus vídeos e fotos para a plataforma criada para o efeito e depois disso, seleccionar o conteúdo e arrastá-lo para a grelha de programação. Cada cliente tem a possibilidade de criar 6 canais: 3 públicos e 3 privados. Para que o público possa aceder aos seus conteúdos, os responsáveis por cada canal têm que disponibilizar o número do seu canal. Esta funcionalidade até há bem pouco tempo funcionava unicamente na Power Box da MEO, contudo agora está também disponível online (todavia apenas funciona para clientes MEO ADSL ou MEO Fibra com serviço de televisão incluída). Os projetos Valsousa TV e o Norte Litoral TV são alguns dos exemplos que contam com um MEO Kanal.

Um dos projetos com maior sucesso, no que diz respeito à WebTV em Portugal é a Localvisão TV. O canal surgiu com difusão exclusiva na Internet, em 2006 e desde então deu o salto estando presente em todas as operadoras nacionais de TV por Cabo. Tal como se pode ler no site da Localvisão TV, o canal de cariz regional, conta com “oito delegações - Bragança, Guarda, Castelo Branco, Aveiro, Braga, Cadaval, Évora e Loulé (Vilamoura) – recolhem e preparam a informação enviada ao CPM (Centro de Produção Multimédia) que está sediado em Bragança. Distante de quaisquer ideologias políticas ou religiosas, a Localvisão TV apresenta uma programação diferenciada, em temas e horários”. O canal tem atualmente 18 horas de emissão diárias.

II.1 – Noticiabilidade no cerne das televisões regionais

Foi em 1965, que Galtung e Ruge (*apud* Wolf, 1999, p. 88) introduziram o conceito de noticiabilidade. Se nessa altura já fazia sentido analisar as notícias quanto à sua pertinência, hoje em dia, com a globalização, esse fator tornou-se inquestionável. Como tal, todas as redações espalhadas pelo mundo obedecem aos seus próprios critérios

de noticiabilidade, sendo que estes acabam por guiar a rotina da produção de notícias. Daí que Mauro Wolf (1999, p. 83) garanta que a noticiabilidade representa “um conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os órgãos de informação enfrentam a tarefa de escolher, quotidianamente, de entre um número previsível e indefinido de factos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias”. Para além disso, “a seleção das notícias é um processo de decisão e de escolha realizado rapidamente [...]. Os critérios devem ser fácil e rapidamente aplicáveis, de forma a que as escolhas possam ser feitas sem demasiada reflexão” (Wolf, 1999, p 87).

À época (1965), Galtung e Ruge enunciaram doze critérios de noticiabilidade: momento do acontecimento, intensidade, clareza, frequência, significância, consonância, inesperado, continuidade, composição, proeminência das nações/pessoas envolvidas, personificação e negatividade. Por sua vez, Wolf (1999) distingue que a noticiabilidade difere consoante o critério aplicado, distinguindo cinco: os substantivos, os relativos ao produto, os relativos ao meio de comunicação, os relativos ao público e os relativos à concorrência. Os substantivos têm que ver com a importância da notícia e o impacto desta, contemplando os seguintes subcritérios: grau e nível hierárquico dos envolvidos no acontecimento, impacto na nação e/ou interesse nacional, quantidade de pessoas que o acontecimento envolveu e finalmente, relevância e significado do acontecimento quanto à evolução futura de uma determinada situação. Quanto aos relativos ao produto, temos como exemplo: a disponibilidade de materiais, trata-se de saber «quão acessível é o acontecimento para os jornalistas, quão tratável é, tecnicamente, nas formas jornalísticas habituais; se já está estruturado de modo a ser facilmente coberto; se requer grande dispêndio de meios para o cobrir» (Golding -Elliott, 1979 *apud* Wolf, 1999, p. 90); a brevidade, até porque de acordo “com um dito jornalístico, as notícias deveriam ser como as saias de uma mulher: suficientemente compridas para cobrirem o essencial e suficientemente curtas para reterem a atenção” (Wolf, 1999, p. 90); a atualidade, isto porque “as notícias devem referir-se a acontecimentos o mais possível em cima” (Wolf, 1999, p. 91), ou seja tem que ver com o conceito de imediatismo; o equilíbrio, visto que o “valor de noticiabilidade de certas ocorrências é, portanto, incrementado pelo facto de serem representativas de categorias que concorrem para não desequilibrar o produto informativo” (Wolf, 1999, p. 92); quanto aos critérios relativos ao meio de comunicação, tem que ver com a qualidade de imagem, uma vez que “a avaliação da noticiabilidade de um acontecimento diz também respeito à possibilidade dele fornecer «bom» material

visual, ou seja, imagens que não só correspondam aos *standards* técnicos normais, mas que sejam também significativas, que ilustrem os aspetos salientes do acontecimento noticiado” (Wolf, 1999, p. 92); qualidade da escrita, uma vez que “as notícias faladas são uma parte intrínseca do noticiário” e “o texto verbal é tão essencial como as imagens, porque, muitas vezes, é ele que contém a verdadeira notícia, enquanto as imagens acompanham e ilustram as palavras” (Wolf, 1999, p. 92); a frequência é outro dos critérios, pois “a frequência de um acontecimento refere-se ao lapso de tempo necessário para que esse acontecimento tome forma e adquira significado [...]: quanto mais a frequência do acontecimento se assemelhar à frequência do meio de informação, mais provável será a sua seleção como notícia por esse meio de informação” (Galtung-Ruge, 1965, *apud* Wolf, 1999, p. 93); os limites espaço-temporais, pois na altura de se seleccionar os acontecimentos noticiáveis, este critério de relevância acaba por conferir uma resposta mais rápida quanto à escolha que se terá de fazer relativamente ao acontecimento que se irá noticiar; no que diz respeito aos critérios relativos ao público, visto que o jornalista deve ir ao encontro das necessidades e exigências destinatários, este ponto segue um pouco o que foi referido na categoria anterior: a qualidade da imagem, a qualidade da escrita são pontos essenciais - sendo que este último deve estar associado à clareza da escrita – estas duas acabam por criar o interesse do público na reportagem e garantir a qualidade da mesma; finalmente, quanto aos critérios relativos à concorrência, tem que ver com o facto da competição gerar expectativas recíprocas, ou seja, na altura de se seleccionar determinar notícias vai se equacionar se os outros meios de comunicação vão também noticiá-la e para além disso, a competição acaba por estabelecer os parâmetros profissionais, dos modelos de referência.

Também Armentia e Marcet (2003 *apud* Labella, 2010 *apud* Dias, 2012, p.14) categorizam alguns critérios que vão ao encontro dos que já foram anteriormente citados. Estes são: a proximidade geográfica, afetiva e temática; a exclusividade; o interesse público e do público; a temporalidade; a excecionalidade; a generalidade, ou seja, o número de pessoas afetadas ou quem a notícia diz respeito; a circulação da notícia; as consequências para o público; a relevância dos atores; a evolução dos acontecimentos; o conflito entre as partes intervenientes; a disponibilidade de material; a qualidade da história; o equilíbrio global da informação e a expectativa recíproca.

Cabe agora fazermos a análise e tentar perceber, diante de todos os critérios levantados, quais os que fazem mais sentido na articulação de uma redação de cariz

regional. Começando, como de resto seria de esperar, pela proximidade geográfica ou limites espaço-temporais, pois estes são essenciais para uma televisão regional. Isto porque e tal como vimos anteriormente, a proximidade está no cerne da construção de uma televisão com esta construção, logo esta estende-se na produção de informação. A qualidade de imagens e de escrita, assim como a clareza/simplificação das notícias, são também fatores essenciais, não só para os blocos informativos de uma televisão regional, mas para todos os tipos de televisão. O imediatismo / a atualidade da notícia, a magnitude da notícia e o interesse ou impacto junto ao público são também características que devem estar associadas a televisões de qualquer cariz. A frequência ou a circulação da notícia são critérios que devem ser considerados como relevantes para uma televisão regional.

Os critérios de noticiabilidade acabam, indiscutivelmente, por afetar a agenda das televisões regionais, uma vez que estes a vão moldar e estabelecê-la.

III - O Porto Canal

III.I – Apresentação da empresa

Foi a 29 de setembro de 2006 que surgiu o Porto Canal, um projeto que começou a ser equacionado em 2004, logo após a extinção da NTV. A iniciativa partiu de Bruno Carvalho, antigo administrador da NTV e de Daniel Deusdado (atual diretor de programas da RTP1), assim como José Miguel Cadilhe (da produtora Filbox) que pretendiam “recuperar a ideia de uma televisão direcionada para a Área Metropolitana do Porto” (Jornal de Notícias, 27 de junho de 2004).

No início, o projeto empresarial foi ancorado pela sociedade Avenida dos Aliados, cujos investidores se repartiam por empresas e autarquias. A poucos meses da estreia do canal, Bruno Carvalho afirmava que já se havia garantido que "mais de 60% fossem adquiridos por empresas. As maiores do Grande Porto estão connosco, assim como outras que têm sede em Lisboa. No caso das câmaras, Matosinhos e Gaia já aceitaram e temos mais que podem vir a aderir" (Diário de Notícias, 6 de março de 2006). A sociedade continua a ter um forte peso na estação de televisão, como veremos mais à frente.

O Porto Canal desde cedo assumiu uma matriz temática, redirecionada para a região do Grande Porto, mas sempre teve a pretensão de se tornar generalista, apresentando uma grelha de programação que pretende fazer jus a esse cariz mais

generalista. Bruno Carvalho, em 2004, pretendia dar continuidade ao cariz de ‘proximidade’ no novo projeto, visto que a NTV “enquanto manteve as características regionais contava com audiências que rivalizavam com as da SIC Notícias” (Jornal de Notícias, 27 de junho de 2004). Daí que o objetivo fosse que “as pessoas que liguem o canal vejam o ambiente do Grande Porto, que se revejam na programação e informação” (Diário de Notícias, 6 de março de 2006). Ou seja, o Porto Canal iria assumir-se como um canal generalista, mas com fortes traços regionais, que iriam ser especialmente evidenciados nos blocos informativos. Algo atestado por Júlio Magalhães, que afirmou que a estação é “um canal generalista, feito no Porto, mas para o país todo e para o mundo” (Jornal de Notícias, 18 de julho de 2015).

Numa fase inicial, Bruno Carvalho assumiu a posição de diretor-geral do canal, sendo que Fernando Tavares se tornou diretor de informação (dados fornecidos pela chefe de redação Vanda Balieiro). Muitos profissionais da casa, transitaram da NTV para integrarem a fase pioneira da ‘nova’ estação. Mas também vários programas da extinta NTV transitaram para a grelha de programação do Porto Canal, como foi o caso do programa “Insónias”, apresentado por Rosa Bela Ferreira (Diário de Notícias, 6 de março de 2006).

A parceria com a empresa Medialuso – que fornece os meios tecnológicos e técnicos para os operar – surge desde o início do canal e assim se mantém até os dias de hoje.

Com o projeto ‘vendido’ à TV Cabo e com a aprovação da Entidade Reguladora da Comunicação Social. O Porto Canal nasceu às 19h00 do dia 29 de setembro de 2006 na posição 13 do pacote digital da TV Cabo. Foi Pedro Carvalho da Silva, atual pivot de informação no Porto Canal, que iniciou as emissões regulares da estação, com o programa “Repórter da Cidade” (RTP, 29 de setembro de 2006). À época, o atual pivot de informação da estação sediada na Senhora da Hora, abriu as hostes com a seguinte frase (que acabou por funcionar como linha condutora do canal): “o Porto Canal é uma estação de televisão que se quer de proximidade, sem provincianismos, mas com muita identidade”.

Durante um mês e meio após a estreia do Porto Canal a grelha de programação comportava 18 horas de emissão, entre as 10:00 e as 04:00. Tal como os programas

“Insónias” e o “Repórter da Cidade”, o canal oferecia formatos onde a parecer dos cidadãos era ouvido como “Treinadores”, com a opinião dos cidadãos sobre um tema “quente” da atualidade desportiva. Assim como o “Opiniões” e o “Fórum Porto Canal”, sendo este último ligado a matérias que faziam parte da agenda da atualidade (RTP, 29 de setembro de 2006). A ‘primeira grelha’ incluía também o formato “Vizinhos”, que consistia numa entrevista com “alguém que vive perto de nós” e o programa social “Porto Fino”. Assim como os formatos: “Comentários do BB”, “A Bola é Redonda”, “O Dia em Análise”, “Especial Debate” e “De Olho na Câmara”.

No dia 14 de Outubro de 2006 dá-se uma verdadeira revolução, o canal estreia 20 novos programas, dos quais: o programa “Bibó Porto”, que mostrava os bastidores das coletividades, dos bailes e os campeonatos de sueca, por exemplo; o “Express TV” que funcionava como um serviço de mensagens, neste era possível “mandar felicitações à filha, fazer uma reclamação, um pedido de casamento”; o formato “Máfia senta-se à mesa” onde os adeptos podiam “discutir futebol sem meias palavras”; o “Bastidores”, que dava a conhecer as “entradas da cidade”, como por exemplo, uma equipa acompanhava a distribuição do pão; o “Gestão de Topo”, um formato ligado à economia onde eram dados a conhecer casos de sucesso e o magazine “Brinquedos de Luxo”, apresentado por Andreia Teles (Jornal de Notícias, 12 de outubro de 2006).

A Medialuso – tal como vimos anteriormente - desde o início estabeleceu uma forte parceria com o canal, sendo que em 2007, a MediaPro – grupo do qual faz parte a Medialuso - tornou-se acionista maioritário do canal (Jornal de Notícias, 26 de junho de 2007). Quando Bruno Carvalho abandonou o cargo, três anos após o início do Porto Canal, foi substituído pelo realizador Juan Figueroa, que já fazia parte da estrutura do projeto (Oje, 11 de agosto de 2009 *apud* Dias, 2012, p. 50). Esta substituição acabou por reforçar ainda mais o controlo do acionista maioritário. Uma vez que Juan Figueroa fazia parte da Medialuso, enquanto diretor da mesma.

Em julho de 2010 o canal acolheu três delegações, que iriam cobrir vários pontos da região Norte, permitindo uma expansão da área de cobertura noticiosa. Surgiram então as delegações de Mirandela, que ficou responsável pela região de Trás-os-Montes, a de Arcos de Valdevez que cobria o Alto Minho e finalmente a de Penafiel, que ficou encarregue das regiões de Vales de Sousa e Tâmega (Jornal de Notícias, 27 de setembro de 2010). De acordo com Juan Figueiroa, esta medida tratava-se de “cumprir a matriz

editorial" do canal, "vincando assim o carácter de proximidade da sua informação e entretenimento", assim como "dar voz a regiões menos mediáticas, promover o conhecimento do país, discutir os problemas que habitualmente não têm cobertura informativa" (Jornal de Notícias, 30 de junho de 2010). Por isso, à luz do quarto aniversário da estação, Juan Figueroa pretendia continuar a apostar no "conceito regional" de televisão que o Porto Canal vinha a conquistar durante o seu percurso e cobrir mais regiões a Norte do país (Jornal de Notícias, 27 de setembro de 2010). Daí que em 2011, tivessem surgido mais 3 delegações: em Braga (que cobria a região do Cávado), em Guimarães (que cobria a região do Ave) e em Vila Real (que cobre a região do Douro). De acordo com Juan Figueroa, esta aposta surgiu devido aos "bons resultados das experiências que fizemos com a abertura de delegações no Alto Minho, Trás-os-Montes e Douro/Tâmega", o que o fez "pensar que o caminho é sermos um canal do Porto" (Jornal de Notícias, 17 de novembro de 2010). Ou seja, aqui fica provado o 'novo' rumo que acabou por ser adotado pelo Porto Canal, que começou por ser um canal que iria apenas ser de "interesse específico" dos 14 concelhos que integram a Área Metropolitana do Porto, mas foi progressivamente expandido a sua zona de intervenção e acabou por se tornar um canal regional, que servia de plataforma para a difusão da região Norte do país (idem, ibidem). O impacto a nível regional foi tal que se chegou a considerar a mudança do nome do canal.

Em 2010, o Porto Canal "passou a contar com uma nova tecnologia que veio revolucionar a transmissão televisiva em direto. Foi a primeira estação de televisão nacional a utilizar o LiveU, um sistema que não obriga ligação via satélite para difundir sinal áudio e vídeo. O equipamento cabe numa pequena mochila, permitindo maior mobilidade à equipa de reportagem. Este equipamento colocou o Porto Canal na vanguarda da tecnologia televisiva, permitindo informação mais rápida, mais próxima e mais real. Contudo, continuamos a fazer diretos com recurso a estações satélite", tal como garantiu a chefe de redação do canal, Vanda Balieiro.

2011 foi um ano de grandes mudanças no Porto Canal. Em primeiro lugar, o Futebol Clube do Porto adquiriu a parte que a Medialuso detinha do Porto Canal (97%), "mediante um acordo que prevê uma aquisição completa de capital em três anos e o compromisso de fornecimento de programas durante quatro anos, cujo teto mínimo é de 60%" (Jornal de Notícias, 30 de junho de 2011). Contudo, o Porto Canal não se assume como o "canal do clube", tal como o Benfica TV ou o Sporting TV, neste caso, é apenas

um “canal com clube”. Sendo que a sua oferta de programas não passa única e exclusivamente pelos conteúdos do FCP. Contudo, com a compra denotou-se uma forte introdução de conteúdos “azul e branco” na grelha do Porto Canal.

Após a entrada do FCP, a estrutura no Porto Canal tinha a seguinte configuração: Domingos de Andrade como diretor de informação (Jornal de Notícias, 12 de julho de 2011), Rui Cerqueira como diretor de conteúdos desportivos, Fernando Tavares enquanto assessor da direção e Vanda Balieiro como chefe de redação (Dias, 2012, p. 51).

Como forma de se compreender o efeito da introdução do FCP na grelha de programação do Porto Canal, vou demonstrar duas grelhas distintas, sendo que cada uma delas corresponde a uma segunda-feira, entre as 07h00 e a 00h00. A que surge à esquerda corresponde a julho de 2011, antes da introdução dos conteúdos FCP e a segunda corresponde a janeiro de 2012, após a compra.

GRELHA DE PROGRAMAÇÃO JULHO 2011		GRELHA DE PROGRAMAÇÃO JANEIRO 2012	
HORAS	PROGRAMA	HORAS	PROGRAMA
07:00	Trânsito	07:00	Trânsito
08:00	Territórios	08:00	Jornal do Norte
08:30	Porto Alive!	08:45	Flash Porto
10:00	Consultório	09:00	Consultório
11:30	La Vie En Rose	10:00	Porto Alive!
12:30	Clube dos Cozinheiros	11:30	Compacto Flash Porto
13:00	Domínio Público	12:00	Clube dos Cozinheiros
14:30	Mundo Interior	12:30	Fontes Cardeais
15:00	Cinema Batalha	13:30	Novo Norte
15:30	Net Diário	14:30	Cinema Batalha
16:00	Territórios	15:00	Somos Porto
18:00	Clube dos Cozinheiros	16:30	Clube dos Cozinheiro
17:00	La Vie En Rose	17:00	Net Diário
18:00	Consultório	18:00	Consultório
19:30	Porto Alive!	19:00	Notícias às 19
21:00	Telediário	19:10	Flash Porto Síntese
21:30	Especial Informação	19:15	Porto Alive!
22:00	Especial Debate	20:00	Notícias às 20
23:30	O Dia em Análise	20:10	Flash Porto Síntese
		20:15	Porto Alive!
		21:00	Jornal do Norte
		21:45	Flash Porto
		22:00	Somos Porto
		23:00	O Dia em Análise
		23:45	Flash Porto
		00:00	Especial FCP Futebol

Figura 1- Grelhas de Programação de julho de 2011 e janeiro de 2012

Antes de analisar as mudanças, convém explicar as cores usadas. O laranja foi escolhido para blocos informativos, o azul para os conteúdos FCP e finalmente, o roxo foi escolhido para os restantes programas culturais e de entretenimento.

Analisando as duas grelhas: na primeira, não consta nenhuns programas dedicados ao clube, sendo que na grelha de 2012, há uma introdução de 2 formatos novos: “Somos Porto” e “Flash Porto”, assim como um especial dedicado ao clube. Estas novidades representam 9 blocos na grelha, o que demonstra o peso que se conferiu e por isso, a marca FCP torna-se uma característica incontornável na oferta de programas do Porto Canal.

Em 2012, surge uma nova mudança: Júlio Magalhães, que até à data era pivot de informação na TVI, assume o cargo de diretor-geral do Porto Canal. Assumiu funções no dia 1 de fevereiro de 2012 (Jornal de Notícias, 10 de janeiro de 2012). A 6 de março de 2012, entra em funcionamento a delegação de Lisboa, que se junta assim a outras seis delegações espalhadas pela região Norte. A delegação da capital “teve como objetivo dar expressão nacional a esta estação de televisão. O Porto Canal, apesar de estar centrado na região Norte, nunca deixou de ser um canal nacional. Por isso, tivemos sempre em mente dois fundamentos: primeiro, colocar o Porto Canal no centro das decisões políticas do nosso país; segundo, acompanhar o trabalho dos deputados eleitos pelos círculos eleitorais do Norte. Quisemos dar voz às pessoas do Norte que vivem em Lisboa, não ignorando, a informação de cariz nacional”, tal como afirmou Vanda Balieiro. Aí surgiu a parceria com a agência Lusa, uma parceria a nível técnico: que é essencial no que diz respeito a disponibilização de imagens de certos eventos, cuja distância, não permite ao canal cobrir.

A 17 de julho de 2015 o processo de aquisição do Porto Canal pelo FC Porto, envolvendo a Sociedade dos Aliados, detida pela Medialuso e a FC Media, fica concluído (FCP, 17 de julho de 2015).

No início deste ano, no dia 11 de janeiro de 2016 o Porto Canal foi submetido à maior revolução que havia experienciado até à época: grelha ‘refrescada’ com novos programas, emissão em 16:9 e em HDTV, novo logotipo e novo grafismo. Quanto à informação, o canal manteve os 3 blocos informativos já existentes: “Jornal das 13”, “Jornal Diário” e “Último Jornal”, juntando a estes o formato “Acordar”, emitido de segunda a sexta-feira às 08h00. Para além disso, o antigo formato “Territórios”, que dava a conhecer exclusivamente as notícias relativas às regiões a Norte do país, foi extinto e surgiu o “Mundo Local”, que é uma espécie de uma revitalização do anterior formato. Também os conteúdos FCP foram reforçados, assim como, surgiram novos formatos

como o “Universo Porto”, que se centra em demonstrar a atualidade de todas as modalidades do FCP. Para além disso, há mais diretos de jogos de futebol da equipa B, Sub-19, Sub-17, Sub-16, de andebol, basquetebol e hóquei em patins (FCP, 10 de janeiro de 2016). Há uma maior aposta no entretenimento, como por exemplo o concurso “Azul ou Branco” liderado por Tiago Girão, com a companhia de Carina Caldeira; o talk-show “Olá Maria!” que funciona como o primeiro grande formato de *daytime* nas tardes do canal, com apresentação de Maria Cerqueira Gomes; o talk-show “De Letra”, que de segunda a quinta-feira tem um apresentador diferente, sendo estes: Pedro e Ricardo Guedes (2ª de Letra), Ricardo Couto (3ª de Letra), Maria Cerqueira Gomes (4ª de Letra) e Rui Massena (5ª de Letra) (idem, ibidem). Há também programas que regressam, mas reformulados, como por exemplo: o “Grandes Manhãs” com apresentação de Ricardo Couto, a quem se juntou agora Débora Sá; o “Magazine fim-de-semana” que regressa com a apresentação de Andreia Teles e “Estação de Serviço”, com apresentação de Olívia Ortiz.



Figura 2 - Logótipos do Porto Canal de 2006-2008 // 2008-2011 // 2011- 2016 // 2016 - ?

Como referi anteriormente, com a nova grelha surge também novo um logotipo. Este “foi inspirado em quatro elementos: na Esfera Armilar, como instrumento de navegação que norteou os portugueses na época dos Descobrimentos e cujo objetivo é elencar a expansão do canal pelo país; as pontes são entendidas como meio de união, “do Porto para o mundo”, o microfone também serviu de inspiração, porque dá a voz a todos os intervenientes do canal e o Futebol Clube do Porto, numa associação ao seu logótipo” (Porto Canal, 06 de janeiro de 2016).



Figura 3 - Novos logótipos do Porto Canal

Com o novo logótipo surge também uma nova linha gráfica que distingue os géneros dos diversos formatos que compõem o Porto Canal. O logo com os arcos em laranja, diz respeito aos programas de cariz desportivo, como por exemplo o “Flash Porto”, o “Jornal de Desporto” e o “Universo Porto”. Quanto à cor amarela, diz respeito à Informação, ou seja, todos os blocos informativos têm o logo amarelo no canto superior esquerdo do ecrã. O logo com a sua configuração regular, se qualquer apontamento, diz respeito aos formatos de entretenimento, como por exemplo: o “Grandes Manhãs”, o “Olá Maria” e o “Sem Rede”. A cor azul mais clara – designado por azul bebé – corresponde aos formatos culturais, como são o caso do “A falar é que a gente se entende”, “Caminhos da História” e “N’Agenda”. Finalmente o verde corresponde aos formatos de bem-estar, como é o caso do “Clube de Cozinheiros” e o “Imperdíveis”.

Antes do início do canal, Bruno Carvalho desejava que o canal fosse transmitido a partir do Media Parque, no Monte da Virgem (Diário de Notícias, 6 de março de 2006). Contudo, o desejo não se realizou sendo que a sede do Porto Canal - que continua a ser a mesma na altura do arranque do canal - situa-se na Senhora da Hora, em Matosinhos, “num armazém alugado” (idem, ibidem). Contudo, ao longo dos anos foi sendo renovada e sofrendo alterações, tal aconteceu pela primeira vez em 2008 (Jornal de Notícias, 6 de novembro de 2008). Mais recentemente, com a introdução do novo grafismo, da alta definição e do novo logo, a sede do Porto Canal sofreu algumas alterações. Alterações essas, que acompanhei ‘na primeira fila’.



Figura 4 - Antigos estúdios do Porto Canal

Quando entrámos no Porto Canal no dia 1 de setembro de 2015, esta (imagem acima) era a configuração dos estúdios do canal. Na imagem à direita, vemos o estúdio dos blocos informativos do canal – “Jornal das 13”, “Jornal Diário” e “Último Jornal”. O estúdio dos blocos informativos tem como ‘imagem de fundo’ uma das partes da redação,

neste caso, o local onde os jornalistas editam as suas peças. Na parte superior, como vemos na imagem, é a outra parte da redação, onde se encontra a produção, o departamento online, assim como é também, o local de trabalho dos pivots de informação, da chefe de redação e da diretora de informação. Anteriormente, no estúdio predominavam as cores laranja e pelo azul, algo que, entretanto, já não se verifica, como vamos ver mais à frente. Por sua vez, na imagem à esquerda, vemos o antigo estúdio do “Grandes Manhãs”, que se situava em frente ao estúdio dos blocos informativos, ou seja, partilhavam o mesmo espaço. Contudo, não só o “Grandes Manhãs” era transmitido a partir deste estúdio. As placas que compoñham o cenário eram removíveis, ou seja, esta valência permitia a possibilidade de uma panóplia de programas se desenrolarem naquele espaço, tais como: o “Territórios”, o “Mentes Que Brilham”, o “Sexo Á Moda do Porto”, o “Grandes Conversas” e o “Consultório”, por exemplo.



Figura 5 - Novos estúdios do Porto Canal

Com a nova grelha, a dinâmica dos estúdios do Porto Canal é um pouco diferente. Em primeiro lugar, a maioria dos programas de entretenimento estão agora concentrados nos novos estúdios na zona subterrânea do Dragão Caixa, nas Antas. Quanto ao edifício sede continua com um esquema parecido com o anterior, de um lado (como vemos na imagem à esquerda) temos o estúdio dos principais blocos informativos – “Acordar”, “Jornal das 13”, “Jornal Diário” e “Último Jornal” - e de alguns espaços de comentário. As cores mudaram agora o cenário é predominantemente azul, cinzento e amarelo. Há também um novo espaço de conversa, que é usado para o programa “Acordar”. Do lado oposto (como vemos na imagem à direita), temos um cenário virtual, que é utilizado através do efeito designado por Chroma Key, onde o cenário verde é substituído pelo cenário do programa de forma virtual. Neste, decorrem formatos dos mais variados géneros, exemplos disso são: “Jornal de Desporto” (formato de desporto), “Mundo Local” (formato de informação), “Reencontros” (formato de entretenimento) ou “A Falar É Que

A Gente Se Entende” (formato cultural). Todos têm diferentes dinâmicas, diferentes estúdios e diferentes acessórios como mesas, cadeiras, sofás ou até um piano (no caso do formato “5ª de Letra”).

Antes das transformações da grelha, nos últimos dias de 2015, mais precisamente no dia 27 de dezembro de 2015, a operadora de televisão por cabo MEO adquire o direito das transmissões dos jogos de futebol do Futebol Clube do Porto. O Porto Canal estava incluído no contrato, tendo ficado a operadora com a exclusividade do canal, contudo isso não se verificou numa primeira instância (Observador, 27 de dezembro de 2015). A 11 de Fevereiro de 2016, um mês após o início do ‘novo Porto Canal’, a exclusividade vinha a confirmar-se. A MEO suspendeu o acesso ao canal aos clientes da operadora NOS (Jornal de Notícias, 10 de fevereiro de 2016). Esta suspensão deveu-se “à falta de acordo com a NOS relativamente à comercialização dos direitos de transmissão do Canal Benfica TV e dos jogos do Benfica que pertencem à NOS a partir de julho de 2016”, por sua vez, a NOS alegou que "apesar de todos os esforços negociais" que desenvolveu nas últimas semanas, "a MEO revelou-se irrazoável e inflexível, não tendo nunca apresentado qualquer proposta específica para a distribuição deste canal" (idem, ibidem).

Ou seja, atualmente, o Porto Canal é apenas transmitido pela MEO e pela Vodafone TV. Esta posição atual poderá não ser beneficiária para a estação televisiva, uma vez que um estudo de 2011, comprova que diante de 435 inquiridos da região Norte de Portugal, a operadora por cabo que abrangia a maioria destes era a NOS, à época ZON TV/Cabo (Rebelo, 2011). Ou seja, esta mudança não deverá representar mais telespetadores, contudo, é uma mudança reversível, podendo ainda as duas operadoras chegarem a um consenso.

Variável		Número	Percentagem
Televisão por cabo ou satélite	Sim	372	85,3%
	Não	64	14,7%
Operador	Cabovisão	27	7,30%
	ZON TV Cabo	188	50,50%
	MEO	117	31,50%
	Clix Smart TV	7	1,90%
	TV TEL	6	1,60%
	Não sabe/responde	27	7,30%

A jornalista Alexandra Costa Martins garante que é na rua que se apercebe do descontentamento dos telespetadores face a esta mudança: “ouvimos muitas queixas e pessoas desiludidas. No fundo, o que as pessoas querem saber é quando é que o Porto Canal vai voltar para a NOS. Eu acho que isso é um bom sinal: se vamos para a rua e as pessoas perguntam porque é que não estamos lá é porque nos viam. Se calhar não nos viam todo o dia, mas há programas com que se identificam (...) E as pessoas dizerem que estão tristes porque não vêem o Porto Canal é um bom sinal. Espero que a situação se resolva rapidamente”. Ana Guedes Rodrigues, diretora de informação do Porto Canal, afirma que por causa desta mudança “houve efetivamente uma quebra de audiências, mas é um problema que nos é completamente alheio, é uma guerra entre operadoras e o Porto Canal é apanhado no meio, um bocadinho como arma e negociação e temos que esperar que as operadoras cheguem a um acordo e se não chegarem, este é o nosso mercado, é o nosso caminho, provavelmente temos de redesenhar alguns conteúdos, temos que redesenhar a estratégia. Mas a vida não acabou e podemos sempre cativar mais clientes e até fazer com que alguns clientes que gostam muito do Porto Canal e que de repente o deixaram de ter na NOS, possam aderir à MEO, só para ter o Porto Canal. Temos já muitos casos desses”.

Atualmente, o esquema da direção tem a seguinte forma: Júlio Magalhães, diretor-geral; Ana Guedes Rodrigues, diretora de informação; Ana Rita Basto, coordenadora executiva; Mafalda Campos, coordenadora de programas e emissão; Paulo Ferreira, diretor de conteúdos de informação; Rui Cerqueira, diretor de conteúdos desportivos; Paulo Miguel Castro, coordenador de conteúdos desportivos; Vanda Balieiro, chefe de redação; André Arantes, editor e coordenador de conteúdos online e finalmente, Rui Vieira, direção administrativa e financeira. Durante a nossa estadia no canal, este esquema manteve-se inalterável.

A equipa de jornalistas e produtores cresceu também desde o início do canal de “3 jornalistas e uma produtora” para os atuais 43 elementos. Dados que nos foram fornecidos pela chefe de redação, Vanda Balieiro.

III.II – Experiência Pessoal

A nossa passagem pelo Porto Canal através do estágio curricular ocorreu entre o dia 1 de setembro de 2015 e 29 de janeiro de 2016. Durante esse período passámos pelas três etapas destinadas aos estagiários curriculares: departamento *online*, agenda/produção de informação e jornalismo televisivo.

III.II.I – Departamento Online

Entre o dia 7 de setembro ao dia 18 de setembro, fizemos parte do departamento *online*. A nossa função nesta secção do Porto Canal tinha que ver com a escrita de notícias para o *site* oficial da estação televisão.

Quando chegávamos ao canal, o responsável pelo departamento, André Arantes enviava-nos um *e-mail* recheado com links de notícias, sendo que para cada um desses links, tínhamos de escrever uma notícia. Após a redigir, a notícia era lida e supervisionada pelo responsável que depois decidia publicá-la ou pedia para fazer alguma alteração à mesma.

Todas as notícias eram assinadas sob a sigla LYV, sendo que o Y era a letra escolhida para designar estagiário, e as outras duas letras são as iniciais do meu primeiro e último nome (Luís Vigário). Para pintar as notícias e para não infringir a lei dos direitos de autores, usávamos imagens de *sites* que permitem o uso dos seus recursos fotográficos para efeitos comerciais, como o Flickr e o Pixabay.

Também nos era permitido sugerir notícias, caso encontrássemos algo interessante e que achasse que tinha pertinência. O que fiz com alguma frequência e que foi sempre bem-recebido.

Para além das notícias, tínhamos também outra responsabilidade, que era ver vídeos de comentadores de algum dos blocos noticiosos dos dias anteriores, para posteriormente, fazer uma súmula do que foi dito por estes, para que o vídeo fosse publicado no *site*, assim como essa tal súmula.

Ao longo da passagem de 11 dias pelo departamento, redigi 134 notícias para o *site* do Porto Canal. Passando por diversas áreas como: economia, política, *fait-divers*, mundo, saúde, sociedade, etc. Em anexo, estão disponíveis algumas das notícias redigidas por mim e dessa forma, posso demonstrar a diversidade de temas que me debrucei, durante a minha passagem por este departamento.

Esta passagem serviu como um aquecimento para o que se avizinhava, uma vez que o rigor jornalístico já era pedido nesta experiência. Mas também o esquema sobre o

qual redigia as notícias, não era muito distinto daquele que usava quando redigia notícias para televisão.

III.II.II – Agenda / Produção de informação

Desde o primeiro dia que fizemos parte deste departamento e fizemo-lo praticamente até ao estágio terminar.

No dia em que entrámos, pela primeira vez, no Porto Canal foi nos pedido para tirarmos aberturas, fazermos *push-ups* e fazermos a ronda diária. O ato de tirar aberturas é feito diariamente às 13h00 e às 20h00. E em que consiste tirar aberturas? Consiste em tirar fotografias com o telemóvel ao ecrã da televisão, de forma a captar as três primeiras notícias dos blocos informativos das três televisões generalistas. Depois, é redigido um *e-mail* onde se divide as três estações televisivas e as três respetivas notícias, sendo depois enviado para a produção de informação e para os coordenadores. Isto serve para que a produção e os coordenadores, responsáveis pela criação do alinhamento diário tenham noção do que foi noticiado pelas outras estações, para que o Porto Canal tenha sempre linhas editoriais que funcionem como uma alternativa e não uma repetição do que acontece nos outros canais. O que não quer dizer que isto não aconteça, caso a pertinência das notícias se imponha. E muitas das vezes em que as televisões generalistas abrem os seus blocos informativos com notícias ‘a Norte’ é praticamente impossível, a linha editorial do Porto Canal se distanciar. Tal como afirma, Ana Guedes Rodrigues, no canal existe a tentativa de fazer com que “o alinhamento seja alternativo. Nós temos que dar, de facto, uma alternativa às pessoas, porque se vamos fazer aquilo que os outros fazem (...) perde-se um bocadinho o nosso objetivo: o que é que faz uma pessoa ver o Porto Canal se o Porto Canal oferece aquilo que os outros oferecem? Julgo que nada, porque efetivamente do ponto de vista tecnológico, do ponto de vista de evolução, o Porto Canal não tem mais para oferecer do que os outros. Até estamos em desvantagem em relação a isso porque somos um canal com meios limitados e, portanto, acho que o que se tem de distinguir no alinhamento do Porto Canal é a novidade, nós temos que dar às outras pessoas uma coisa diferente daquilo que elas podem ver nos outros canais. Voltamos então à questão da proximidade: já que só agora é que os outros estão a começar a perceber que a proximidade é importante e nós já estamos nesse processo há muito tempo, então temos de tirar partido dele, é por aí que penso que temos de ir. Se calhar em vez de abrirmos com notícias no âmbito nacional, que toda a gente vai ver desenvolvidas nos

outros canais e se calhar, até mais bem-feitas, com recurso a mais grafismo, com dois ou três jornalistas a trabalhar para aquele assunto e nós aqui não temos essa capacidade, então vamos abrir com um bloco de notícias alternativo que diga às pessoas que estão a ver uma coisa que não vão ver nos outros canais. Acho que é essa a grande dificuldade em fazer informação no Porto Canal, porque basicamente, os outros orientam-se uns pelos outros e tentam fazer melhor. Nós, para além de tentarmos fazer o melhor, temos de fazer diferente”. Contudo, e tal como garante, Ana Rita Basto, coordenadora executiva, por vezes também os blocos informativos do Porto Canal abrem com notícias do âmbito nacional, pois se estas afetaram “toda a gente, é claro que também abrem os nossos jornais, porque esse assunto é o que interessa às pessoas naquele dia. [...] Há assuntos nacionais que acabam por abrir, mediante a importância, mas é fácil de perceber, pegando num alinhamento de outro canal ou pegando no nosso, que geralmente os nossos assuntos estão em pontos diferentes do alinhamento, não deixamos obviamente de dar o nacional e de dar o que os outros dão, referentes à Caixa Geral de Depósitos, ao BES, à capitalização, aos assuntos da política, mais pura e dura, aos debates quinzenais, nós damos na mesma, não damos, se calhar à ‘cabeça’ do jornal”.

Quanto aos *push-ups*, este é um termo da gíria jornalista que corresponde às notícias que vão aparecendo (e desaparecendo) no rodapé dos blocos informativos. Todos os dias, tinha de ler jornais, assim como *sites* noticiosos para adicionar notícias aos *push-ups*, que depois eram devidamente corrigidos pelos coordenadores do Porto Canal, antes de serem lançados para o ‘ar’. Os *push-ups*, numa fase inicial eram divididos por três categorias: Norte, País e Mundo. Sendo que tínhamos de preencher as três categorias com notícias que fizessem correspondência. Com as mudanças que ocorreram em janeiro de 2016, a categoria Desporto foi também incluída. Para além de que existe um novo programa para se adicionar *push-ups* – que se designa por wTVision CMS – visto que anteriormente estes eram escritos num documento da plataforma Google Drive. Com alguma frequência, eram colocadas como *push-ups* algumas das ocorrências que descobríamos pelas rondas diárias, mas que não cobríamos.

Por sua vez, as rondas diárias consistem em fazer-se telefonemas para as autoridades da região Norte (Bombeiros, GNR, Capitania Marítima, etc.) e perceber se há alguma ocorrência, que tenha pertinência para ser noticiada. No início a ronda era feita através de uma grelha impressa em papel, onde tinham todos os números e há frente de cada um deles, um quadrado em branco e que tínhamos de preencher, assim que

terminasse a chamada e passávamos para o número seguinte. Contudo, desde 15 de setembro que esta modalidade diária na redação do Porto Canal foi convertida ao mundo digital, existindo agora um documento Excel para o efeito na plataforma Google Drive. Com este documento surgiu também uma maior incidência na realização das rondas. Anteriormente, a ronda era feita de duas em duas horas. A partir do momento em que se digitalizou a prática, criaram-se duas rondas distintas: a grande e a pequena. A ronda grande é feita de quatro em quatro horas (10h00, 14h00 e 18h00), sendo que esta comporta mais de 250 contactos telefónicos das mais diversas entidades. Por sua vez, a ronda pequena é ligeiramente mais curta, mas também é feita de quatro em quatro horas (08h00, 12h00, 16h00 20h00 e 22h00). Ou seja, ao todo as rondas são feitas nos seguintes períodos: 08h00, 12h00, 14h00, 16h00, 18h00, 20h00 e 22h00, o que na realidade não difere do esquema anterior das duas horas, mas é feita de forma diferente devido à divisão criada. Um dos grandes desafios desta prática é criar uma ligação com quem está do outro lado do telefone, para que nos sejam fornecidas ocorrências. E quando estas nos são comunicadas, começam a surgir laivos de trabalho jornalístico, uma vez que temos de reunir toda a informação que conseguirmos antes de darmos conhecimento a algum dos coordenadores da mesma. Até porque qualquer mal-entendido pode deixar cair a hipótese de se cobrir a ocorrência. E por isso, quantos mais dados recolhermos - relativamente ao número de feridos, ao impacto causado, ao ambiente que circula a ocorrência, etc. - melhor.

Outras das competências que eram exigidas durante a fase da produção era a realização de agendamentos, ou seja, agilizar reportagens. Estes agendamentos, geralmente, não aconteciam por minha iniciativa, era sempre algum membro da equipa da produção que me incutia desse serviço. Para tal, por vezes, era-nos cedido uma notícia de algum jornal e tínhamos de pesquisar *online* pelos contatos, outras vezes, forneciam-nos contatos. Depois tinha apenas de articular com os intervenientes na reportagem, o local e a hora da reportagem, mediante a disponibilidade dos mesmos e da agenda do Porto Canal.

Um dos trabalhos da produção do Porto Canal é colocar copos de água para os pivots de informação e respetivos convidados, assim como, auxiliar na colocação dos microfones dos convidados. Esta última prática já não acontece, visto que atualmente o Porto Canal dispõe de assistentes de estúdio. Para além disso, tirei várias fotocópias e digitalizações, algo que parece redutor, mas são pequenos trabalhos que têm a maior importância na dinâmica da redação.

Também competia aos estagiários atualizar o documento com os oráculos da delegação, para que exista uma maior noção e controlo daquilo que se transmitia a nível das delegações.



47

III.II.III – Jornalismo Televisivo

Na qualidade de estagiário curricular, apenas pudemos acompanhar reportagens e editar brutos, que depois eram revistos pelos coordenadores que nos davam a sua opinião face ao resultado final.

Quando entrei no Porto Canal, o programa de edição usado era o Final Cut Pro, no qual tinha muita pouca experiência, apenas duas tentativas durante a licenciatura. Mas tal como qualquer programa de edição é apenas uma questão de hábito para se começar a tornar instintivo. Antes das alterações de janeiro de 2016, a redação contava com apenas 9 computadores, sendo um deles destinado à equipa dos conteúdos do FC Porto. Atualmente, a redação também foi submetida a uma remodelação, de forma a acolher as novas cores do estúdio dos blocos informativos, assim como existem mais computadores (12). Para além destas mudanças, atualmente o programa de edição usado é o Adobe Premiere Pro, o que nos obrigou a aprender a dominá-lo.

Também antes das ‘mudanças de janeiro’, o sistema adotado no Porto Canal era designado por IP Director. Atualmente existem dois programas para ‘enviar as peças’ para o sistema: o VSN Explorer, que serve para fazer o *upload* da peça, sendo que depois esta será enviada para o Ross Inception, onde é anexada ao alinhamento. A plataforma VSN Explorer veio simplificar o sistema do arquivo de imagens, uma vez que todas as peças que são ‘carregadas’ para o programa, têm de ter *tags*, o que vai facilitar a pesquisa de imagens antigas. Anteriormente existiam vários discos de arquivo, sendo que tínhamos de tentar perceber em qual dos discos a peça em questão estaria sendo que existia apenas um computador para o efeito. Hoje em dia, qualquer jornalista pode descarregar os vídeos de arquivo no seu computador.

Para além deste trabalho, cabe também aos jornalistas deixarem os oráculos para as peças, que deverão ser escritos no alinhamento diário que se encontra presente num documento Excel na plataforma Google Drive. Esta prática manteve-se inalterável com ‘as mudanças de janeiro de 2016’. Além de oráculos, os jornalistas têm de deixar sugestões de textos pivots no programa Ross Inception, que depois serão lidos e aprovados pelos pivots.

As mudanças técnicas são vistas com ‘bons olhos’ para quem as utiliza diariamente, como é o caso da jornalista Alexandra Costa Martins “toda a melhoria que

é feita nos postos de trabalho é bem-vinda. Nós aqui temos um sistema novo, mais prático, mais fácil que nos veio ajudar a evoluir e isso vê-se no produto final, na qualidade daquilo que é feito. Não basta ter um bom jornalista e um bom repórter de imagem no terreno convém também que o sistema informático ajude para que o produtor final seja melhor”. Também Ana Rita Basto, coordenadora executiva, elogia as mudanças técnicas que ocorreram em janeiro de 2016, “nós os processos já os fazíamos, agora este sistema o que nos permite é uma maior integração. Para um pivot é essencial o facto de teres alguém que te escreve umas dicas no próprio sítio onde tu depois vais mudá-las e não recebes coisas por e-mail e há ali uma proximidade. Depois a questão do imediatismo aqui é muito presente porque, na maior parte das vezes, já estou sentada no jornal na mesa de pivot, quando tenho um jornalista a chegar e a escrever-me uma ideia da peça, sem ter necessariamente que vir ter comigo fisicamente dizer-me alguma coisa e eu própria (ou a coordenar ou enquanto pivot) facilmente mudo o alinhamento quase sem necessitar de uma terceira pessoa ali. Tens uma muito maior autonomia com este novo sistema”.

De acordo com a jornalista Ana Leite, a dinâmica nas delegações é diferente da que é encontrada no edifício sede: “cada dia é uma nova surpresa. Não há horários definidos. Só sabemos a hora de entrada do dia seguinte na véspera. E dificilmente esse horário se cumpre, já que a agenda previamente recebida raramente não sofre alterações. A isto somam-se um grande território de cobertura, já que somos deslocados também para as regiões de outras delegações (Alto Minho e Sousa e Tâmega), e muitos quilómetros percorridos. Há dias em que estamos “de prevenção”, o que significa que poderemos ser chamados a qualquer momento [...] Nós enviamos as peças por internet para um servidor do canal. Não temos ainda acesso ao sistema. Editamos em Final Cut Pro no espaço da delegação, no café, no carro, em casa, em todo o lado. Até parece o slogan de uma rádio!”.

IV - Programa “Territórios” / “Mundo Local”

IV.1 – Proximidade no Porto Canal

O Porto Canal teve, desde sempre, uma grande tradição de fazer programas, assim como blocos informativos, ligados à proximidade. Exemplos disso são o programa “Repórter de Cidade”, que foi o primeiro formato do canal a ser emitido, como vimos anteriormente. Este era um bloco informativo diário que era exibido duas vezes por dia, durante o período de 15 minutos.

Em 2010, surgiu um formato ligado à agricultura designado por “Terra”. De acordo com a apresentadora do programa Alexandra Costa Martins, este era dedicado à “agricultura e claro, os agricultores. (...) [Neste] as equipas de reportagem iam até ao local destes agricultores, acompanhavam o trabalho deles. Estamos a falar da produção de kiwis, às vezes também de plantas, todo o tipo de flores, muita frutas, legumes. A equipa acompanhava toda a produção, o agricultor explicava todo o processo: se tinha ou não um mecanismo artificial (de máquinas) para produzir os produtos (...) Era um programa completamente inovador feito com poucos recursos, mas do Norte para o resto do país”. O formato inseria-se no princípio da proximidade do canal, uma vez que (e novamente citando Alexandra Costa Martins) “muitos dos produtores/agricultores com quem nós falamos nunca tinham estado à frente de uma câmara de televisão. Nem tão pouco esperavam receber um contacto de uma estação de televisão. Nós estivemos em terras que a maioria das pessoas, se calhar, nunca ouviu falar. E acho que isso também era muito importante para o retorno deles, para o retorno das pessoas que conheciam os produtores (e iam lá diretamente para comprar o produto) e para eles escoarem o produto e também, pelo outro lado, de dar a conhecer aquilo que é feito no Norte. Nós temos tantas coisas boas para mostrar e o trabalho desses agricultores é uma delas”. O programa com duração de 50 minutos por cada episódio terminou dois anos após a estreia, devido a “mudanças de direção”.

Mais recentemente, em 2013, surgiu o Território, um formato onde se passava “em revista alguns dos principais assuntos que marcam o dia-a-dia das várias regiões do país. As notícias que os outros não noticiam, mas que são parte da vida de cada um. Este é o momento para saber o que acontece na sua terra”, tal como é ainda possível ler-se no *site* do Porto Canal. Esta sinopse demonstra bem o objetivo e o cariz de proximidade inerente ao formato. No início, o programa era exibido unicamente ao fim-de-semana, sendo que de acordo com a produtora do programa, Sara Barbosa, o formato surgiu “para dar destaque às notícias que se passavam na região e era um bloco só de quinze minutos. Depois, começamos a ver que tinha muita audiência e que tinha muita saída e que cada vez mais as pessoas queriam ver o que se passava na sua terra e por isso, alargamos o formato para 25 minutos”, que passou a ser exibido de segunda a sexta-feira. À frente do formato estavam Mariana D’Orey, Humberto Ferreira, Eduarda Pires e Alexandra Costa Martins, que em sistema de rotatividade apresentavam o programa.

Citando novamente a produtora do formato, o “Territórios” era um formato que pretendia “dizer às pessoas o que é que acontece nas terras delas. Quando são notícias nacionais, as pessoas podem ver em qualquer canal. Agora, coisas sobre a terra, sobre festas que vão acontecer, sobre concertos que existiram ou então as festinhas que existem nos lares de idosos, normalmente há poucos canais a dar destaque a isso. E nós marcamos a diferença por isso”.

No dia 8 de janeiro de 2016, o formato extinguiu-se dando lugar ao “Mundo Local”, que estreou no dia 11 de janeiro de 2016. Este, assim como anterior formato, é um “magazine informativo, em direto, onde passam em revista alguns dos principais assuntos que marcam o dia-a-dia das várias regiões do país. As notícias de que os outros não falam, mas que são parte da vida de cada um. Este é o espaço informativo, para o que acontece na sua terra”, tal como é descrito no site oficial do Porto Canal. O formato é apresentado por Mariana D’Orey e segundo a própria as notícias prioritárias deste programa são “as que tocam mais na vida das pessoas. Vamos supor: há pouco tempo tivemos a exoneração do presidente da CCDRN, é uma notícia do território sim, mas não é uma notícia de abertura do “Mundo Local”. Uma notícia de abertura do “Mundo Local” é que vai haver mais dinheiro para os fundos comunitários, porque vai haver mais dinheiro para as nossas empresas, logo, mais dinheiro para as pessoas desse território”.

De acordo com Paulo Ferreira, diretor de conteúdos de informação, “não há grande diferenças conceptuais [entre os dois formatos]. (...) o Mundo Local é o Territórios numa fase um bocadinho mais adulta e madura”. A mudança de nome foi também um ingrediente essencial para rejuvenescer o formato, pois segundo a produtora Sara Barbosa, o ‘novo’ nome “se calhar, (...) chama mais à atenção. Porque “Territórios”, pode ser o território a Norte ou território do centro. “Mundo Local” se calhar as pessoas já associam mais ao ‘mundinho’ delas e acho que isso ajudou bastante”. A tentativa de estar próximo do telespetador, também foi algo que pesou aquando a criação do genérico do programa, visto que tal como relatou Mariana D’Orey, “na altura da montagem do genérico do “Mundo Local”, nós tínhamos um genérico inicial que era muito associado ao mundo rural, portanto: as vaquinhas, a vinha, etc. E isso é espetacular, também faz parte do nosso território, mas há muito mais para além disso, há também uma entidade mais urbana. (...) E acho que foi esse *upgrade* que nós demos de alguma maneira neste “Mundo Local””.

Durante o período que estive a estagiar no canal pude também perceber que a cobertura feita às eleições autárquicas se desenrolou de uma forma especial, uma vez que os debates realizados, passaram pelas diversas regiões do Norte, contendo sempre um membro do círculo eleitoral de cada partido dessa mesma região. Uma abordagem diferente da que vemos nas televisões generalistas. Mais uma vez, aqui se comprovou o carácter de proximidade que já é uma imagem de marca do canal. Também nas eleições presidenciais se sentiu alguns laivos de ‘proximidade’, uma vez que em cada entrevista com os candidatos presidenciais, estes recebiam uma questão elaborada por um autarca do Norte.

Mais recentemente, no dia 6 de fevereiro de 2016, estreou o formato “Destino Norte”, um programa que “desce aos territórios da região, procurando projetar o local no global, ao mesmo tempo que mostra o que de melhor existe e se faz em cada espaço. Desbravando caminhos e aventurando-se por diversos trilhos, desvenda o que está escondido: as gentes e as instituições que, todos os dias, constroem laboriosamente o destino do Norte” (Meios e Publicidade, 5 de fevereiro de 2016).

O que nos propomos agora fazer é analisar um alinhamento semanal do programa “Territórios” e do programa “Mundo Local” e comparar com o alinhamento semanal do bloco informativo “Jornal Diário”. Com esta análise, pretendemos compreender se de facto se estes, tal como se caracterizam, apresentam uma maior proximidade do que os blocos informativos.

IV.II – Metodologia

À luz do que foi dito anteriormente, propusemo-nos então realizar uma pesquisa exploratória através do “levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; análise de exemplos que estimulem a compreensão” (Silva & Menezes, 2005, p.21). Para além disso, fizemos também uma pesquisa descritiva através da exposição de diversas características inerentes ao Porto Canal e aos seus formatos, assim como estabelecemos “relações entre variáveis” (Idem, ibidem). Finalmente, ao mesmo tempo, realizámos também uma pesquisa qualitativa onde utilizei o ambiente natural como “fonte direta para a colheita de dados”, sendo a pessoas responsável pela pesquisa “o instrumento-chave” da investigação (Idem, ibidem). Como tal, a metodologia utilizada no decorrer do trabalho, foi o estudo de caso.

A pesquisa foi então feita para que conseguíssemos responder à grande questão que levanto neste trabalho: "Será que o programa "Territórios"/"Mundo Local", pratica o jornalismo de proximidade a que se comprometeu?".

IV.III - Análise de dados

Para realizar a análise de dados, decidimos comparar quatro grelhas referentes a duas semanas distintas. Na primeira semana - de 16 a 20 de novembro de 2015 – decidimos estabelecer comparações entre os blocos informativos “Jornal Diário” e o “Territórios”. Na segunda semana - de 11 a 15 de janeiro de 2016, semana de estreia da mais recente reformulação da grelha do Porto Canal – compararmos os formatos “Jornal Diário” e “Mundo Local”, sendo este último uma reformulação do anterior formato “Territórios”, visto que a premissa dos formatos é exatamente a mesma e a forma de construção do alinhamento é pensada da mesma forma que o antecessor, como foi anteriormente explicado. Para distinguir o “Jornal Diário” referente a cada semana: decidimos criar o “Jornal Diário I”, referente ao bloco informativo da semana de novembro de 2015 e o “Jornal Diário II”, que diz respeito a janeiro de 2016.

Para as tais comparações, utilizámos o programa IBM SPSS, tendo como variáveis: o nome do programa, a data, o ID das peças, a ordem de entrada da notícia (abertura, meio, fecho), o editorial, o local (cuja peça diz respeito) e ainda o género.

Para a criação da grelha com todas as informações anteriormente citadas baseamos-nos nos alinhamentos dos formatos. Neste documento, tinha informações: quanto aos locais da peça – cuja divisão no Porto Canal se faz da seguinte forma: Tâmega e Sousa, Porto (que abrange toda a zona do Grande Porto), Guimarães, Aveiro, Douro, Trás-os-Montes, Entre Douro e Vouga, Alto Minho e Braga, sendo estas as regiões de intervenção do Porto Canal, como vimos anteriormente no mapa. O resto ficou dividido em Internacional e País. No que diz respeito a País, estão inseridas todas as notícias referentes a medidas, leis, políticas que possam influenciar não só uma região, mas o todo o território nacional; quanto ao género, aqui tinha informação se se tratava de um OFF2 – “género televisivo em que o apresentador de televisão lança imagens enquanto continua a falar sobre elas. Ou seja: o texto que o espetador ouve enquanto vê as imagens está a ser dito, em direto, pelo apresentador. Pelo contrário, nas outras peças, o texto dito pelo jornalista (também chamado “som ou voz off”) está gravado” (Oliveira, 2007) -, uma peça, um direto ou um TH – sigla para “*talking head*”, que é muito usada na gíria jornalística e significa que se trata apenas um depoimento de alguma pessoa, ou seja, em vez de ser

emitida uma peça, apenas é exibido um curto depoimento que não deve ter mais que 1 minuto.

No que diz respeito ao editorial, embora não tivéssemos essa informação explícita, subdividimos em 11 categorias: institucional (todas as reportagens que tivessem que ver com o canal ou a sua programação), segurança, saúde, atualidade (tudo o que diz respeito ao imprevisível, aquilo que foge da agenda noticiosa expetável), educação, economia, desporto, política, justiça (ou sejam, novas regras, novas leis, mas também julgamentos e leituras de acórdãos), sociedade e finalmente, cultura.

Na primeira comparação decidimos perceber a relação entre cada programa e o número de notícias (durante a semana em causa) que dedicam a uma determinada região/local.

PROGRAMA * LOCAL Crosstabulation

Count		LOCAL											Total
		Tâmega e Sousa	Grande Porto	Guimarães	Aveiro	País	Internacional	Douro	Trás-os-Montes	Entre Douro e Vouga	Alto Minho	Braga	
PROGRAMA	Territórios	6	22	4	1	0	0	6	0	0	4	4	47
	Jornal Diário I	6	29	3	0	57	25	4	0	2	2	1	129
	Mundo Local	4	10	2	0	1	0	2	3	4	5	2	33
	Jornal Diário II	0	29	0	1	66	4	4	1	0	2	4	111
Total		16	90	9	2	124	29	16	4	6	13	11	320

Tabela 2 - Crosstabulation entre as variáveis programa e local

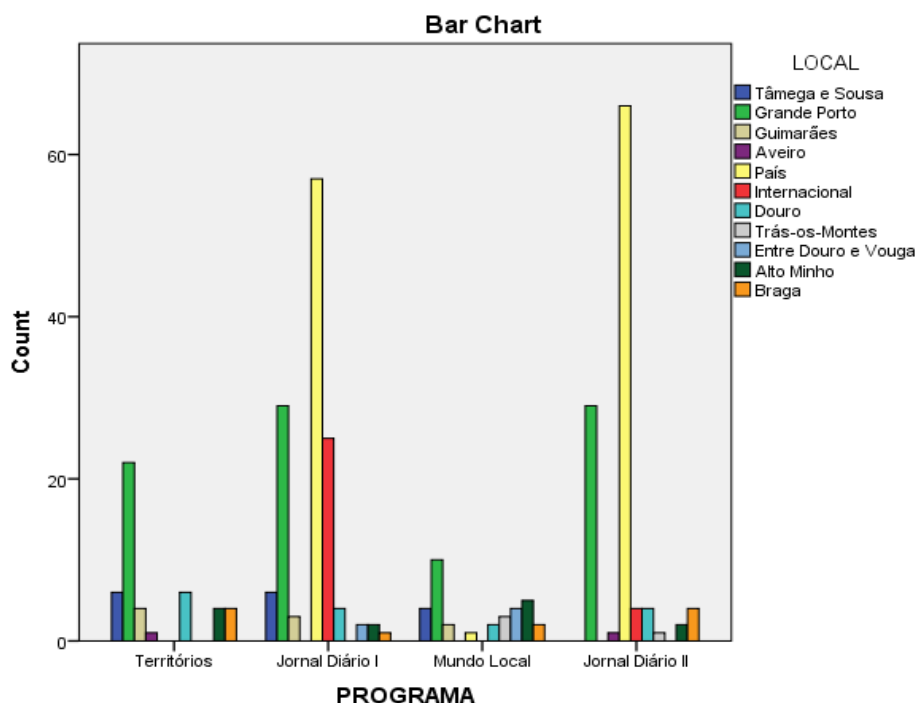


Figura 7- Gráfico da comparação entre as variáveis programa e local

Baseando-nos nos resultados exibidos nas tabelas e nos gráficos, é possível concluir-se o seguinte: no que diz respeito ao programa “Territórios”, dentro das 47 notícias exibidas durante a semana em causa, os três locais com mais notícias são que tiveram uma maior incidência foram: o Porto (22), Tâmega e Sousa (6) e Douro (6). Por sua vez, País, Trás-os-Montes e Internacional não tiveram quaisquer notícias no bloco de notícias. No caso do Internacional, este dado não é surpreendente uma vez que se trata de um programa ligado ao jornalismo de proximidade e como deve excluir o internacional e evitar o país - algo que foi concretizado durante a semana em estudo.

Das 129 reportagens que fizeram parte do “Jornal Diário I”, a maioria diz respeito a País, o que não é surpreendente uma vez que o Porto Canal apesar de ser um canal onde o jornalismo de proximidade é praticado, é também um canal generalista, daí que faça sentido este valor. Logo em seguida, surge Porto com 57 reportagens e finalmente Internacional com 25, algo que foge à tendência normal dos alinhamentos do Porto Canal, mas deveu-se à cobertura feita pelo canal ao pós-atentados de Paris.

Na semana de estreia do programa “Mundo Local”, foram transmitidas 33 reportagens, das quais: 10 dedicadas à área do Grande Porto, seguindo-se de Alto Minho com 5 e finalmente, Tâmega e Sousa e Entre Douro e Vouga com 4. Por sua vez, apenas uma notícia referente a País, sendo que Aveiro e Internacional não tiveram qualquer reportagem. Mais uma vez se percebe que o “Mundo Local” segue as pisadas do seu antecessor e como tal dá um maior destaque às regiões a norte.

Finalmente, no que diz respeito às 111 reportagens do “Jornal Diário II”, 66 destas foram dedicadas a País, 29 à área do Grande Porto e finalmente 4 destas a Internacional, Douro e Braga. Por outro lado, Trás-os-Montes e Aveiro, tiveram apenas uma notícia cada no bloco informativo de final de tarde do Porto Canal, sendo que nenhuma reportagem incidiu sobre a área de Tâmega e Sousa e Entre Douro e Vouga.

Em suma, denota-se diferenças claras no que diz respeito aos formatos destinados essencialmente ao jornalismo de proximidade com o “Jornal Diário”, começando logo pelo peso que as notícias referentes ao país têm nesse bloco informativo. É também fácil de se perceber que no “Mundo Local” / “Territórios” há uma clara incidência nas regiões a norte do país, o que acaba por não defraudar a premissa do formato, mas ainda há um certo desequilíbrio, uma vez que é a zona do Grande Porto que toma conta da maioria das

reportagens exibidas. Contudo, pode ser que este desequilíbrio, acabe por não se refletir com tanta intensidade na estruturação do alinhamento. Ou seja, embora existam mais peças referente à zona do Grande Porto, estas podem não ser sempre as notícias de abertura. Até porque é a atualidade que dita a região que terá destaque em cada dia.

No seguimento do que referimos no parágrafo anterior, decidimos então colocar três variáveis em comparação: o programa, a parte do programa e o local referente à reportagem. Com esta comparação pretendemos compreender como está estabelecido o alinhamento e perceber se há um desequilíbrio entre locais no que diz respeito à estruturação do programa.

PROGRAMA * PARTE * LOCAL Crosstabulation

Count			PARTE			Total
LOCAL			Abertura	Meio	Fecho	
Tâmega e Sousa	PROGRAMA	Territórios	1	4	1	6
		Jornal Diário I	0	6	0	6
		Mundo Local	0	4	0	4
		Total	1	14	1	16
Grande Porto	PROGRAMA	Territórios	2	17	3	22
		Jornal Diário I	1	23	5	29
		Mundo Local	2	6	2	10
		Jornal Diário II	2	23	4	29
		Total	7	69	14	90
Guimarães	PROGRAMA	Territórios	0	4	0	4
		Jornal Diário I	2	1	0	3
		Mundo Local	1	0	1	2
		Total	3	5	1	9
Aveiro	PROGRAMA	Territórios		1		1
		Jornal Diário II		1		1
		Total		2		2
País	PROGRAMA	Jornal Diário I	1	56		57
		Mundo Local	0	1		1
		Jornal Diário II	1	65		66
		Total	2	122		124
Internacional	PROGRAMA	Jornal Diário I	1	24	0	25
		Jornal Diário II	1	2	1	4
		Total	2	26	1	29
Douro	PROGRAMA	Territórios	2	4		6
		Jornal Diário I	0	4		4
		Mundo Local	1	1		2
		Jornal Diário II	1	3		4
		Total	4	12		16
Trás-os-Montes	PROGRAMA	Mundo Local		3		3
		Jornal Diário II		1		1
		Total		4		4
Entre Douro e Vouga	PROGRAMA	Jornal Diário I		2	0	2
		Mundo Local		3	1	4
		Total		5	1	6
Alto Minho	PROGRAMA	Territórios	0	4	0	4
		Jornal Diário I	0	2	0	2
		Mundo Local	1	3	1	5
		Jornal Diário II	0	2	0	2
		Total	1	11	1	13
Braga	PROGRAMA	Territórios		3	1	4
		Jornal Diário I		1	0	1
		Mundo Local		2	0	2
		Jornal Diário II		4	0	4
		Total		10	1	11
Total	PROGRAMA	Territórios	5	37	5	47
		Jornal Diário I	5	119	5	129
		Mundo Local	5	23	5	33
		Jornal Diário II	5	101	5	111
		Total	20	280	20	320

Tabela 3 - Crosstabulation entre as variáveis programa, parte e local

Após verificado todos os resultados, compreende-se que não há uma predominância no que diz respeito aos locais referentes às peças que abrem os diferentes blocos noticiosos. No caso do programa “Territórios”, a região do Douro e do Grande Porto abriram duas vezes o formato durante a semana em estudo, seguidas da região de Tâmega e Sousa que abriu uma vez. Quanto ao “Mundo Local”, o Grande Porto abriu duas vezes o formato, seguido das regiões de Guimarães, Douro e Alto Minho, sendo que

estes últimos abriram o programa apenas uma vez. No “Jornal Diário I”, foi Guimarães que abriu mais vezes (2 vezes), seguindo-se Internacional, País e Grande Porto, pois todos abriram uma vez durante a semana em causa. Finalmente, o “Jornal Diário II” abriu duas vezes com Grande Porto e uma vez com Internacional, País e Douro.

Aqui começa-se a verificar uma tendência, que também se verificava na comparação estabelecida anteriormente: a região do Grande Porto tem uma influência considerável nas peças informativas do Porto Canal. O que tem poderá ter que ver com a proximidade. De recordar que a sede do canal se situa na Senhora da Hora, em Matosinhos.

Contudo, começa-se também a perceber que é a atualidade que vai ditando as regiões do norte do país que recebem especial atenção nos formatos “Mundo Local” e “Territórios”. Verifica-se ainda que há um cuidado especial com o jornalismo de proximidade aplicado nos formatos, visto que parece existir uma espécie de “sistema de rotatividade” uma vez que todos os dias os formatos acolhem diferentes regiões.

Outro ponto relevante é que de todas as regiões, as únicas que nunca abriram os formatos em estudo foram Aveiro e Trás-os-Montes.

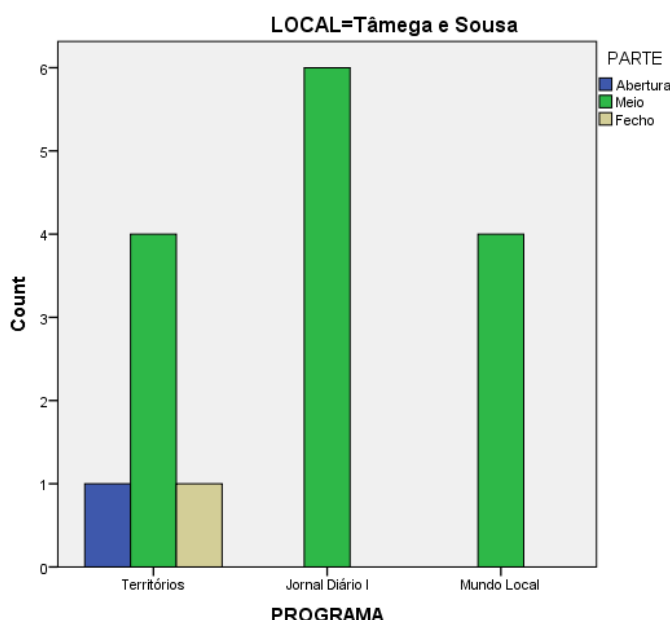


Figura 8- Comparação entre as variáveis programa, parte e local [Tâmega e Sousa]

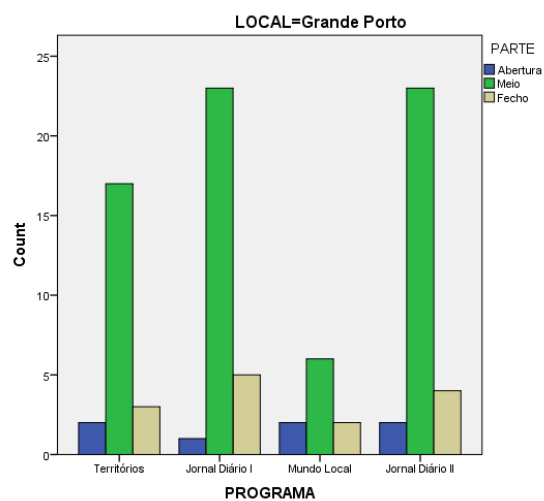


Figura 9 - Comparação entre as variáveis programa, parte e local [Grande Porto]

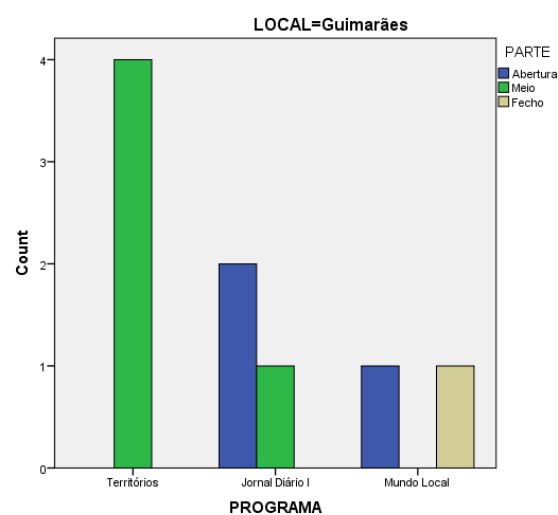


Figura 10 - Comparação entre as variáveis programa, parte e local [Guimarães]

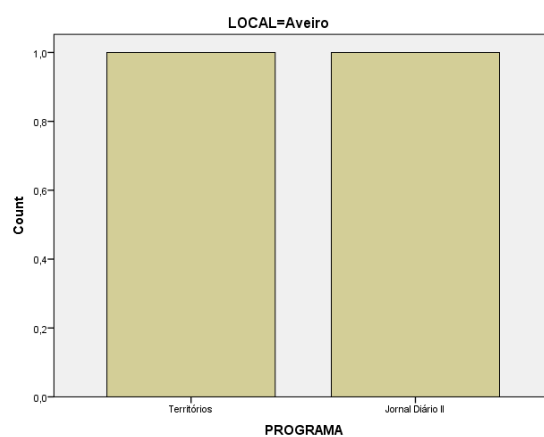


Figura 11 - Comparação entre as variáveis programa, parte e local [Aveiro]

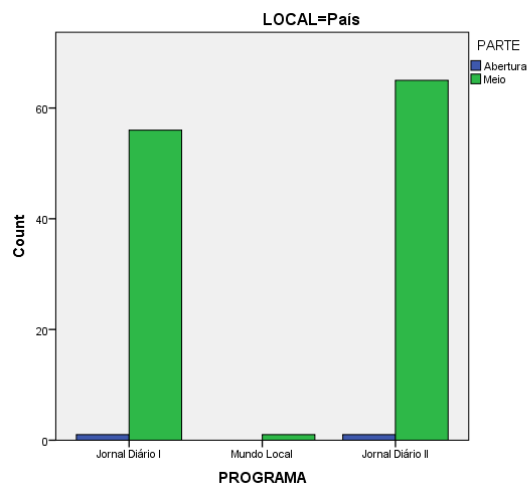


Figura 12 - Comparação entre as variáveis programa, parte e local [País]

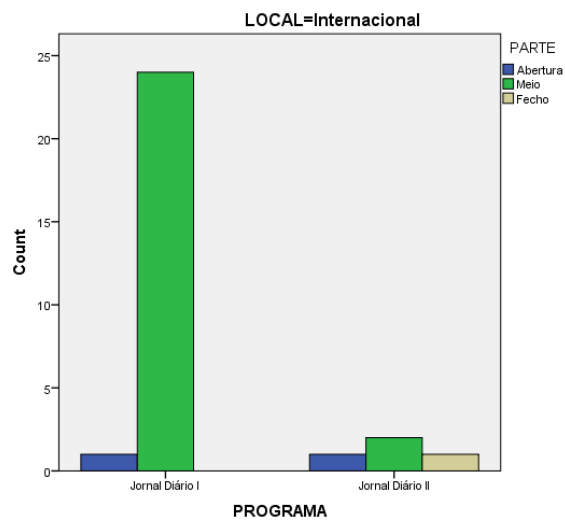


Figura 13 - Comparação entre as variáveis programa, parte e local [Internacional]

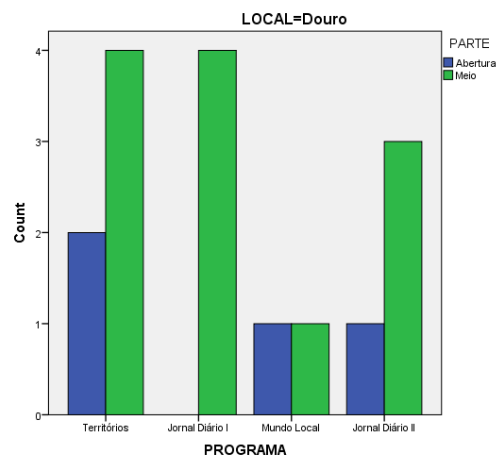


Figura 14 - Comparação entre as variáveis programa, parte e local [Douro]

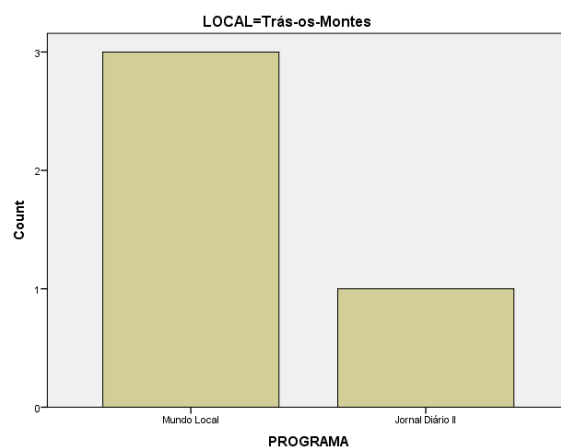


Figura 15 - Comparação entre as variáveis programa, parte e local [Trás-os-Montes]

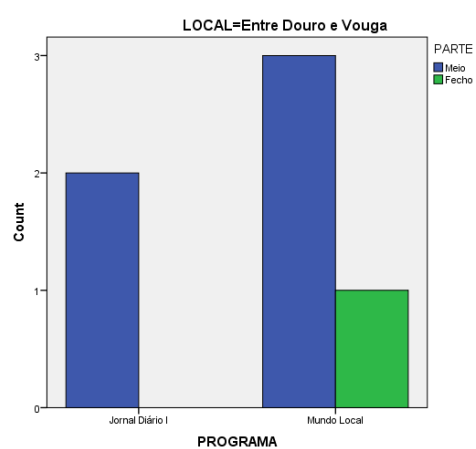


Figura 16 - Comparação entre as variáveis programa, parte e local [Entre Douro e Vouga]

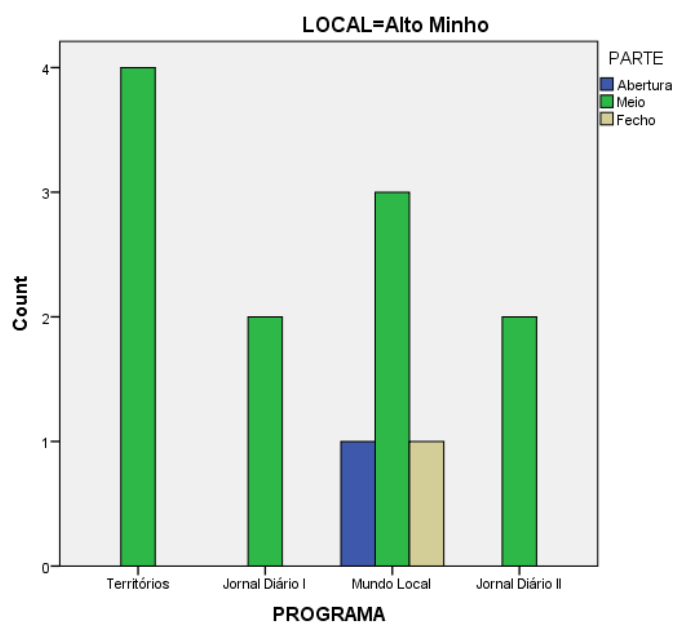


Figura 17 - Comparação entre as variáveis programa, parte e local [Alto Minho]

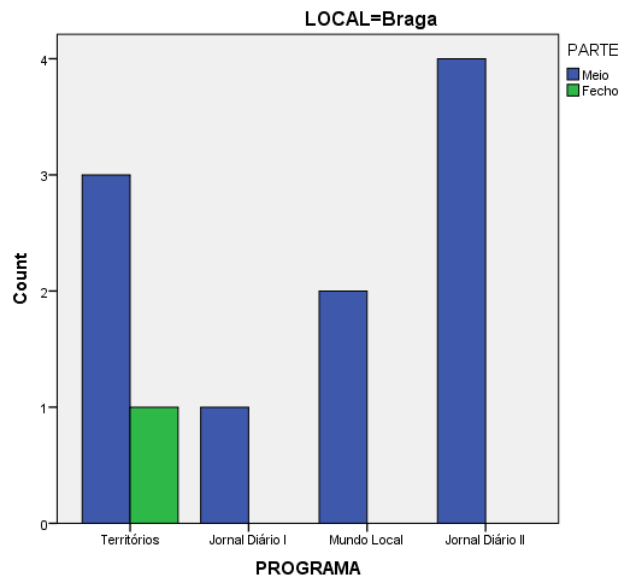


Figura 18 - Comparação entre as variáveis programa, parte e local [Braga]

Depois da primeira análise entre os locais e os programas, decidimos colocar mais uma variável em comparação: as editorias. Ou seja, as próximas tabelas e gráficos tem que ver com a comparação estabelecida entre local, editoria e programa. Através dos resultados, pretendemos saber quais as editorias mais frequentes em cada região, baseando-nos nos alinhamentos dos formatos.

EDITORIAL * LOCAL * PROGRAMA Crosstabulation														
Count		LOCAL												
PROGRAMA		Tâmega e Sousa	Grande Porto	Guimarães	Aveiro	País	Internacional	Douro	Trás-os-Montes	Entre Douro e Vouga	Alto Minho	Braga	Total	
Territórios	EDITORIAL	Saúde	0	1	0	0			1			0	1	3
		Segurança	1	0	0	0			1			1	0	3
		Atualidade	2	2	0	0			0			0	0	4
		Economia	0	5	2	0			2			2	0	11
		Desporto	2	0	0	0			0			0	0	2
		Justiça	0	0	0	0			1			0	0	1
		Sociedade	0	4	1	1			1			0	1	8
		Cultura	1	10	1	0			0			1	2	15
Total		6	22	4	1			6			4	4	47	
Jornal Diário I	EDITORIAL	Saúde	0	2	0		5	0	1		0	0	8	
		Segurança	2	4	0		4	21	0		0	0	31	
		Atualidade	2	2	0		1	3	0		1	0	9	
		Institucional	0	1	0		0	0	0		0	0	1	
		Educação	0	0	0		1	0	0		0	0	1	
		Economia	0	5	0		10	0	1		0	1	17	
		Desporto	1	1	0		11	1	0		0	0	14	
		Política	0	0	0		15	0	0		0	0	15	
		Justiça	0	0	2		3	0	0		1	0	6	
		Sociedade	0	5	0		6	0	2		0	0	14	
		Cultura	1	9	1		1	0	0		0	1	13	
		Total		6	29	3		57	25	4		2	2	1
Mundo Local	EDITORIAL	Atualidade	2	2	0		0		0	0	0	0	4	
		Institucional	0	1	0		0		0	0	0	0	1	
		Educação	0	0	0		0		1	0	0	0	1	
		Economia	1	2	1		1		2	0	0	3	2	12
		Política	0	1	0		0		0	0	2	0	3	
		Cultura	1	4	1		0		0	2	2	2	0	12
Total		4	10	2		1		2	3	4	5	2	33	
Jornal Diário II	EDITORIAL	Saúde		1		0	10	1	0	0		0	12	
		Segurança		1		0	2	0	0	0		0	3	
		Atualidade		5		1	2	0	3	0		1	0	12
		Institucional		2		0	0	0	0		0	0	2	
		Educação		0		0	2	0	0		0	0	2	
		Economia		4		0	15	0	1		0	0	3	23
		Desporto		0		0	12	1	0		0	0	13	
		Política		4		0	16	0	0		0	0	20	
		Justiça		0		0	3	0	0		1	0	4	
		Sociedade		6		0	4	0	0		0	1	11	
		Cultura		6		0	0	2	0		0	1	0	9
		Total			29		1	66	4	4	1		2	4
Total	EDITORIAL	Saúde	0	4	0	0	15	1	2	0	0	0	1	23
		Segurança	3	5	0	0	6	21	1	0	0	1	0	37
		Atualidade	6	11	0	1	3	3	3	0	1	1	0	29
		Institucional	0	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4
		Educação	0	0	0	0	3	0	0	1	0	0	0	4
		Economia	1	16	3	0	26	0	6	0	0	6	5	63
		Desporto	3	1	0	0	23	2	0	0	0	0	0	29
		Política	0	5	0	0	31	0	0	0	2	0	0	38
		Justiça	0	0	2	0	6	0	1	1	1	0	0	11
		Sociedade	0	15	1	1	10	0	3	0	0	0	3	33
		Cultura	3	29	3	0	1	2	0	2	2	5	2	49
Total		16	90	9	2	124	29	16	4	6	13	11	339	

Tabela 4 - Crosstabulation entre as variáveis programa, editoria e local

No caso do programa “Territórios”, na região de Tâmega e Sousa, a atualidade e desporto predominaram, com duas peças cada. No Grande Porto, 5 peças foram dedicadas à Cultura. A Economia foi a editoria predileto nas regiões de Guimarães, Douro e Alto Minho, com duas peças em cada. Finalmente, Braga teve duas peças destinadas à Cultura. Ao todo, as editorias Economia e Cultura predominaram no programa com 11 e 15 peças, respetivamente.

Por sua vez, as editorias que dominaram no bloco informativo “Jornal Diário I” foram as seguintes: na região de Tâmega e Sousa predominaram peças de Segurança e Atualidade, duas para cada uma. Na região do Grande Porto, à cultura coube 9 peças informativas. Duas peças de Justiça para a região de Guimarães. No que diz respeito a País, couberam 15 peças ligadas à Política. 21 peças de segurança para o Internacional. No Douro, duas peças de sociedade. Entre Douro e Vouga, uma peça de atualidade e outra de justiça. Alto Minho, segue a mesma tendência, com uma peça para economia e uma outra para cultura. Por sua vez, a única peça emitida relativa à região de Braga foi dedicada a sociedade. Ao todo, o género editoria Segurança predominou com 31 peças – essencialmente devido aos atentados de Paris – seguido de Economia com 17 peças.

No formato “Mundo Local”, a região de Tâmega e Sousa registou duas peças relativas ao género editoria Atualidade. Na região do Grande Porto predominou a Cultura com 4 peças. Guimarães divide-se entre Economia e Cultura com uma peça para cada. No que diz respeito a País, verifica-se apenas uma peça referente a Economia. Também no Douro e Alto Minho registam 3 peças em Economia. Por sua vez, em Braga também é Economia que predomina com duas peças. Finalmente, Entre Douro e Vouga divide-se entre política e cultura com duas peças para ambas. Na totalidade, há um “empate” entre o género editoria Economia e Cultura, com 12 peças cada.

No que diz respeito ao “Jornal Diário II”, as peças informativas relativas à região do Grande Porto foram essencialmente dedicadas à Sociedade e Cultura, com 6 peças cada. Em Aveiro, uma peça dedicada a Atualidade. Quanto a País, 16 peças para o género Política. Duas peças de Cultura para Internacional e uma peça de Justiça para Trás-os-Montes. Alto Minho, divide-se entre Atualidade e Cultura, com uma peça para cada. Finalmente, dedicou-se três peças da região de Braga ao género editoria Economia. Em suma, na semana em estudo, verificou-se uma predominância do género Economia (23 peças) e Política (20 peças) no bloco informativo “Jornal Diário II”.

À luz do que foi analisado anteriormente, podemos concluir algumas tendências no que diz respeito aos locais e respetivas editorias das peças emitidas nos formatos “Mundo Local” e “Territórios”, durante a semana em estudo: na região do Grande Porto, predominaram as peças de Cultura; na região do Tâmega, as de Atualidade; na região de Guimarães, do Douro e Alto Minho, as de Economia; na região de Braga, denotou-se uma variedade no que diz respeito às editorias. Outra coisa que se pode concluir é que Cultura e Economia são as editorias mais comuns nos dois formatos. Ou seja, aqui confirma-se novamente o jornalismo de proximidade que os programas se comprometem a cumprir, pois a predominância nas regiões não é atualidade ou política, que seriam temas que poderiam ingressar em qualquer bloco informativo de qualquer canal televisivo. Há aqui uma questão de proximidade, visto que a Cultura vai ao encontro das raízes de cada região e daquilo que querem dar a conhecer ao resto do país. A Economia também tem que ver predominantemente com peças ligadas a novas infraestruturas na região ou então novas empresas com ideias originais.

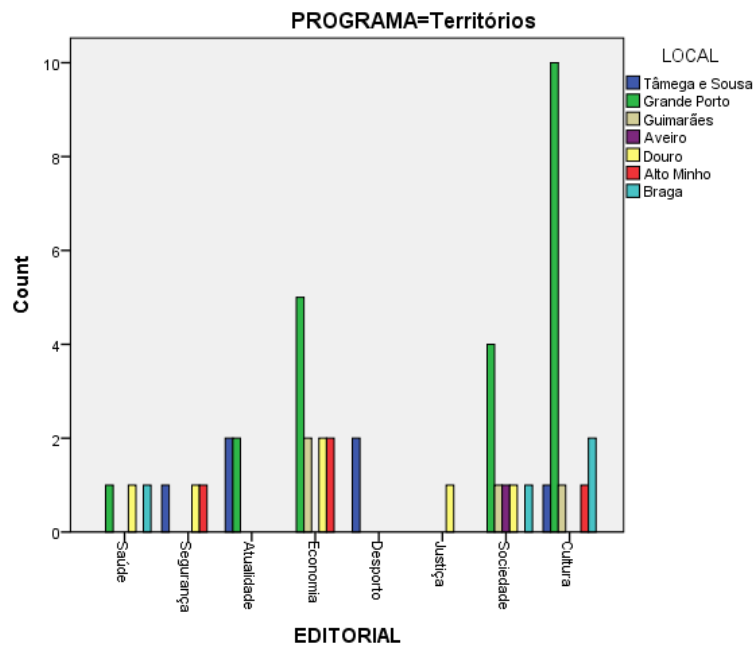


Figura 19 - Comparação entre as variáveis programa, editoria e local [Territórios]

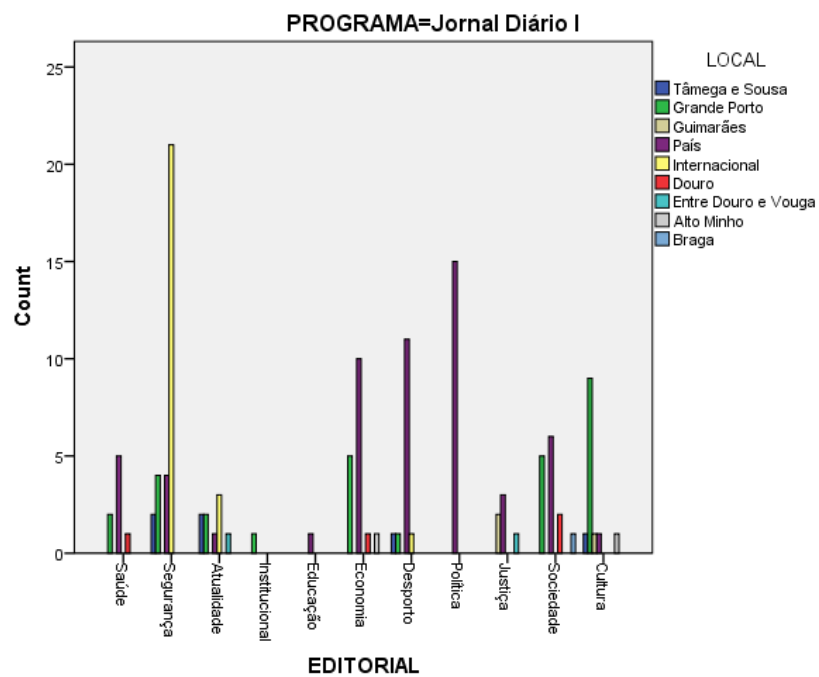


Figura 20 - Comparação entre as variáveis programa, editoria e local [Jornal Diário I]

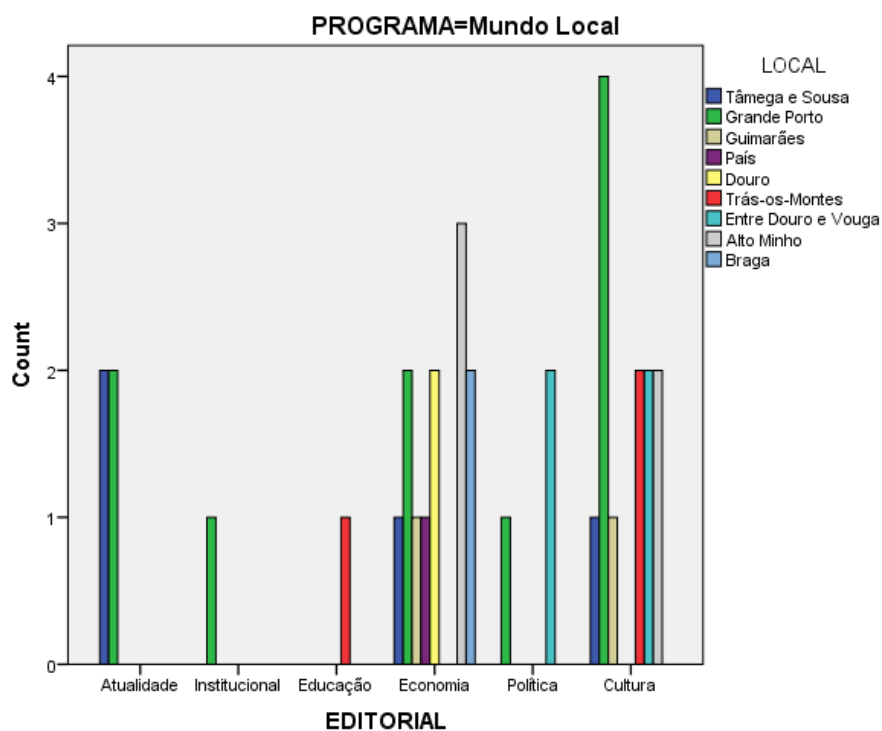


Figura 21 - Comparação entre as variáveis programa, editoria e local [Mundo Local]

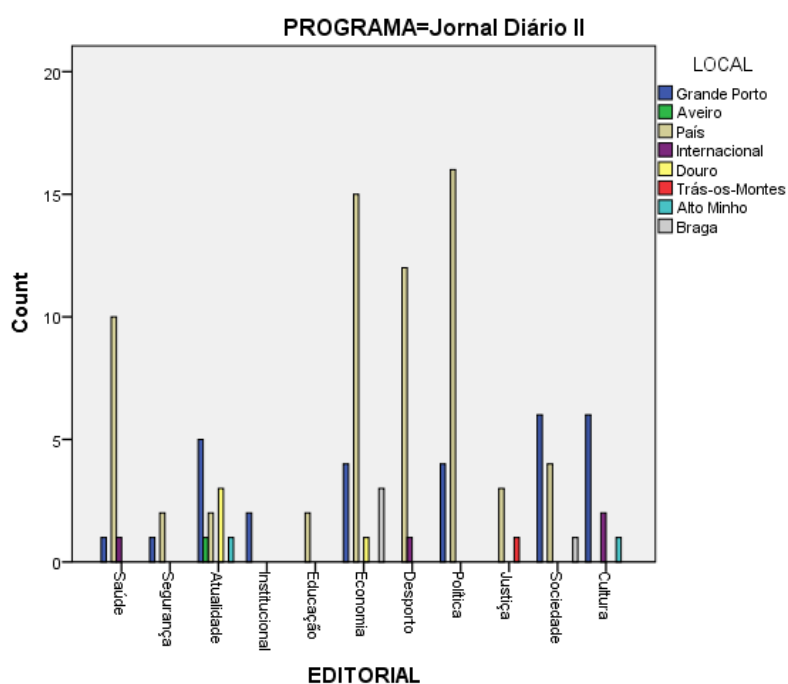


Figura 22 - Comparação entre as variáveis programa, editoria e local [Jornal Diário II]

A próxima comparação põe em evidência três variáveis: Género, Local e Programa. Com os resultados, pretendemos essencialmente perceber quais as regiões que são mais frequentemente “palco” de diretos.

GÉNERO * LOCAL * PROGRAMA Crosstabulation

Count			LOCAL											Total
PROGRAMA			Tâmega e Sousa	Grande Porto	Guimarães	Aveiro	País	Internacional	Douro	Trás-os-Montes	Entre Douro e Vouga	Alto Minho	Braga	
Territórios	GÉNERO	Peça	6	21	4	1			6			4	4	46
		Direto	0	1	0	0			0			0	0	1
	Total		6	22	4	1			6			4	4	47
Jornal Diário I	GÉNERO	Peça	6	23	3		41	15	4		2	2	1	97
		TH	0	0	0		1	6	0		0	0	0	7
		OFF2	0	5	0		15	4	0		0	0	0	24
		Direto	0	1	0		0	0	0		0	0	0	1
	Total		6	29	3		57	25	4		2	2	1	129
Mundo Local	GÉNERO	Peça	3	7	2		1		2	3	4	4	2	28
		TH	0	1	0		0		0	0	0	0	0	1
		OFF2	0	0	0		0		0	0	0	1	0	1
		Direto	1	2	0		0		0	0	0	0	0	3
	Total		4	10	2		1		2	3	4	5	2	33
Jornal Diário II	GÉNERO	Peça		29		1	46	4	3	1		2	4	90
		TH		0		0	7	0	0	0		0	0	7
		OFF2		0		0	13	0	1	0		0	0	14
	Total			29		1	66	4	4	1		2	4	111
Total	GÉNERO	Peça	15	80	9	2	88	19	15	4	6	12	11	261
		TH	0	1	0	0	8	6	0	0	0	0	0	15
		OFF2	0	5	0	0	28	4	1	0	0	1	0	39
		Direto	1	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	5
	Total		16	90	9	2	124	29	16	4	6	13	11	320

Tabela 5 - Crosstabulation entre as variáveis programa, género e local

Denota-se que os diretos acontecem predominantemente na cidade do Porto. A razão por detrás deste resultado e desta decisão editoria, parece-me evidente: a maior proximidade com a sede do canal. Mas a verdade é que a aposta futura do Porto Canal poderá passar por um maior número de diretos, uma vez que esse é um dos objetivos da diretora de informação: “gostava que conseguíssemos estar em todo o lado em dez minutos, era um mundo ideal para mim, que as coisas estivessem a acontecer e que conseguisse em dez minutos por lá uma equipa com meios de direto; gostava que todas as equipas que saem para o terreno estivessem dotadas de meios de direto, gostava de podermos interromper a emissão a toda a hora e a todo o minuto, para entrarmos em direto de um qualquer sítio, onde se está a passar alguma coisa de relevo”.

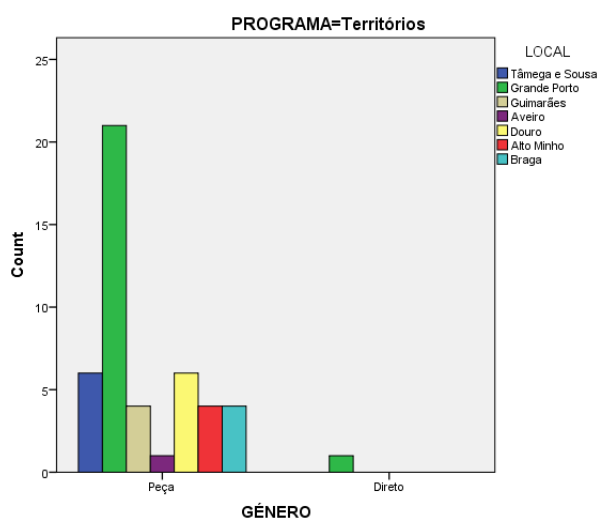


Figura 23 - Comparação entre as variáveis programa, género e local [Territórios]

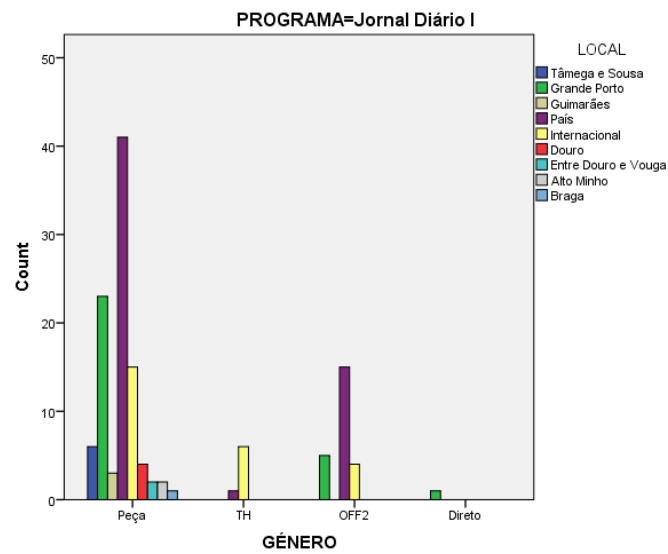


Figura 24 - Comparação entre as variáveis programa, género e local [Jornal Diário I]

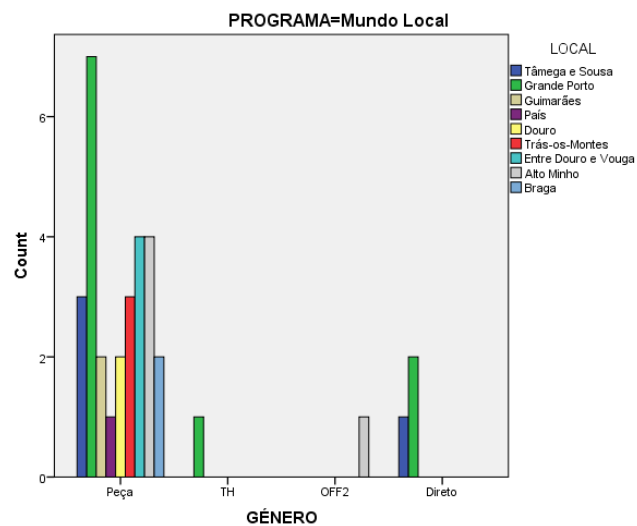


Figura 25 - Comparação entre as variáveis programa, género e local [Mundo Local]

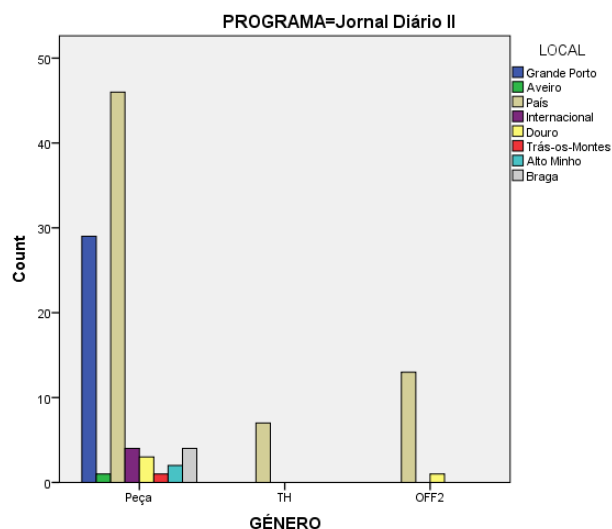


Figura 26 - Comparação entre as variáveis programa, género e local [Jornal Diário II]

Respondendo agora à grande questão deste trabalho: "Será que o programa "Territórios"/"Mundo Local", pratica o jornalismo de proximidade a que se comprometeu?", a resposta parece-me clara: sim. Denota-se um claro esforço para criar essa proximidade com o público e para oferecer um conteúdo distinto diariamente, que percorre as diferentes regiões, mas que cumpre e respeita a agenda noticiosa. Foi também possível perceber-se que há uma exclusão de notícias ligadas ao mundo e mesmo nas notícias que afetam o país em geral, apenas se contabilizou uma nas duas semanas em estudo. Ou seja, há uma aposta forte nas notícias que dizem respeito às regiões a norte de Portugal.

Nota-se também uma maior aposta na região do Grande Porto, mas tal como já referi anteriormente, deverá ter que ver com a proximidade da sede e por esta ter o maior número de jornalistas do que qualquer delegação que apenas conta com um jornalista e um repórter de imagem.

Mas a verdade é que existe um enorme esforço no sentido do formato "Mundo Local" cobrir diariamente todas as regiões do Norte do país, tal como afirma a produtora Sara Barbosa: "nós tentamos, mas não é fácil, porque há localidades que não têm, não se passa nada ou que vivem muito no mundinho delas e que estão bem assim. Enquanto tens outras, como por exemplo, Bragança que marca muito a diferença, o Alto Minho também, porque em Viana (do Castelo), em Caminha, tens sempre muita coisa a acontecer. (...) se formos mais para o Tâmega já não tens tanta coisa: Penafiel, Amarante, há mais *fait-divers*, como nós chamamos, tens as festinhas dos fins-de-semana, tens o desfile com

crianças no final das escolas, há jornadas da saúde, mas esses não são temas tão importantes, ou seja, há realmente uma diferença muito grande entre as localidades das delegações que temos”. Também Paulo Ferreira, diretor de conteúdos de informação, reconhece a dificuldade “é verdade que, pela sua dimensão, os municípios maiores produzem mais informação. A progressiva profissionalização dos gabinetes de imprensa das autarquias e das outras instituições dos territórios mais distantes dos grandes centros urbanos tem ajudado a esbater essa discrepância. Seja como for, também nos cabe a nós desencantar “boas histórias” fora destas áreas mais óbvias, sob pena de não estarmos a cumprir o nosso primeiro desiderato: perceber todas as identidades estando com elas e ao lado delas”.

Conclusão

O Porto Canal assume-se como um canal de âmbito nacional, mas estão-lhe subjacentes, inegavelmente, critérios de proximidade que em muito se assemelham ao que na prática corresponde ao jornalismo regional. Existe uma constante e inegável preocupação em conseguir chegar próximo do público da região Norte, fazendo-o através do permanente destaque e cobertura aos acontecimentos noticiosos que a esta região dizem respeito. O canal quer ter as pessoas no centro das suas histórias, das suas notícias. Tal como Paulo Ferreira, diretor de conteúdos de informação, afirmou é possível notar-se a tentativa que existe para tornar o “Porto Canal como um “vizinho” (para os telespectadores), no melhor sentido do termo” e que de facto, a linha editorial é pensada para que as “pessoas e as populações se revejam no Porto Canal, enquanto meio de comunicação que, tendo identidade, percebe as várias identidades que o rodeiam”, mas também enquanto meio de comunicação que existe para as servir.

Através do estudo feito conseguimos perceber que o Porto Canal tem, claramente, vindo a cumprir o jornalismo de proximidade que se propõem a fazer, principalmente nos formatos em estudo: “Mundo Local” e “Territórios”. Algo que é comprovado, não só pela rara existência de peças de âmbito nacional – até pelos resultados que estavam em cima expostos percebemos que durante as semanas em estudo, apenas uma vez existiu uma peça relativa a “País”, nos dois formatos de maior proximidade. Também se compreende que não existe um padrão no que diz respeito ao local escolhido para a abertura do formato e que há, inclusive, uma preocupação com a oferta de diversidade das regiões a Norte de País, embora seja a agenda noticiosa que determine qual a notícias que irá abrir. Por exemplo, no caso do programa “Territórios”, a região do Douro e do Grande Porto abriram duas vezes o formato durante a semana em estudo, seguidas da região de Tâmega e Sousa que abriu uma vez. Quanto ao “Mundo Local”, o Grande Porto abriu duas vezes o formato, seguido das regiões de Guimarães, Douro e Alto Minho, sendo que estes últimos abriram o programa apenas uma vez. Contudo, é inegável que há um grande número de peças atribuídas à região do Grande Porto, mas como já foi justificado anteriormente, a situação deverá acontecer devido à proximidade com a sede do canal, uma vez que é aí que o maior número de equipas de reportagem da estação, se encontra.

Contudo ainda é possível fazer mais e melhor, tal como afirma Ana Rita Basto, pois “nem sempre é possível fazê-lo a 100%, porque esse é um jornalismo que exige meios, exige por pessoas na rua. Nós não conseguimos fazer jornalismo se não formos ao local, se não formos ao encontro destas pessoas e nem sempre temos recursos para estarmos em todo lado, para fazermos todas as notícias da mesma forma, por isso é que há notícias que optamos por dar a notícia e não ter reportagem, mas esse é o jornalismo que o Porto Canal deveria idealmente dar às pessoas”.

Para a realização deste trabalho, uma das principais dificuldades teve que ver com a escassez encontrada ao nível de trabalhos/estudos sobre os meandros das televisões regionais em Portugal. Isto porque para enquadrar o Porto Canal, precisava de fazer um levantamento geral da história das televisões regionais e do que estas implicam numa sociedade/comunidade e existia pouca matéria para me alastrar. E este era um ponto essencial, uma vez que, embora o Porto Canal esteja cada vez mais no caminho das generalistas, a verdade é que há ainda um cariz regional muito forte, que não me parece que se irá perder no futuro da estação televisiva. Tal como afirma Ana Guedes Rodrigues: “ao nível da informação, que é a área que eu represento, eu acho que [o Porto Canal] continua a ser um canal regional, claro que, nós não nos podemos esquecer que há assuntos que são de interesse nacional (...) porque nós damos cobertura a notícias de todo o país quando interessam a todos os portugueses. Mas quando tem que ver com acontecimentos, efetivamente, nós só cobrimos a zona Norte.”

Em suma, numa altura em que o Porto Canal está prestes a celebrar o seu décimo aniversário, é perceptível que foi conquistando telespetadores com o seu cariz regional redirecionado para região Norte do país, que foi comprovado neste trabalho. Pois o canal tendo vindo a dar voz aos que se encontravam longe dos holofotes, sem esquecer o restante país, seja nos dois formatos de enfoque neste estudo, seja nos outros blocos informativos, como nos formos apercebendo ao longo do trabalho. E essa constante afirmação de tentar ser ‘a alternativa’, acabou por fidelizar telespectadores, sendo que muitos deles ficaram desagradosos, uma vez que a ‘guerra das operadoras’ lhes retirou o canal da ‘sua televisão’. E apesar dessa guerra não ter um peso positivo nas audiências do canal, a verdade é que teve um lado positivo que foi a onda de contestação que se gerou assim que a notícia surgiu, porque fez com que os profissionais da casa tivessem um enorme *feedback* positivo por parte de milhares de telespetadores que eram fiéis ao

canal. E é esse cariz enquanto ‘alternativa’ que o Porto Canal tem, que na minha opinião, deve continuar a seguir para atingir o sucesso e continuar a fidelizar mais telespectadores.

Bibliografia

CÁDIMA, Francisco Rui (2002). *História e Crítica da Comunicação*. Lisboa. Edições Século XXI.

CÁDIMA, Francisco Rui (2008). *Web TV local/regional em Portugal: Que alternativa à TV?* Anuário Lusófono. Disponível em <http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/anuario/article/download/745/666> Consultado em 25 de fevereiro de 2016

COELHO, Pedro (2007). *A função social das televisões de proximidade. Por um modelo de comunicação alternativo*. Estudos de Comunicação. Disponível em <http://www.ec.ubi.pt/ec/01/pdfs/coelho-pedro-funcao-social-das-televisoes.pdf> Consultado em 28 de março de 2016

COELHO, Pedro (2005). *A TV de Proximidade e os Novos Desafios do Espaço Público*. Coleção Media e Jornalismo. Livros Horizonte.

DIAS, Jaime Dagoberto Almeida (2012). *A orientação editorial do Jornalismo de Proximidade*. (Tese de mestrado publicada). Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto. Disponível em: https://sigarra.up.pt/flup/pt/pub_geral.show_file?pi_gdoc_id=491152 Consultado em 10 de fevereiro de 2016

GARCÍA, Xosé López (2004). *Desafíos de la Comunicación Local: Guía para la práctica de la información en los ámbitos de proximidad*. Comunicación Social Ediciones y Publicaciones. Sevilla.

KEVIN, Deirdre (2015). *Snapshot: regional and local television in the Spain*. European Audiovisual Observatory. Disponível em http://www.obs.coe.int/documents/205595/264615/ES_Regional_TV_in_Spain_April2015.pdf/fb0a3c8b-640c-4d40-aaa4-7feac370dff9 Consultado em 17 de fevereiro de 2016

KEVIN, Deirdre (2015). *Snapshot: regional and local television in the United Kingdom*. European Audiovisual Observatory. Disponível em http://www.obs.coe.int/documents/205595/264619/GB_Regional_TV_in_the_UK_Apri

l2015.pdf/ee0493e1-6ef7-4f00-8293-a13000ae641b Consultado em 17 de fevereiro de 2016

LE GUERN, Philippe & LEROUX, Pierre (2000). *Les limites de l'espace public médiatisé: l'exemple d'une télévision locale*. Hermès, La Revue 2000/1 Disponível em <http://www.cairn.info/revue-hermes-la-revue-2000-1-page-159.htm> Consultado em 14 de março de 2016

LOPES, Felisbela (1999). *O telejornal e o serviço público*. Coimbra. Minerva.

MOTA, Dora (2005). *As televisões adiadas as políticas para a televisão regional e local em Portugal*. Comunicação e Sociedade. Disponível em <http://revistacomsoc.pt/index.php/comsoc/article/download/1213/1156> Consultado em 14 de fevereiro de 2016

OLIVEIRA, Jorge Nuno (2007). *Manual de Jornalismo de Televisão*. CENJOR. Lisboa. Disponível em <http://opac.iefp.pt:8080/images/winlibimg.aspx?skey=&doc=73220&img=458> Consultado em 7 de junho de 2016

PERUZZO, Cicilia M. Krohling (2005). *Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências*. Comunicação & Sociedade, Brasil, v. 1, n. 38, 2005. Disponível em http://200.144.189.42/ojs/index.php/cs_umesp/article/view/196/154 Consultado em 15 de fevereiro de 2016

REBELO, Cristina (2011) *TV Local, Cidadania e Sociedade Civil: o caso português*. Actas do 1º Congresso Nacional Literacia, Média e Cidadania, Braga, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade

REBELO, Cristina (2010). *TV Local e a alegação da sociedade civil, a diversidade e o pluralismo: O (não) caso português*. Actas do II Congresso Internacional Latina de Comunicación Social. Universidade de La Laguna. Disponível em http://www.revistalatinacs.org/10SLCS/actas_2010/098_Rebelo.pdf Consultado em 12 de fevereiro de 2016

SILVA, Edna Lúcia & MENEZES, Estera Muszkat (2005) *Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação*. Florianópolis. UFSC

WOLF, Mauro (1999) *Teorias da Comunicação*. Editorial Presença. Lisboa.
Disponível em
[http://jornalismoufma.xpg.uol.com.br/arquivos/mauro_wolf_teorias_da_comunicacao.p](http://jornalismoufma.xpg.uol.com.br/arquivos/mauro_wolf_teorias_da_comunicacao.pdf)
df Consultado em 7 de junho de 2016

Recursos Eletrónicos

DIÁRIO DE NOTÍCIAS:

As televisões que vão ao ‘fim da rua’ na Internet (2006, 23 de maio)
[http://www.dn.pt/arquivo/2006/interior/as-televisoes-que-vao-ao-fim-da-rua-na-](http://www.dn.pt/arquivo/2006/interior/as-televisoes-que-vao-ao-fim-da-rua-na-internet-641001.html)
internet-641001.html Consultado a 29 de março de 2016

Imaginação será garantia de vida para Porto Canal (2006, 6 de março):
[http://www.dn.pt/arquivo/2006/interior/imaginacao-sera-garantia-de-vida-para-porto-](http://www.dn.pt/arquivo/2006/interior/imaginacao-sera-garantia-de-vida-para-porto-canal-636964.html)
canal-636964.html Consultado a 23 de abril de 2016

FUTEBOL CLUBE DO PORTO (Site Oficial):

Compra do Porto Canal está concluída (2015, 17 de julho)
<http://www.fcporto.pt/pt/noticias/Pages/Compra-do-Porto-Canal-esta-concluida.aspx>
Consultado a 24 de abril de 2016

Novo Porto Canal desperta esta segunda-feira (2016, 10 de janeiro)
[http://www.fcporto.pt/pt/noticias/pages/novo-porto-canal-desperta-esta-segunda-](http://www.fcporto.pt/pt/noticias/pages/novo-porto-canal-desperta-esta-segunda-feira.aspx)
feira.aspx Consultado a 24 de abril de 2016

JORNAL DE NOTÍCIAS:

Domingos de Andrade é o novo diretor de informação e programação do Porto Canal (2011, 12 de julho) [http://www.jn.pt/media/interior/domingos-de-andrade-e-o-](http://www.jn.pt/media/interior/domingos-de-andrade-e-o-novo-director-de-informacao-e-programacao-do-porto-canal-1905523.html)
novo-director-de-informacao-e-programacao-do-porto-canal-1905523.html Consultado a 23 de abril de 2016

Espanhóis em maioriana administração do Porto Canal (2007, 26 de junho)
[http://www.jn.pt/arquivo/2007/interior/espanhois-em-maioriana-administracao-do-](http://www.jn.pt/arquivo/2007/interior/espanhois-em-maioriana-administracao-do-porto-canal-681006.html?id=681006)
porto-canal-681006.html?id=681006 Consultado a 22 de abril de 2016

FC Porto assume gestão do Porto Canal em agosto (2011, 30 de junho)
<http://www.jn.pt/media/interior/fc-porto-assume-gestao-do-porto-canal-em-agosto-1892484.html> Consultado a 23 de abril de 2016

MEO suspende acesso de clientes da NOS ao Porto Canal (2016, 10 de fevereiro)
<http://www.jn.pt/nacional/media/interior/meo-suspende-acesso-de-clientes-da-nos-ao-porto-canal-5023424.html#ixzz46lcrX341> Consultado a 22 de abril de 2016

Pinto da Costa apresenta Júlio Magalhães no Porto Canal (2012, 10 de janeiro)
<http://www.jn.pt/sociedade/media/interior/pinto-da-costa-apresenta-julio-magalhaes-no-porto-canal-2232451.html> Consultado a 23 de abril de 2016

Porto Canal abre novas delegações no Norte (2010, 30 de junho)
<http://www.jn.pt/media/interior/porto-canal-abre-novas-delegacoes-no-norte-1607141.html?id=1607141> Consultado a 23 de abril de 2016

Porto Canal abrirá mais três delegações (2010, 17 de novembro)
<http://www.jn.pt/media/interior/porto-canal-abrira-mais-tres-delegacoes-1712988.html?id=1712988> Consultado a 23 de abril de 2016

Porto Canal estreia 20 programas no sábado (2006, 12 de Outubro)
<http://www.jn.pt/arquivo/2006/interior/porto-canal-estreia-20-programas-no-sabado-573712.html?id=573712> Consultado a 23 de abril de 2016

Porto Canal de portas abertas para Sara Carbonero (2015, 18 de julho)
<http://www.jn.pt/nacional/media/ntv/interior/porto-canal-de-portas-abertas-para-sara-carbonero-4687789.html> Consultado a 23 de abril de 2016

Porto Canal quer ocupar vazio deixado pela NTV (2004, 27 de junho)
<http://www.jn.pt/arquivo/2004/interior/porto-canal-quer-ocupar-vazio-deixado-pela-ntv-447688.html?id=447688> Consultado a 23 de abril de 2016

Porto Canal quer ter delegações em toda a região Norte (2010, 27 de setembro de 2010)
<http://www.jn.pt/feeds/lusa/interior/televisao-porto-canal-quer-ter-delegacoes-em-toda-a-regiao-norte-1673266.html?id=1673266> Consultado a 23 de abril de 2016

Porto Canal renova instalações (2008, 6 de novembro)
<http://www.jn.pt/media/interior/porto-canal-renova-instalacoes-1040477.html?id=1040477> Consultado a 23 de abril de 2016

MEIOS E PUBLICIDADE:

Porto Canal estreia programa para dar a conhecer a região Norte (2016, 5 de fevereiro) <http://www.meiosepublicidade.pt/2016/02/porto-canal-estreia-programa-para-dar-a-conhecer-a-regiao-norte/> Consultado a 26 de abril de 2016

OBSERVADOR:

MEO fecha acordo para jogos do FC Porto por 457,5 milhões (2015, 27 de dezembro) <http://observador.pt/2015/12/27/meo-fecha-acordo-jogos-do-fc-porto-4575-milhoes/> Consultado a 24 de abril de 2016

PORTO CANAL:

Já está aí a nova imagem do Porto Canal (2016, 06 de janeiro)
<http://portocanal.sapo.pt/noticia/78678/> Consultado a 22 de abril de 2016

RTP:

Porto Canal emite a partir das 19 horas (2006, 29 de setembro)
http://www.rtp.pt/noticias/pais/porto-canal-emite-a-partir-das-19-horas_n35592
Consultado a 22 de abril de 2016

Anexos

Entrevistas

Entrevista a Sara Barbosa, produtora dos formatos “Territórios” e “Mundo Local”

1. Quando surgiu o “Territórios”?

O “Territórios” vai fazer agora três anos e meio. Inicialmente surgiu para dar destaque às notícias que se passavam na região e era um bloco só de quinze minutos. Depois, começamos a ver que tinha muita audiência e que tinha muita saída e que cada vez mais as pessoas queriam ver o que se passava na sua terra e por isso, alargamos o formato para 25 minutos.

2. O que é que se pretendia com este formato?

O formato pretende dizer às pessoas o que é que acontece nas terras delas. Quando são notícias nacionais, as pessoas podem ver em qualquer canal. Agora, coisas sobre a terra, sobre festas que vão acontecer, sobre concertos que existiram ou então as festinhas que existem nos lares de idosos, normalmente há poucos canais a dar destaque a isso. E nós marcamos a diferença por isso.

3. Quais os principais desafios do formato?

Eu acho que os principais desafios que este programa nos traz é podermos todos os dias dar novas notícias e acontecimentos às pessoas que estão em casa e podem ver que este fim-de-semana, aconteceu na terra a festa da cereja, comemorou-se o São João antecipado, ou porque houve uma festa das crianças. Tentamos marcar sempre a diferença por aí: não repetir as notícias, mas poder mostrar sempre às pessoas o que realmente se está a passar na terra delas também para elas saberem. Dando também sempre muito destaque a temas que são importantes para eles: ou porque o posto médico vai mudar de sítio ou porque a junta de freguesia deve alguma coisa e precisam de apoio. Então nós tentamos marcar a diferença por aí.

4. Porque surge o “Mundo Local”, houve uma necessidade de rejuvenescer o anterior formato?

A ideia foi entramos numa grelha nova e mudar de título do programa, porque o conceito é quase o mesmo. O “Territórios” já tinha quase 3 anos, logo o nome já estava muito usado e pensamos em adaptar o nome para que dê destaque ao que se passa na localidade das pessoas.

5. Achas que as mudanças técnicas vieram facilitar a elaboração do programa e da própria dinâmica diária do Porto Canal?

Acho que veio ajudar, está muito mais simples e também acho que veio ajudar muito este formato, porque as pessoas se identificam mais com o “Mundo Local” do que com o “Territórios”.

6. Porque achas que isso acontece?

Se calhar pelo nome, chama mais à atenção. Porque “Territórios”, pode ser o território a Norte ou território do centro. “Mundo Local” se calhar as pessoas já associam mais ao ‘mundinho’ delas e acho que isso ajudou bastante.

7. Como é feita a escolha de convidados para o formato?

A escolha de convidados passa por mim, pela Vanda [Balieiro] e pelo Paulo Ferreira. Ou seja, cada um sugere, por exemplo, sabemos que no final de Julho há a “Feira Medieval em Santa Maria da Feira” e nós tentamos trazer alguém da organização para promover essa feira. Ou seja, se houver uma feira da cereja, nós tentamos trazer alguém de Lamego ou de Resende, depende de onde for. Tudo o que seja festivais que vão acontecer, nós tentamos trazer para o promover, para que as pessoas saibam que nesse fim-de-semana podem ter alguma coisa para fazer, para conhecer, para ver.

8. Há algum tipo de linearidade na altura de escolher a peça de abertura do programa?

Sim, tentamos sempre que seja um tema forte e que seja um tema de interesse a Norte. Não como acontece no jornal, onde os temas nacionais têm mais destaque. No “Mundo Local” tentamos que seja um tema forte para a região. Por exemplo, quando foi a questão do aeródromo de Bragança, como é o helicóptero do INEM em Macedo de Cavaleiros, esses temas são interessantes para nós. Porque as pessoas em Macedo, interessa-lhes saber o que é que se vai passar com o helicóptero ou dos de Bragança saberem que vão voltar

a ter avião. O importante é isso. Como temos ou a queda do mel, ou a queda da produção de cereja na região Norte, porquê? Porque esses produtos como são feitos aqui no Norte, interessa muito a nível noticioso perceber o que se está a passar e então daí quereremos sempre abrir o “Mundo Local” com os temas que marcam o dia e que marcam a região Norte.

9. Ou seja, existe alguma preocupação em dar o mesmo peso às várias regiões a norte do país?

Nós tentamos, mas não é fácil, porque há localidades que não têm, não se passa nada ou que vivem muito no mundinho delas e que estão bem assim. Enquanto tens outras, como por exemplo, Bragança que marca muito a diferença, o Alto Minho também, porque tens sempre muita coisa em Viana (do Castelo), em Caminha, tens sempre muita coisa a acontecer. Por exemplo, do Alto Minho destaca-se sempre as SCUTS, ou seja, tens sempre temas de abertura por aí; em Bragança tens sempre: ou o helicóptero ou o avião ou a queda da produção... Se formos mais para o Tâmega já não tens tanta coisa: Penafiel, Amarante, há mais *fait-divers*, como nós chamamos, tens as festinhas dos fins-de-semana, tens o desfile que há com crianças no final das escolas, há jornadas da saúde, mas esses não são temas tão importantes, ou seja, há realmente uma diferença muito grande entre as localidades das delegações que temos.

Entrevista a Vanda Balieiro, chefe de redação

1. A Vanda está no canal desde o início, o que é que a aliciou a ficar?

Fui convidada para integrar a equipa do Porto Canal pelo Diretor-geral, Bruno Carvalho, e pelo administrador, Juan Figueroa. Já nos conhecíamos do projeto NTV e ambos acreditaram no meu valor. Fiz parte da formação de ambos os canais. Na altura, o projeto do Porto Canal pretendia ocupar o espaço vago deixado pela extinção da NTV. Sempre acreditámos que havia margem para a evolução de um canal com origem no Norte, que pudesse emitir para todo o país, captando o interesse de outros protagonistas e outros espetadores.

2. Qual tem sido a transformação ao nível dos jornalistas? Ou seja, no início tinham mais, tinham menos?

Relativamente à Informação, o Porto Canal teve uma aposta inicial na informação de interesse específico para os concelhos que integram o Grande Porto.

Ao fim de quatro anos, e tendo como grande aposta a informação de proximidade, alargou a sua intervenção a outras áreas territoriais do Norte, captando a atenção de uma audiência mais vasta. Para isso, muito contribuiu um processo de descentralização informativa, com a inauguração, a 1 de Julho de 2010, das primeiras três delegações regionais. De resto, este foi apenas o primeiro passo para a abertura de uma rede de delegações regionais, incluindo Lisboa, com as quais o Porto Canal procurou dar maior visibilidade às principais comunidades urbanas. O intuito foi dar voz a territórios menos mediáticos, promover o conhecimento do país, e discutir os problemas que habitualmente não têm cobertura informativa. Obviamente, o número de jornalistas é superior: em 2006 tínhamos 3 jornalistas e uma produtora. Atualmente, temos 43 elementos.

3. Fez parte do formato “Repórter da Cidade”, como é que este funcionava?

O jornalismo de proximidade está na génese do Porto Canal, mas esse nem era o conceito programa... O “Repórter da Cidade” eram falsos diretos, ou seja, o jornalista era um dos protagonistas... Mostrava e explicava... No fundo, as nossas reportagens tinham um rosto.

4. Que outros blocos informativos se recorda, que entretanto já foram extintos? E em que regime funcionava?

No ano da fundação, o Porto Canal tinha os seguintes programas:

2 Blocos noticiosos diários (segunda a sexta -15 minutos cada) – “Repórter da Cidade”

- incluíam 1 reportagem cada

2 Programas de Desporto diários (segunda a sexta - 25 minutos cada) – “Treinadores”;
“Comentários do BB”

1 Programa de Comentário Desportivo semanal (90 minutos) – “A Bola é Redonda”

1 Programa de Comentário Político diário (segunda a sexta - 25 minutos) – “O Dia em Análise”

1 Programa de Debate semanal (60 minutos) – “Especial Debate”

1 Fórum diário (60 minutos) – “Fórum do Porto Canal”

5. Para se fazerem diretos, o canal funciona com o sistema Live U. Pelo que sei o Porto Canal foi pioneiro no uso deste sistema, como é que este funciona e quando é que foi introduzido?

Em 2010, o Porto Canal passou a contar com uma nova tecnologia que veio revolucionar a transmissão televisiva em direto. Foi a primeira estação de televisão nacional a utilizar o LiveU, um sistema que não obriga ligação via satélite para difundir sinal áudio e vídeo. O equipamento cabe numa pequena mochila, permitindo maior mobilidade à equipa de reportagem. Este equipamento colocou o Porto Canal na vanguarda da tecnologia televisiva, permitindo informação mais rápida, mais próxima e mais real. Contudo, continuamos a fazer diretos com recurso a estações satélite.

6. Quando surgiu a parceria com a Lusa? E o que é esta implica?

A criação de uma Delegação em Lisboa ocorreu em março de 2012 e teve como objetivo dar expressão nacional a esta estação de televisão. O Porto Canal, apesar de estar centrado na região Norte, nunca deixou de ser um canal nacional. Por isso, tivemos sempre em mente dois fundamentos: primeiro, colocar o Porto Canal no centro das decisões políticas do nosso país; segundo, acompanhar o trabalho dos deputados eleitos pelos círculos eleitorais do Norte. Quisemos dar voz às pessoas do Norte que vivem em Lisboa, não ignorando, a informação de cariz Nacional. A parceria com a Lusa é, apenas, a nível técnico, como temos com a Medialuso no Porto.

7. Para si, que características deve ter uma notícia para que possa abrir um bloco informativo do Porto Canal?

Um acontecimento, que pode ser atual ou o desenvolvimento de algo já existente, que diga respeito a várias pessoas, de interesse comum, de preferência, que aconteça no Norte.

Entrevista a Mariana D'Orey, apresentadora do formato “Mundo Local” e “Territórios”

1. Quando surgiu o convite para apresentar o “Mundo Local”?

Na realidade, existia um programa chamado “Territórios” e eu, a Eduarda Pires, a Alexandra (Costa Martins) e o Humberto (Ferreira) apresentamos esse programa ao fim-de-semana, em alguma rotatividade, portanto já havia de alguma maneira uma ligação. Entretanto, quando houve uma alteração da grelha e o “Mundo Local” teve uma nova cara, em Janeiro, fui convidada para o apresentar, na altura porque ia voltar de licença de maternidade e portanto, coincidiu uma coisa com outra.

2. Quais são os principais desafios deste formato?

O desafio número um neste canal, em que naturalmente são os blocos informativos com maior destaque como é o caso do “Jornal das 13” e o “Jornal Diário”, é conseguirmos ter uma informação complementar. Ou seja, conseguirmos ter informação do Norte, assim como se faz nos outros noticiários, mas de uma forma mais específica que toque mais às pessoas. Às vezes quando estou a “bater bolas” de manhã com a Sara (Barbosa) digo-lhe isso: “O que é que toca mais às pessoas?” – essa é a nossa prioridade. Aquilo que afeta mais a vida das pessoas: é o preço dos transportes que aumentou, é as dificuldades na produção de mel que vai ter efeitos na vida dos agricultores, nas pessoas do nosso território. Isso é que nos interessa, isso é que é a nossa prioridade.

3. Que ingredientes são precisos para uma boa história para o “Mundo Local”?

O ingrediente número é “pessoas, pessoas, pessoas”, humanizar, trazer emoções, fazer com que tu sintas as histórias das outras pessoas. E depois disso, é a proximidade que naturalmente, é o nosso valor de referência, em termos de valores de notícia, mas com esse toque mais emocional, para que as pessoas possam de facto sentir-se parte disso. Sinto que de alguma maneira existe na comunicação social alguma frieza e nós aqui no “Mundo Local” queremos exatamente o contrário, queremos que as pessoas se sintam parte. E essa é a nossa prioridade, é isso que tentamos fazer todos os dias.

4. Que tipo de notícia tem prioridade no “Mundo Local”?

As que tocam mais na vida das pessoas. Vamos supor: há pouco tempo tivemos a exoneração do presidente da CCDRN, é uma notícia do território sim, mas não é uma notícia de abertura do “Mundo Local”. Uma notícia de abertura do “Mundo Local” é que vai haver mais dinheiro para os fundos comunitários, porque vai haver mais dinheiro para as nossas empresas, logo, mais dinheiro para as pessoas desse território. Uma notícia mais

política, não é tanto a nossa prioridade, assim como não é a nossa prioridade o crime. Nós abordamos questões que digam alguma coisa à região num todo, não questões tão particulares como crimes. Temos um ponto de vista um bocadinho mais positivo do que a maioria dos jornais. Claro que falamos de todas as notícias que são relevantes para o território, mas numa abordagem mais positiva e menos dramática, menos *‘yellow journalism’*.

5. A Sara [Barbosa] disse-me que achava que as pessoas se identificavam mais com o “Mundo Local” do que com o “Territórios”. O que te parece?

Parece-me que sim. Sabes que na altura da montagem do genérico do “Mundo Local”, nós tínhamos um genérico inicial que era muito associado ao mundo rural, portanto: as vaquinhas, a vinha, etc. E isso é espetacular, também faz parte do nosso território, mas há muito mais para além disso, há também uma entidade mais urbana. E eu acho que foi isso que nós conseguimos dar a este “Mundo Local”, foi manter essa lógica de território mais associado à agricultura e mais próximo das aldeias, mas não só isso, porque o território do Norte não é só isso: é também citadino, com vários eventos, é também de inovação, é também de aplicações tecnológicas. E acho que foi esse *upgrade* que nós demos de alguma maneira neste “Mundo Local” e depois acho que de facto, temos uma mais valia muito grande que são as entrevistas: todos os dias temos pelo menos um entrevistado, eu acho que é algo de bom, porque podemos aprofundar alguns temas e normalmente são temas positivos, de inovação, de empreendedorismo e as pessoas precisam disso, precisam de se sentir parte disso, com vontade de fazer mais. E é esse o nosso contributo.

6. O que é para ti, o jornalismo de proximidade?

O jornalismo de proximidade é estar próximo dos outros e como é que nós estamos próximos dos outros? Estamos se as emoções dos outros nos tocarem, se aquilo que os outros fazem de alguma maneira nos identificarmos ou sentirmos alguma coisa. Portanto, para mim, as boas peças de “Mundo Local” (obviamente que nem todas podem ser assim) são aquelas que começam a contar a história de alguém para depois partirem para a história de toda a gente, porque isso sim cria identificação, cria vontade de nós sabermos mais daquela pessoa e a partir daquela pessoa, nós vamos desconstruir a realidade. Essa é a minha prioridade, de facto. E depois é não sermos tão frios, como te dizia há pouco [a respeito da comunicação social], vermos as notícias de uma maneira diferente. Às vezes

saímos daqui: “ah, um incêndio...” e esquecemo-nos das pessoas. O “Mundo Local” e o jornalismo de proximidade é isso: é estar perto das pessoas, o impacto que as coisas têm nas pessoas. Não nos esquecermos que, mais do que tudo, nós estamos a falar para quem está lá em casa, portanto, nós somos todos parte desta componente mais emocional que o jornalismo tem vindo a perder e nós tentamos contrariar essa tendência.

Entrevista a Alexandra Costa Martins, pivot de informação

1. Tu estiveste à frente do formato “Terra”, que formato era este?

O programa “Terra” era um programa sobre agricultura e claro, os agricultores. Os agricultores hoje em dia e na altura em que o programa foi para o ar passavam imensas dificuldade. Ainda assim, nós decidimos fazer um programa que mostrasse o trabalho que eles fazem. Portanto, as equipas de reportagem iam até ao local destes agricultores, acompanhavam o trabalho deles: estamos a falar da produção de kiwis, às vezes também de plantas, todo o tipo de flores, muita frutas, legumes. A equipa acompanhava toda a produção, o agricultor explicava todo o processo se tinha ou não um mecanismo artificial (de máquinas) para produzir os produtos, mas no fundo era uma coisa completamente nova, só foi feito uma vez em Portugal um programa assim parecido há muitos anos na RTP1. Era um programa completamente inovador feito com poucos recursos, mas do Norte para o resto do país. Depois eu lançava os pivots num sítio completamente verde. O objetivo era transmitir os saberes e sabores da nossa terra – era assim que eu lançava o programa – tinha cerca de 50 minutos, essencialmente com 4 ou 5 reportagens dinâmicas e ficávamos a saber coisas que muitos jovens e crianças não sabem: como se planta uma cenoura, uma batata. Hoje em dia as crianças vão ao supermercado e acham que é lá que nascem as batatas e cenouras. Não é assim e nós acompanhávamos esse processo. E acho que fizemos um bom trabalho.

2. E o formato surgiu mais ou menos em que altura?

Surgiu talvez em 2010. O programa ainda esteve no ar dois anos, depois com mudanças de direção terminou. Mas era um projeto muito aliciante, novo, um desafio. Também para nós jornalistas, porque nós também arregaçávamos as mangas, calçávamos as galochas e íamos para o meio das vindimas, para o meio da terra. Também para nós foi um programa completamente novo.

3. O programa acaba também por responder à grande norma do Porto Canal, que diz respeito à prática do jornalismo de proximidade?

Exatamente. Muitos dos produtores/agricultores com quem nós falamos nunca tinham estado à frente de uma câmara de televisão. Nem tão pouco esperavam receber um contacto de uma estação de televisão. Nós estivemos em terras que a maioria das pessoas, se calhar, nunca ouviu falar. E acho que isso também era muito importante para o retorno deles, para o retorno das pessoas que conheciam os produtores e iam lá diretamente para comprar o produto, para eles escoarem o produto e também, pelo outro lado, de dar a conhecer aquilo que é feito no Norte. Nós temos tantas coisas boas para mostrar e o trabalho desses agricultores é uma delas.

4. Quais eram os principais desafios deste formato?

Às vezes as condições meteorológicas condicionavam tudo. Porque os jornalistas iam para o terreno e se estivesse a chover já era complicado, por exemplo, fazer a produção de batata. Depois tem que ver com tempo - a altura do ano – por exemplo, a produção de cereja, se fosse nesta altura, seria a mais indicada. E depois claro tínhamos que ir para a periferia das grandes cidades, onde conseguimos encontrar algumas hortas urbanas o que era giríssimo: pessoas que tinham um terreno em casa e que plantavam algumas coisinhas, ainda conseguíamos fazer isso. Porque a agricultura é como se tivesse sido submetida a uma lavagem cerebral nessa altura, pois quase que estava na moda, mesmo aqui no centro da cidade, jovens principalmente, porque nós temos aquela ideia dos agricultores são pessoas mais velhas, mas encontramos pessoas muito novas, com os fundos comunitários também investiam em grandes produções e saíam-se muito bem. Tivemos os dois casos: agricultores que realmente o estilo de vida estava difícil e profissionalmente também, mas depois tivemos outros que se saíam muito bem e o nosso desafio era encontrar casos bons e maus, mas acima de tudo encontrar casos. Mas depois um agricultor diz ao outro e depois já estamos em Vieira do Castelo, já estávamos em Guimarães, perto da Régua e o que não falta é trabalho deste para fazer.

5. Mais recentemente apresentaste o “Territórios”, que formato era este?

O “Territórios” é o programa mais próximo das pessoas e continua a ser, temos agora um formato muito parecido aqui no Porto Canal que é o “Mundo Local”, sendo que as bases são as mesmas. O “Territórios” dava notícias que mais ninguém dava. Notícias

sobre agricultura, por exemplo, eventos pequeninos locais que tinham imensa dimensão naquele local/ naquela aldeia/ naquela cidade que ninguém sabia a não ser as pessoas que lá moravam e nós transformarmos aquilo num palco. Através do Porto Canal, chegamos a saber de eventos e íamos lá fazer reportagem, às vezes só com meia dúzia de pessoas e que ficavam reportagens fantásticas, mas entrevistávamos precisamente as pessoas que não eram conhecidas, daquelas que tu não dás num “Jornal Diário”. E essa máxima continua a ser feita: proximidade, ideias inovadoras e projetos que mais ninguém conhece.

6. O que é para ti, o jornalismo de proximidade?

Uma vez que trabalho no Porto Canal há 8 anos, o jornalismo de proximidade foi aquele que me foi sempre inculcado. Eu tenho o maior gosto de ir para uma localidade do interior, por exemplo, fazer uma reportagem. Primeiro, porque as pessoas nunca estão à espera que um jornalista, um repórter de imagem e uma produtora tenham interesse em algo que para os outros não tem. A pessoa no seu íntimo pergunta “Mas o que é que eles vêm cá fazer” e fazemos coisas fantásticas. O jornalismo de proximidade é falar da Dona Maria que mora na Rua Das Flores – e já estou a falar de uma rua mediática – ninguém sabe quem é a Dona Maria e a Dona Maria tem lá uma loja com produtos tradicionais que são o maior sucesso quando vêm cá os turistas por exemplo e é isso que nós queremos falar e queremos dar voz. Precisamente essa proximidade. Tem um retorno fantástico porque nós temos que marcar a diferença e, portanto, temos que ir pela diferença: nós somos o Norte e o Norte é feito de pessoas com garra, pessoas que arregaçam as mangas e trabalham para conseguir atingir os seus objetivos. E nós enquanto meio de comunicação do Norte temos de dar voz a essas pessoas: a pequenos empresários que fazem a diferença por exemplo, na nossa economia.

7. No teu entender, que ingredientes deve ter uma boa história no âmbito da ‘proximidade’?

Tem que ter pessoas com coragem e pessoas com determinação. Pessoas que sabem o que querem, não precisam de ser uma grande loja, uma grande empresa que tenha mil trabalhadores. Precisa apenas de ter trabalhadores, às vezes até só um, que trabalhe para aquele objetivo. Pessoas que saibam que estão a fazer. O Norte por si, já se distingue e as pessoas do Norte também. Pessoas que querem aprender, algumas chegam aqui ao Porto Canal e querem crescer e investir. E o jornalismo de proximidade é nós irmos

precisamente ir àquela rua que poucas pessoas conhecem e falar da Dona Maria que tem uma lojinha de produtos tradicionais que, entretanto, abastece ali os vizinhos e de repente, todos os turistas vão lá comprar o que quer que seja. E nós estamos aqui para dar voz a essas pessoas.

8. E quanto aos novos recursos de trabalho, sentes que acabam por melhorar ou simplificar a vida aos jornalistas?

Claro que sim, claro que vieram. Toda a melhoria que é feita nos postos de trabalho é bem-vinda. Nós aqui temos um sistema novo, mais prático, mais fácil que nos veio ajudar a evoluir e isso vê-se no produto final, na qualidade daquilo que é feito. Não basta ter um bom jornalista e um bom repórter de imagem no terreno convém também que o sistema informático ajude para que o produtor final seja melhor. Acho que nós estamos a crescer, que cada vez mais pessoas se identificam cada vez mais com o Porto Canal, por essa proximidade que falei há pouco e acho que estamos no bom caminho, embora ainda tenhamos muito que crescer.

9. Quando saís para reportagens, as pessoas abordam-te pelo facto da MEO ter revogado os direitos de transmissão à NOS?

Ouvimos muitas queixas e pessoas desiludidas. No fundo, o que as pessoas querem saber é quando é que o Porto Canal vai voltar para a NOS. Eu acho que isso é um bom sinal: se vamos para a rua e as pessoas perguntam porque é que não estamos lá é porque nos viam. Se calhar não nos viam todo o dia, mas há programas com que se identificam: o “Clube dos Cozinheiro”, as pessoas gostam de cozinhar; o “Olá Maria”, por exemplo, porque tem lá rubricas interessantes sobre cozer roupa, fazer colagem, coisas práticas e acho que isso também faz parte da comunicação de proximidade. Dar só conversa ao nosso telespectador, aqui no Porto Canal ‘não é só conversa’, são coisas práticas para as pessoas aprenderem a trabalhar. E as pessoas dizerem que estão tristes porque não vêm o Porto Canal é um bom sinal. Espero que a situação se resolva rapidamente.

Entrevista a Ana Leite, jornalista da delegação de Braga

1. Como funciona o dia-a-dia de um jornalista numa delegação?

Cada dia é uma nova surpresa. Não há horários definidos. Só sabemos a hora de entrada do dia seguinte na véspera. E dificilmente esse horário se cumpre, já que a agenda

previamente recebida raramente não sofre alterações. A isto somam-se um grande território de cobertura, já que somos deslocados também para as regiões de outras delegações (Alto Minho e Sousa e Tâmega), e muitos quilómetros percorridos. Há dias em que estamos “de prevenção”, o que significa que poderemos ser chamados a qualquer momento. Sentimo-nos uns verdadeiros bombeiros prontos para apagar incêndios! Mas depois há todo um lado positivo que me faz preferir estar numa delegação. A proximidade com a comunidade é muito maior. Sentimo-nos parte da região. Criamos laços. Estabelecemos contactos. E tudo isto torna o nosso trabalho diário mais simples, mais compensador. Quando não trabalhamos e vem um colega substituir, perguntam-nos depois se estávamos de folga ou a fazer outra reportagem. Já nos associam à região. O que para nós é muito gratificante.

2. Quais são os principais desafios que encontras diariamente?

O facto de não termos um horário definido causa, desde logo, constrangimentos a nível pessoal. É difícil organizarmos a nossa vida assim. Depois, a distância da sede do canal causa frequentemente problemas de comunicação. O facto de estarmos sozinhos obriga-nos a desenrascar, mas às vezes torna-se difícil não ter um colega ali ao lado para tirar dúvidas. Além disso, quem está na sede não tem muitas vezes noção das dificuldades de trabalhar numa delegação. Exige-se demasiado e tenta-se entender o nosso lado muito pouco. Devo dizer, contudo, que já houve uma evolução muito positiva neste aspeto. Depois há os quatro a cinco mil quilómetros percorridos por mês. A isto somam-se muitas vezes as dificuldades técnicas, como as falhas do servidor e a lentidão da internet em determinados locais. O nosso trabalho sai muitas vezes prejudicado. É frustrante quando corremos para dar uma notícia e depois ela não vai para o ar devido a problemas técnicos.

3. Como é que é feito processo de enviar a peça para o sistema? E onde é feita a edição e a sonorização da peça?

Nós enviamos as peças por internet para um servidor do canal. Não temos ainda acesso ao sistema. Editamos em Final Cut Pro no espaço da delegação, no café, no carro, em casa, em todo o lado. Até parece o slogan de uma rádio!

4. Sentes que as pessoas reconhecem o Porto Canal? Qual é a tua perceção?

Cada vez mais sinto isso. O reconhecimento é cada vez maior. Na rua somos interpelados muitas vezes por pessoas que nos parabenizam pelo trabalho do canal. Que falam dos programas preferidos. E devo dizer que são muito mais os elogios do que as críticas negativas. Neste momento perguntam-nos com muita frequência quando é que o canal volta à NOS. As pessoas lamentam-se com a perda do canal. Todos os dias nos falam sobre isso. É sinal do reconhecimento da marca e da importância do Porto Canal para a região Norte e para o País.

5. Achas que o canal responde à prática do jornalismo de proximidade que se propõe fazer?

Julgo que sim, mas penso que deviam abrir mais delegações e aumentar-se o número de correspondentes nas mesmas. Só assim se poderia fazer um completo jornalismo de proximidade. Ainda assim, todos os dias ouvimos na rua “eu vejo o porto canal porque é o único que dá notícias da minha vila”. São estas palavras de dão sentido à nossa missão, que nos dão o sentimento de dever cumprido. É para elas que trabalhamos, é às vilas, às aldeias que queremos chegar. É lá que devemos estar. Só assim se combate o tão falado centralismo.

Ana Rita Basto, coordenadora executiva

1- O que é para ti jornalismo de proximidade?

O jornalismo de proximidade acho que, como o próprio nome indica, é algo que está mais próximo das pessoas. É uma coisa muito mais concreta, ou seja, se nós por exemplo estamos a falar de um tema como o aumento do IVA na restauração, a proximidade vem depois da forma como tu constróis a tua reportagem, que é em vez de dar apenas a notícia do que vai acontecer, é ir ao encontro das pessoas, perceber quem é afetado por este ou aquele problema, dei este exemplo mas há imensos e chegar próximo das pessoas e perceber de que forma esta decisão ou este tema nacional os afeta na sua vida no dia-a-dia, quem diz o IVA da restauração, diz por exemplo: a questão das escolas, dos colégios com contrato de associação, diz as questões da educação, de saúde. A proximidade vem muitas vezes da forma como tu dás a notícia. À parte daquela proximidade óbvia, quando é um problema local em que tens um buraco na rua ou que tens uma rua que não tem saneamento, aí acho que é óbvia a questão da proximidade, porque vais àquele local fazer uma reportagem. Mas todos os outros assuntos nacionais acho que é fácil e até é vantajoso

que lhes dê um carácter de maior proximidade quando vais às pessoas que são afetadas por esse problema.

2- Pode dizer-se que o jornalismo praticado no Porto Canal é de proximidade?

É esse o jornalismo que o Porto Canal quer dar às pessoas, é esse o jornalismo que luta por fazer. Admito que nem sempre é possível fazê-lo a 100%, porque esse é um jornalismo que exige meios, exige por pessoas na rua. Nós não conseguimos fazer jornalismo se não formos ao local, se não formos ao encontro destas pessoas e nem sempre temos recursos para estarmos em todo lado, para fazermos todas as notícias da mesma forma, por isso é que há notícias que optamos por dar a notícia e não ter reportagem, mas esse é o jornalismo que o Porto Canal deveria idealmente dar às pessoas.

3- O que é uma notícia prioritária no Porto Canal?

É uma vez mais muito ligada aquilo que é a proximidade e isso também varia muito de dia para dia. Quando temos um acontecimento na nossa região, isso acaba por ter uma relevância maior, por exemplo, a questão dos fundos comunitários - é um exemplo mais recente que nós temos - é um assunto em que os autarcas do Norte estão unidos contra a distribuição dos fundos, é um assunto que, por norma, não abre um telejornal de mais nenhum canal a não ser o Porto Canal, porque isto é um assunto nosso, porque se nós não abrimos com este assunto e se nós não explicarmos às pessoas aquilo que se está a passar na nossa região, os outros se calhar vão fazê-lo, mas vão fazê-lo com menos profundidade e mais à frente no jornal. Portanto, são esses tipos de assunto que nos dizem respeito, não só os assuntos de última hora, os acontecimentos: os acidentes, as mortes, tudo isso, porque aí o imediatismo faz com que seja abertura quer no Porto Canal, que noutro sítio qualquer.

4- De que forma um alinhamento no Porto Canal se deve distinguir dos alinhamentos das demais generalistas?

Pegando num alinhamento de um jornal de outro canal e pegando num alinhamento do Porto Canal, geralmente o bloco deles mais local há uma grande probabilidade desse ser o nosso de abertura. E os nossos assuntos nacionais, falando de assuntos que afetem toda a gente, é claro que também abrem os nossos jornais, porque esse assunto é o que interessa às pessoas naquele dia. Da mesma forma que o Plano Nacional de Vacinação,

na semana passada, foi notícia, abriu o “Jornal das 13” do Porto Canal, portanto, esse é o assunto que naquele dia, naquela hora, as pessoas mais querem saber. Há assuntos nacionais que acabam por abrir, mediante a importância, mas é fácil de perceber, pegando num alimento de outro canal ou pegando no nosso, que geralmente os nossos assuntos estão em pontos diferentes do alinhamento, não deixamos obviamente de dar o nacional e de dar o que os outros dão, referentes à Caixa Geral de Depósitos, ao BES, à capitalização, aos assuntos da política, mais pura e dura, aos debates quinzenais, nós damos na mesma, não damos, se calhar à ‘cabeça’ do jornal.

5- Apesar do cariz regional que o canal comporta, sentes que nos últimos anos, o Porto Canal tem dado passos para se tornar num canal generalista?

Nós somos um canal feito para uma região e acho que isso é óbvio e é notório no nosso produto. Ou seja, já não somos um canal regional, somos um canal generalista, que tenta dar uma oferta variada aos telespectadores e que é um canal visto fora da região norte e muitas vezes, muito visto fora da região norte. Não queremos ser provincianos e acho que não somos, o importante é alargar essas fronteiras, é sermos uma alternativa naquilo que damos, indo um bocadinho mais longe naquilo que damos. Mas não sendo de facto provincianos em afunilar a nossa oferta para uma só região. Temos uma noção geral do país e acho que isso, nos últimos anos, é notório e está visível.

6- O que é que para ti é uma boa história? Que componentes deve ter?

Tem de ter pessoas, acima de tudo. As histórias contam-se com pessoas. Quando contas a história de uma pessoa e isto sem querer entrar muito no que é explorar a vida dessa pessoa, embora às vezes quase que invadimos um pouco a privacidade dos nossos interlocutores. Mas tem que ter sobretudo histórias e tem que ter fatores determinantes para que as pessoas se identifiquem. Quem está a ver lá em casa tem que se identificar com aquele personagem, se assim podemos dizer, da vida real. E acho que isso é essencial: as pessoas verem uma história e em algum ponto dessa história, poderem-se identificar por estarem a viver uma situação semelhante, ou por conhecerem alguém que esteja a viver uma situação semelhante, eu acho que isso é o ponto chave.

7- Sentes que o novo sistema adotado tem vindo a facilitar a dinâmica dos profissionais da casa?

Sim, de certa forma veio. Nós os processos já os fazíamos, agora este sistema o que nos permite é uma maior integração. Para um pivot é essencial o facto de teres alguém que te escreve umas dicas no próprio sítio onde tu depois vais mudá-las e não recebes coisas por e-mail e há ali uma proximidade. Depois a questão do imediatismo aqui é muito presente porque, na maior parte das vezes, já estou sentada no jornal na mesa de pivot, quando tenho um jornalista a chegar e a escrever-me uma ideia da peça, sem ter necessariamente que vir ter comigo fisicamente dizer-me alguma coisa e eu própria (ou a coordenar ou enquanto pivot) facilmente mudo o alinhamento quase sem necessitar de uma terceira pessoa ali. Tens uma muito maior autonomia com este novo sistema.

8- O que é que ainda falta na informação do Porto Canal?

Falta tempo sobretudo, mas eu acho que isso falta aqui como falta em qualquer lado. Falta tempo para irmos atrás das histórias. Nós estamos muito pressionados com o tempo que temos e os jornais que temos, a forma como fazemos as coisas. Faltam meios, acho que toda a gente se queixa de falta de meios, isso é óbvio, nós queremos fazer mais, mais e mais... só que as coisas não esticam. Houve também um grande reforço a nível da equipa, portanto acho que vamos tentando cada vez mais dar boas histórias às pessoas e fazer um bom jornalismo.

Entrevista a Ana Guedes Rodrigues, diretora de informação do Porto Canal

1. Como identificaria o jornalismo praticado no Porto Canal?

Acima de tudo, é feito um jornalismo de proximidade. É isso que eu acho que nos distingue de outro canal de televisão, como generalista, porque nós somos um canal generalista, mas de facto distinguimo-nos dos outros por aí. Acho que é um jornalismo mais próximo e, portanto, enquanto que estamos habituados a ver os outros canais feitos em Lisboa, um jornalismo mais voltado para as questões nacionais, que eventualmente podem interessar a todas as pessoas do país, mas dificilmente as pessoas verão o problema da sua rua retratado num jornal nacional desses canais. Aqui no Porto Canal podem ver efetivamente o problema da sua rua, da sua freguesia, da sua cidade retratado, sobretudo se for a norte, que é a nossa zona preferencial de cobertura.

2. Sente que mesmo as generalistas começam a praticar com mais frequência jornalismo de proximidade? Se sim, porque é que acha que isso acontece?

Porque eu acho que a dado ponto as televisões começaram a perceber que as pessoas não querem só saber de política, não querem só saber de questões nacionais, sendo que as questões nacionais são muito tratadas em Lisboa e depois as outras terras acabam por só ter cobertura quando acontecem tragédias: homicídio, violência doméstica, ou seja, acabam por pôr outras freguesias do país no mapa pelos piores motivos. E eu acho, que a dados, as televisões começaram a perceber que, se calhar um bocadinho por causa daqueles programas de domingo à tarde e de sábado à tarde, que precisam do resto do país, que nem tudo se passa em Lisboa e se calhar por aí, começaram a apostar. Mas eu acho que isto ainda está muito no início, nem consigo perceber se é uma inversão de tendência. O que eu acho é que os diretores estão a começar a perceber que as pessoas querem este jornalismo de proximidade. Não querem ver as terras no mapa só por coisas negativas. Querem também ver cobertura de assuntos políticos da sua própria cidade. Dou um exemplo: esta questão à volta da CCDRN, só o Porto Canal a nível de televisões, é que está a dar o devido enfoque a esta questão, está a dar acompanhamento. Isto interessa a todas as pessoas do Norte e não veriam isto noutra televisão e não sei se há uma inversão de tendência ao ponto de uma SIC ou uma TVI verem interesse nisto. Porque, se calhar, é uma notícia demasiado pequena para essas televisões, mas eu quero acreditar que já estão a tentar mudar esta maneira de pensar, porque sinto que começaram a perceber que a proximidade é importante e que se foi perdendo.

3. Acha que o Porto Canal, já se pode afirmar como um canal generalista?

Acho que é um percurso que temos vindo a fazer, ao nível da informação, que é a área que eu represento, eu acho que continua a ser um canal regional, claro que, nós não nos podemos esquecer que há assuntos que são de interesse nacional: se uma qualquer decisão do parlamento afeta todos os portugueses ao nível do IRS ou ao nível da Segurança Social, é lógico que não podemos passar ao lado desta decisão que aconteceu em Lisboa, mas que é nacional e que diz respeito a todos os portugueses sejam eles do Norte, do Algarve, de onde quer que seja. E portanto, desse ponto de vista podemos encará-lo com um canal de informação generalista, porque nós damos cobertura a notícias de todo o país quando interessam a todos os portugueses. Mas quando tem que ver com acontecimentos, efetivamente, nós só cobrimos a zona Norte. Se uma mulher for morta às mãos do marido em Vila Franca de Xira, nós não damos notícia disso, porque de facto não é a nossa zona preferencial de cobertura. Nós só temos delegações no Norte e estamos focados na zona Norte e por isso, somos um canal generalista do ponto de vista da programação. Porque

não somos um canal de desporto, não somos um canal de cultura, não somos um canal de música, portanto somos um canal generalista porque temos uma programação variada e geral. Do ponto de vista da informação, não podemos dizer que somos um canal assim tão generalista, porque a nossa informação é sobretudo regional.

4. O que é para si, uma boa história para um bloco informativo?

Uma história exclusiva. Uma história que só nós é que tenhamos e que faça com que os outros órgãos de comunicação social nos citem e vão atrás, isso para mim é uma boa história, porque significa que lá chegamos primeiro e que estamos a fazer com que os outros vão atrás de nós. Isto é um processo que demora muito tempo a conseguir, porque é preciso que a equipa emadureça. Uma equipa muito jovem como a nossa, não é uma equipa que nasce com fontes. As fontes vão sendo alimentadas ao longo da carreira de um jornalista e, portanto, essas notícias exclusivas, que fazem com que os outros vão atrás são notícias que, normalmente, acontecem quando a redação já tem um nível de maturidade bastante grande e o Porto Canal está agora aos pouquinhos a chegar lá. Até agora foi um processo de amadurecimento e agora estamos a consolidar alguns dos nossos contactos, a consolidar a nossa posição enquanto à informação diz respeito e, portanto, só agora é que começamos a conseguir ter histórias dessas. E, para mim, essas são as melhores histórias. Ou então, quando conseguimos pegar numa história a âmbito nacional e dar-lhe o nosso cariz do Norte, também fico satisfeita com isso, quando pegamos num assunto – que começou a ser tratado como um assunto nacional – mas que de repente, nós conseguimos que esse assunto comece a ser falar por vozes do Norte, que não são ouvidas noutros canais, mas que para nós (Porto Canal) são importantes – os fazedores de opinião do Norte - isso também me deixa satisfeita.

5. De que forma um alinhamento no Porto Canal se deve distinguir dos alinhamentos das outras generalistas?

Temos sempre que tentar que o alinhamento seja alternativo. Nós temos que dar, de facto, uma alternativa às pessoas, porque se vamos fazer aquilo que os outros fazem: primeiro, perde-se um bocadinho o nosso objetivo: o que é que faz uma pessoa ver o Porto Canal se o Porto Canal oferece aquilo que os outros oferecem? Julgo que nada, porque efetivamente do ponto de vista tecnológico, do ponto de vista de evolução, o Porto Canal não tem mais para oferecer do que os outros. Até estamos em desvantagem em relação a

isso porque somos um canal com meios limitados e, portanto, acho que o que se tem de distinguir no alinhamento do Porto Canal é a novidade, nós temos que dar às outras pessoas uma coisa diferente daquilo que elas podem ver nos outros canais. Voltamos então à questão da proximidade: já que só agora é que os outros estão a começar a perceber que a proximidade é importante e nós já estamos nesse processo há muito tempo, então temos de tirar partido dele, é por aí que penso que temos de ir. Se calhar em vez de abirmos com notícias no âmbito nacional, que toda a gente vai ver desenvolvidas nos outros canais e se calhar, até mais bem-feitas, com recurso a mais grafismo, com dois ou três jornalistas a trabalhar para aquele assunto e nós aqui não temos essa capacidade, então vamos abrir com um bloco de notícias alternativo que diga às pessoas que estão a ver uma coisa que não vão ver nos outros canais. Acho que é essa a grande dificuldade em fazer informação no Porto Canal, porque basicamente, os outros orientam-se uns pelos outros e tentam fazer melhor. Nós, para além de tentarmos fazer o melhor, temos de fazer diferente.

6. O que é que ainda falta na informação do Porto Canal?

Falta sempre alguma coisa. Eu gostava de ter outras tantas delegações do que aquelas que tenho a funcionar, gostava que conseguíssemos estar em todo o lado em dez minutos, era um mundo ideal para mim, que as coisas estivessem a acontecer e que conseguisse em dez minutos por lá uma equipa com meios de direto; gostava que todas as equipas que saem para o terreno estivessem dotadas de meios de direto, gostava de podermos interromper a emissão a toda a hora e a todo o minuto, para entrarmos em direto de um qualquer sítio, onde se está a passar alguma coisa de relevo; gostava de conseguir dividir a redação por editorias e ter um jornalista responsável por cada editoria e quase especializado nessa mesma área: gostava de ter um jornalista ‘sénior’ na área de política, outro na área de economia . Mas isso é um processo de crescimento, estamos a fazer o nosso caminho, estamos quase com 10 anos, mas o Porto Canal não começou logo com informação, portanto, tivemos ali alguns anos em ‘banho-maria’. E, portanto, uma televisão demora algum tempo a criar o seu próprio caminho e a implementar-se no mercado, por isso, acho que estamos num bom caminho. Tivemos aqui alguns percalços pelo meio: o impasse do negócio com o FCP, a questão da guerra das operadoras, nada disto ajuda à evolução porque acabam por ser pedras que entram na engrenagem e acabam por atrasar um bocadinho os processos, mas fazem parte, são dores de crescimento.

7. Sente que a compra do FCP pela MEO afetou de alguma forma a audiência geral dos blocos informativos do Porto Canal?

Sim, foi evidente. O que aconteceu foi que nós passamos a estar exclusivamente na MEO e na Vodafone, deixamos de estar presentes na NOS. E a Norte, tradicionalmente, as pessoas têm em casa NOS. E, portanto, sim, é inegável. Houve efetivamente uma quebra de audiências, mas é um problema que nos é completamente alheio, é uma guerra entre operadoras e o Porto Canal é apanhado no meio, um bocadinho como arma e negociação e temos que esperar que as operadoras cheguem a um acordo e se não chegarem, este é o nosso mercado, é o nosso caminho, provavelmente temos de redesenhar alguns conteúdos, temos que redesenhar a estratégia. Mas a vida não acabou e podemos ser cativar mais clientes e até fazer com que alguns clientes que gostam muito do Porto Canal e que de repente o deixaram de ter na NOS, possam aderir à MEO, só para ter o Porto Canal. Temos já muitos casos desses.

8. O que é que justifica um direto?

Eu acho que o paradigma de um direto em televisão está a mudar radicalmente. E hoje em dia, enquanto, sei lá, há dez anos, quinze anos só se faziam diretos quando se justificava mesmo, porque os diretos eram muito caros, só se faziam diretos praticamente com recurso a satélite e era preciso enviar carros de exteriores para os locais, muitas vezes locais com difícil acesso, por exemplo, nos incêndios e era preciso ponderar muito bem se se justificava enviar meios de diretos para o local, era preciso pedir tempo de satélite e este era caríssimo. Entretanto, hoje uma proliferação tal de novas tecnologias que hoje em dia fazer um direto é a coisa mais fácil do mundo, a CNN passa a vida a fazer diretos com telemóveis, via Skype e nós a tentar começar a fazer isso também no Porto Canal e até acho que vamos ser um pouco pioneiros nesse sistema porque o importante agora já quase não é a qualidade com que se faz o direto, mas sim o conteúdo. E hoje o que é importante para as televisões é a imediaticidade, a guerra acaba por ser essa: quem é que chega primeiro.

Paulo Ferreira, diretor de conteúdos de informação

1. Qual é o grande objetivo do formato "Mundo Local"?

Produzir e emitir bom jornalismo de proximidade. Olhar para o Mundo a partir do(s) territórios. Sendo o único canal de televisão generalista que se faz fora da Área Metropolitana de Lisboa, o Porto Canal tem a obrigação de dar voz aos anseios das pessoas e das populações que são confrontadas pelos restantes órgãos de comunicação quando escorre sangue nas suas terras, ou quando alguma polémica “gorda” os traz para as pantalhas das televisões e para as capas dos jornais. Queremos que os espetadores vejam o Porto Canal como um “vizinho”, no melhor sentido do termo. E queremos, antes de tudo o mais, que as pessoas e as populações se revejam no Porto Canal, enquanto meio de comunicação que, tendo identidade, percebe as várias identidades que o rodeiam.

2. O formato surge também como forma de rejuvenescer o anterior formato "Territórios"?

Sim. Passamos a ter mais tempo de emissão e, com o crescimento que temos pensando, teremos ainda mais no futuro próximo.

3. Quais são as principais diferenças entre os dois formatos?

Não há grande diferenças conceptuais. Diria que o Mundo Local é o Territórios numa fase um bocadinho mais adulta e madura.

4. Há algum tipo de linearidade na altura de escolher a peça de abertura do programa? Ou seja, existe alguma preocupação em dar o mesmo peso às várias regiões a norte do país?

Sim, sempre que possível. Os critérios de noticiabilidade mandam, como é óbvio, nas aberturas e nos alinhamentos. Mas procuramos manter esse equilíbrio.

5. O que é "uma boa história" para o "Mundo Local"?

Não existem “boas histórias” sem boas notícias. O que tentamos fazer é que cada notícia seja, sempre que possível, contada como uma boa história. Nem sempre se consegue. É preciso bom senso para não perdermos a notícia, no intuito de a transformar numa “história”. E é fundamental ter acutilância para fazer de uma “boa história” uma boa notícia.

6. Quais são os principais desafios de um programa como este?

Correndo risco de me repetir: fazer com que os espetadores vejam o canal, mas, sobretudo, se revejam no canal.

7. Na sua opinião, o que distingue o "Mundo Local" dos demais blocos informativos do Porto Canal?

É, claramente, um bloco noticioso com foco claríssimo na vivência das populações e das instituições presentes no(s) território(s).

8. No meu estudo, baseado em duas semanas distintas, percebi que a região do Grande Porto é a que acolhe mais peças informativas no "Mundo Local". Na sua opinião, porque é que isto acontece? Tem que ver com a proximidade da sede e com o número de jornalistas que é superior?

Com o devido respeito: duas semanas é muito pouco para tirar conclusões. Mas o ponto que a questão coloca é interessante. Para lá dos critérios de noticiabilidade de que falei acima, é verdade que, pela sua dimensão, os municípios maiores produzem mais informação. A progressiva profissionalização dos gabinetes de imprensa das autarquias e das outras instituições dos territórios mais distantes dos grandes centros urbanos tem ajudado a esbater essa discrepância. Seja como for, também nos cabe a nós desencantar “boas histórias” fora destas áreas mais óbvias, sob pena de não estarmos a cumprir o nosso primeiro desiderato: perceber todas as identidades estando com elas e ao lado delas.



A racionalidade de um "Homem Irracional"

17-09-2015 12:31 | Mundo
Porto Canal (LYV)

O mais recente filme de Woody Allen, estreia esta quinta-feira, nos cinema nacionais e conta a história de um professor de Filosofia seduzido pela hipótese de cometer um crime.

"Homem Irracional", o mais recente filme de Woody Allen marca o seu regresso ao território americano, após "Magia ao Luar", que foi gravado em França. New England, uma região que faz fronteira com Nova Iorque, foi o local escolhido para servir como plano de fundo ao drama de mistério, bem ao estilo "woodyalesco".

A história centra-se num professor de Filosofia, Abe Lucas (Joaquín Phoenix) que atravessa uma crise existencial, mas reencontra a felicidade e a alegria de viver, assim que equaciona a hipótese de cometer um crime. O seu amor é disputado pela sua aluna predilecta, Jill Pollard (Emma Stone) e uma professora ninfomaniaca, Rita Richards (Parker Posey).

A longa-metragem, conduzida essencialmente pelo raciocínio de Abe, é banhada por pensamentos filosóficos - não fosse essa a disciplina leccionada pela personagem de Joaquín Phoenix- e atesta o quão ténue é a linha que separa o bem e o mal. Este filme marca o regresso de Allen aos triângulos amorosos, angulados por personagens peculiares e recheadas de dimensões.

O filme que foi lançado em Maio no Festival de Cinema de Cannes, estreia esta quinta-feira nas salas nacionais.

+ notícias: Mundo

Cerca de 4.000 refugiados chegaram à Croácia nas últimas 24 horas

Cerca de 4.000 migrantes chegaram à Croácia nas últimas 24 horas depois do encerramento das fronteiras da Hungria, informou hoje a televisão croata (HRT).

Tensão na fronteira. Polícia húngara lança gás lacrimogéneo contra migrantes

A polícia húngara usou hoje gás lacrimogéneo e canhões de água contra migrantes que protestavam junto à fronteira com a Sérvia e que

Reunião extraordinária de líderes no dia 23

Bruxelas, 17 set (Lusa) --Os líderes da União Europeia (UE) vão reunir-se numa cimeira extraordinária, no dia 23, para debater a crise dos refugiados, anunciou o presidente do Conselho Europeu, Donald Tusk, na rede social Twitter.



André Villas-Boas deixa Zenit

10-09-2015 18:40 | Desporto
Porto Canal (LYV)

O treinador português André Villas Boas recusou a proposta de renovação do clube russo, Zenit São Petersburgo, do qual faz parte há três anos.

André Villas-Boas, em conferência de imprensa de antevisão ao jogo frente ao CSKA de Moscovo, afirmou que iria trabalhar arduamente para que o clube "some pontos para alcançar a liderança do campeonato, além de um bom desempenho na Liga dos Campeões". Contudo, o técnico português não deixou também de mostrar o seu desagrado face ao novo limite de estrangeiros e à inatividade no mercado das transferências, resultado desse limite imposto.

O treinador português irá abandonar o clube após a vitória da Liga russa na última época.

+ notícias: Desporto

Seleção Portuguesa de Futebol de Rua vai participar no Mundial da modalidade

A Seleção Nacional de Futebol de Rua parte esta sexta-feira para a Holanda, para o Mundial da modalidade. Uma equipa constituída por oito jovens, provenientes de famílias e regiões mais carenciadas do país sonham com uma vitória na final.

Jardel regressa aos convocados do Benfica para jogo com o Belenenses

Seixal, Setúbal, 10 set (Lusa) - O defesa-central Jardel está de regresso aos convocados do Benfica para o jogo de sexta-feira com o Belenenses, da quarta jornada da Liga portuguesa de futebol.

Gaitán e Jiménez de regresso ao trabalho no Benfica

Seixal, Setúbal, 10 set (Lusa) - O médio argentino Nico Gaitán e o avançado mexicano Raúl Jiménez regressaram hoje ao trabalho na equipa de futebol do Benfica, depois de terem estado ao serviço das suas seleções.

+ notícias com vídeo



BE recusa coligação com PS

07-09-2015 17:27 | Política
Porto Canal (LYV)

Catarina Martins, a porta-voz do Bloco de Esquerda (BE), assegurou esta segunda-feira à TSF que o Bloco de Esquerda recusa uma hipotética coligação com o Partido Socialista, contudo mostra-se disponível para participar num Governo de esquerda.

Catarina Martins garantiu esta segunda-feira à TSF, que o Bloco de Esquerda está disponível para participar num Governo de esquerda mas recusa uma hipotética coligação com o Partido Socialista. Segundo a própria, as impressões que trocou com o líder do PS, António Costa, da última vez que se reuniu com este não foram "promissoras" e por isso, rejeita uma possível coligação.

A porta-voz do BE foi ainda mais longe e afirmou que o programa do PS "não é um programa à esquerda, o Partido Socialista não precisa de partidos de esquerda para fazer um Governo, para deter um programa que liberaliza despedimentos ou que faz privatizações ou que mantém o mesmo alinhamento europeu que têm tido o PSD ou o CDS", por isso, para a actual deputada a coligação não faz sentido.

No que diz respeito a um acordo com o PCP, Catarina Martins, não rejeita a possibilidade visto que os dois partidos apesar de ambos divergirem em muitos aspectos, acabam por convergir no que diz respeito às políticas essenciais.

Catarina Martins ainda teceu algumas críticas aos partidos da maioria, pois acredita que estes irão tirar proveito do factor Sócrates para desvirarem atenções dos assuntos que realmente interessam aos portugueses.

+ notícias: Política

Sócrates entra na campanha e diz que está ao lado do PS e de António Costa

O antigo primeiro-ministro José Sócrates disse que está ao lado do PS e de António Costa pela vitória eleitoral nas eleições legislativas de 04 de outubro, numa declaração

Agir: Lugar de Joana Amaral Dias poderá ficar vazio

O líder do MAS, Gil Garcia, afirma que na iminência de Joana Amaral Dias ser eleita, prefere deixar o lugar da deputada vazio durante a sua licença de maternidade, do que o atribuir a "alguém que não foi eleito

Luís Montenegro diz que as promessas do PS reconhecem um país "melhor"

Luís Montenegro, líder parlamentar do PSD, afirmou esta segunda-feira que as promessas apresentadas pelo PS reconhecem um país que

<http://portocanal.sapo.pt/noticia/68397/>

1/2



Taxa moderadora do aborto é fixada nos 7.75 euros

07-09-2015 14:51 | País
Porto Canal (LYV)

O valor da taxa moderadora da interrupção voluntária da gravidez (IVG) foi fixada nos 7,75 euros. A lei, que entra em vigor no primeiro dia de Outubro, prevê "o pagamento de taxas moderadoras na interrupção de gravidez quando for realizada, por opção da mulher, nas primeiras 10 semanas de gravidez".

Segundo a legislação publicada esta segunda-feira em Diário da República, o pagamento de taxas moderadoras para a IVG entra em vigor a 01 de outubro. O valor fixado para esta taxa vai ser de 7,75 euros, o mesmo valor que é aplicado numa consulta de especialidade.

A introdução de taxas moderadoras para a IVG foram aprovadas pela maioria PSD/CDS-PP, em Julho passado, assim como a obrigatoriedade de aconselhamento psicológico e social e de consultas de planeamento familiar às mulheres que que interromperam voluntariamente a sua gravidez.

O Ministério da Saúde declarou à agência Lusa que "tendo em conta o objetivo de promover o planeamento familiar e proteger a saúde da mulher grávida, a taxa moderadora para a IVG é apenas referente ao ato de interrupção da gravidez".

+ notícias: País

Descarrilamento interrompe circulação do Metro de Lisboa entre Telheiras e Campo Grande

A circulação na linha Verde do Metropolitano de Lisboa está interrompida desde as 10:20 de hoje, entre as estações de Telheiras e do Campo Grande, devido ao descarrilamento de um comboio sem passageiros, que realizava manobras.

Taxistas manifestam-se hoje contra a Uber em Lisboa, Porto e Faro

Taxistas realizam hoje um protesto no Porto, em Lisboa e em Faro, com a realização de marchas lentas, a partir das 08:30, contra o transporte de passageiros por condutores ligados à aplicação eletrónica Uber.

FC Porto vai ter jogo difícil frente a Belenenses moralizado afirma Paulo Fonseca

O treinador do FC Porto, Paulo Fonseca, disse hoje que espera um jogo difícil em casa do Belenenses, para a 9.ª jornada da Liga de futebol, dado que clube "vem de uma série de resultados positivos".